

Revista da Semana

Ano XLIV -:- N.º 23 -:- Cr\$ 1,50 em todo o Brasil -:- 5 de Junho de 1943



O NOVO COSSACO DO DON

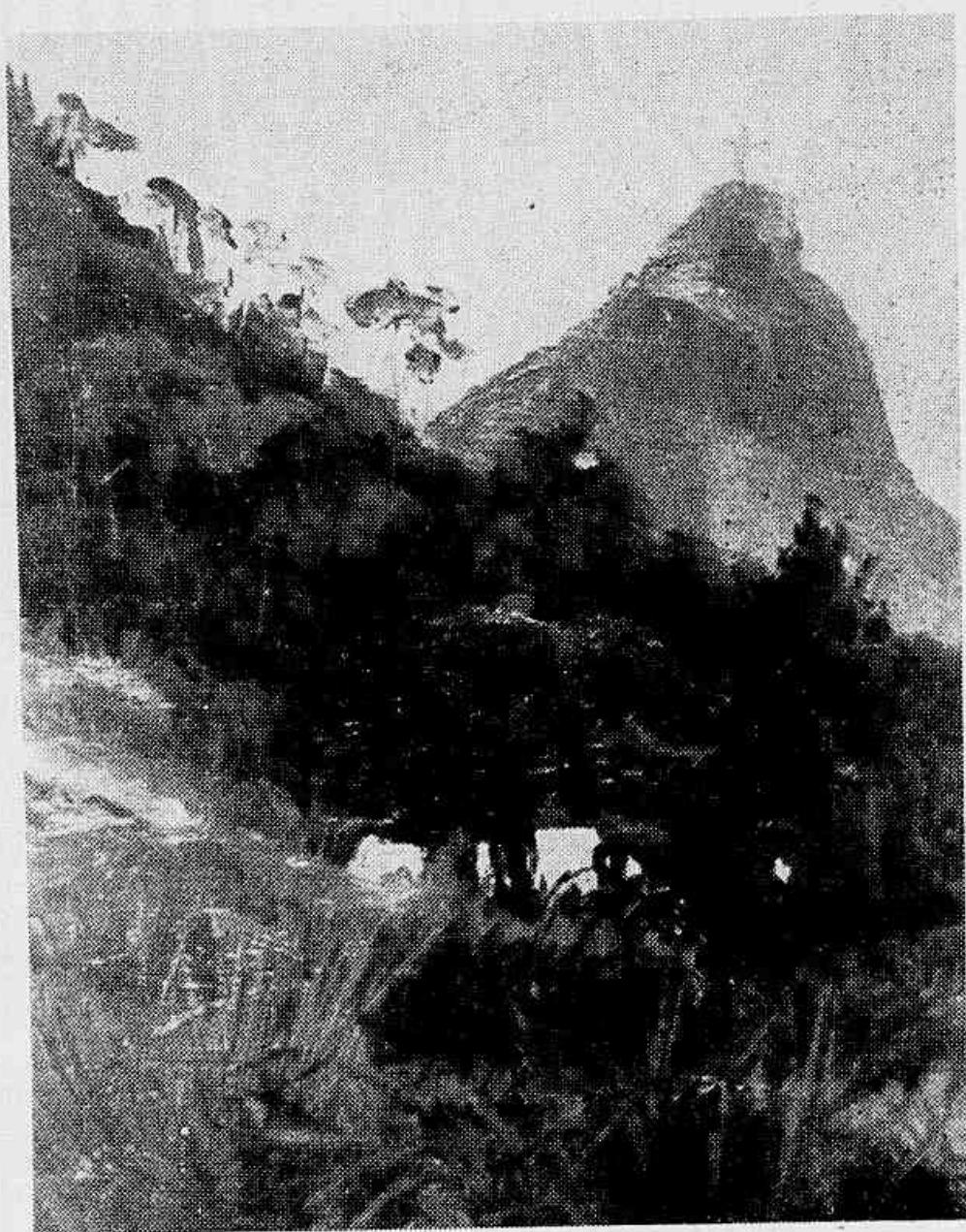
Exposição Sinhá d'Amora Maciel



Interior de Favela.



Tarde colorida.



Corcovado.

No salão do Palace Hotel, a pintora patricia Sinhá d'Amora inaugurou a semana passada sua primeira exposição individual.

São cêrca de 40 trabalhos, entre paisagens, marinhas, figuras, flores e manchas, mostrando um agradável equilíbrio de conjunto, no qual avultam, aqui e ali, algumas telas de seguras qualidades pictóricas.

O forte da artista está nas paisagens e nas flores. Ha mesmo alguns quadros desse gênero que não destoam do que tem aparecido de mais expressivo entre nós, ultimamente.

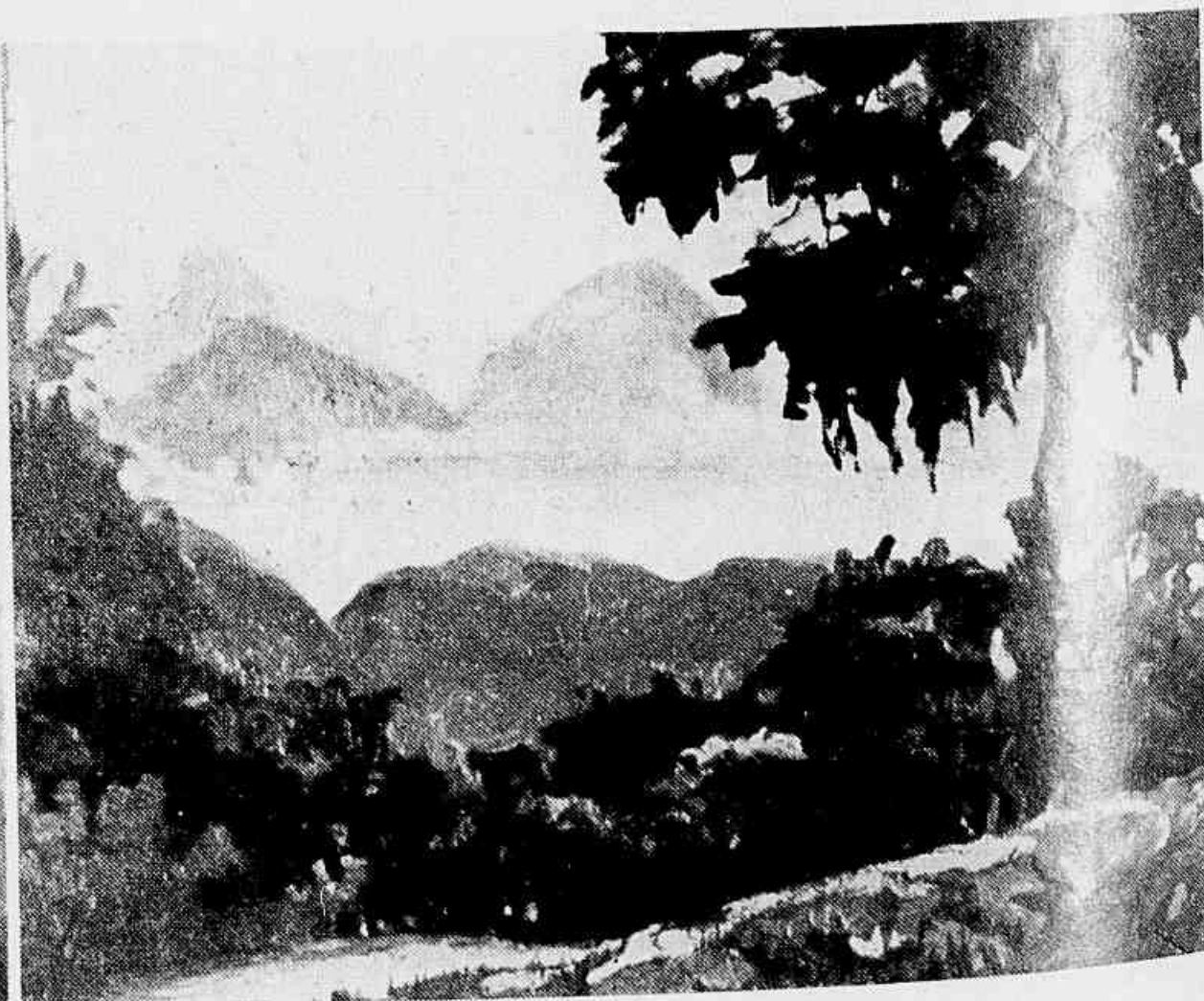
"Rosas", quadro de grandes proporções, "Botões emurechecidos", do numero das composições florais assim como "Corcovado", "Interior de Favela", "Tarde colorida", de que damos nesta página as respectivas reproduções, valorizam solidamente a exposição da pintora, que deste modo se afirma não apenas como uma promessa, mas em pleno domínio das suas realizações no terreno artistico.



Botões emurechecidos.



Rosas.



Vista do Parque da Cidade.



SAUDAÇÃO À INGLATERRA

Ha tres anos, precisamente, todo o mundo civilizado estremecia de angustia, ante a espantosa noticia da capitulação da França. Foi a grande hora de susto e amargura para a civilização, pois o colapso da patria da latinidade, anunciando a grande noite que se ia projetar sobre o espirito universal, significava ao mesmo tempo a tremenda situação de isolamento em que ficava a Insulterra, sozinha, a poucos minutos dos aerodromos franceses, dessa hora em diante em poder dos nazistas — entregue unicamente à decisão e à bravura de seus filhos. Como a pequena ilha intrepida aceitou o desafio alemão, numa hora que seria naturalmente de panico, a historia guardou já o registro admiravel, por ocasião da BLITZ de 1940. Celebrando o espirito inglês, que não desmentiu em nada as tradições do passado, esta pagina dum francês illustre é a melhor homenagem que se lhe pode prestar, ao evocar a epopéia de Dunquerque e a resistencia britânica à furia sanguinolenta da Luftwaffe.

Por

HENRI FOCILLON

Professor no Colegio de França

Revista
da
Semana

NUNCA a Inglaterra foi maior do que nestes dias, em que, sozinha, defende a liberdade do Mundo. Ela está de pé, de armas na mão, sobre esse penedo, profundamente recortado que lhe serve ao mesmo tempo de pedestal e de trincheira e é hoje o ultimo bastião do Ocidente. A' sua volta, reúne os seus homens, os seus canhões, os seus navios e os seus grandes passaros de aço. Não precisa de apelar para a força de alma de seus filhos: eles se acham cheios dela.

Tudo se fez para enfraquecê-la e desacreditá-la. A raiva dos povos inferiores procura ainda amotinar contra ela os homens livres, despertando velhas querelas, velhas suspeitas. Durante muito tempo os Estados Unidos foram complacentes às vozes perfidas que lhes aconselhavam afastar-se dela. E eis que a França lhe falta, em circunstancias horríveis que a historia, um dia, ha de esclarecer. No deserto das ondas, em meio duma enorme solidão, a Inglaterra ergue-se em toda a sua estatura.

Lembremos o que ela fez pelo mundo, no dia em que os normandos da França a fizeram entrar no concerto dos povos do Ocidente. Não somente fundou as bases das liberdades publicas. Constantemente se tem erguido contra toda tentativa de dominio pela força, contra todo atentado ao equilibrio e a medida. Cada esforço para instalar na Europa um despotismo asiático se chocou contra a resistencia desse rochedo, contra o qual se foi quebrar. Foi ela o escolho de Felipe II, de Luis XIV, de Napoleão, da Alemanha imperial. Repeliu ou decapitou as dinastias que queriam falsear o sentido da historia. Sobre as margens onde instalou o trabalho e a esperança do homem branco, promoveu a liberdade dos povos distantes de que é mãe. E' um imperio, mas composto de republicas. E' uma aristocracia, mas que se renova a longos traços nas camadas profundas da nação. E' um velho país, é um grande passado, mas, sem ela, não ha futuro possivel para os homens. Sua derrota significa o universo modelado pela servidão, a ruina das felicidades particulares e das prosperidades coletivas, a maré montante da estupidez, a propagação do Evangelho das Trevas.

Mil imagens se apresentam ao nosso espírito. Eis Lord Heathfield, que Reynolds pintou de vestes vermelhas, a segurar na grande mão a grande chave de Gibraltar. Eis Arthur Wellesley, de pé por trás das linhas fortificadas de Torres Vedras, canto perdido na península iberica, onde contém e abala a sorte de Bonaparte, antes de destrui-la. Eis a longa sequencia de cães de fila do oceano que, através da bruma, da tempestade e dos combates, montou em torno das Ilhas uma guarda secular. Ouço a voz enrouquecida de Churchill, de quem cada palavra é dum metal romano. E revejo também as manhãs inglesas, essas cidades nordicas onde a gente desembarca, provinciais, pacificas, como o rosto da patria. Antecipadamente, sinto os golpes que vão ferí-las como aqueles que atingiram as cidades da França. Mas são esses homens e esse país que hão de por fim ao sonho delirante da Alemanha, que trarão de novo á medida humana as tribus da idade dos metais, que assegurarão o predomínio da historia sobre a prehistoria.

No momento em que a França, de suas mãos despedaçadas, deixa cair as armas, volta-se para a Grã Bretanha, com o coração puro de qualquer amargura.

Salve a Inglaterra intrepida, de pé nos combates, em face da guerra, em face da noite

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se desloca

A sua dentadura postiça cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. FIXODENT é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postiças. Conserva-as mais firmemente na bôca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na bôca nenhuma sensação pegajosa. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil: ODONTOLOGIA AMERICANA Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro



ZIMOLACTOL

GRANADO & CIA. RIO DE JANEIRO

FERMENTOS LÁCTICOS

INTOXICAÇÕES INTESTINAIS

URTICÁRIA = COLITES

GASTRO-ENTERITES

T. TARGUINO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para a pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICA

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; Seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; Seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; Seis meses — Cr. \$ 90,00
O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este número consta de 52 páginas

Outros riram...



— Teu marido morreu em seu perfeito juízo?

— Não sei, meu bem. Ainda não se abriu o testamento.



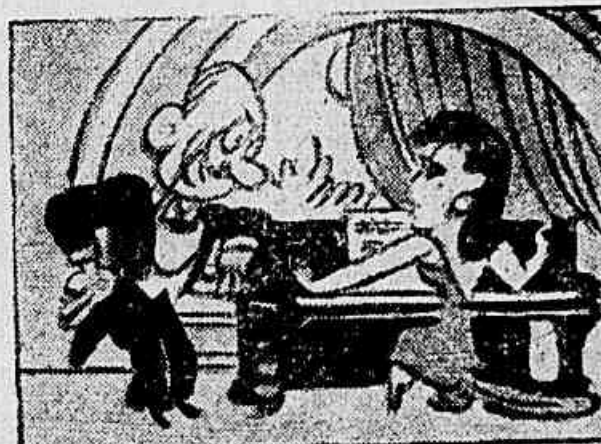
— Escute, minha senhora. O patrão disse-me que não voltasse sem receber esta conta.

— E o senhor não percebeu logo que era uma maneira delicada de o pôr na rua?



— E sua filha? Vai melhor?

— Nem por isso. Aquela falta de apetite... Já nem lhe agradam os pratos que o médico proíbe...



— A senhora toca admiravelmente. E não canta também?

— Não. Fui proibida pelo médico.

— Ah, é seu vizinho?



— Resolvi não casar antes dos trinta anos.

— E eu resolvi não fazer trinta anos enquanto não casar.



— Como teve coragem de matar uma pobre senhora para roubar dez mil réis?

— E' que os tempos andam ruins, senhor delegado... E, depois, dez mil réis aqui, dez acolá...

A nossa capa

Os cossacos eram, até a revolução russa, figuras quasi lendárias. A ideia que se tinha desses terríveis cavaleiros era a duma horda de centauros devastadores, pilhando aldeias e invadindo as cidades, para a implantação do terror e da desolação.

Depois da revolução de 1917, começaram a surgir aqui e ali, mundo a fora, grupos e mais grupos de cossacos desde os cossacos da Ucrânia, com aquele estupendo coro que veio até o Brasil, aos pelotiqueiros de circo, em estrepolias de apanhar lenços no chão da arena ou pular arcos de papel incendiado.

Essas figuras, meio literárias, meio decorativas, tiveram uma nova edição na campanha atual. Não são mais, seguramente, os barbudos cavaleiros do tempo de Ivan o terrível nem do czar Nicolau, evocados pela pena de Tolstoi, mas os soldados eficientes dum exército moderno, capaz de infligir a mais fragorosa das derrotas às tropas de Hitler, no setor Europeu.

No correr dos ultimos meses, de fato, a região do Don e do Donetz têm marcado continuamente o noticiário telegrafico, com as noticias do fracasso nazista ao tentar a demolição da tremenda barreira armada pelos cossacos.

Na nossa capa de hoje, vemos o comandante do 4.º corpo de cossacos, na sua moderna indumentaria, numa foto cedida gentilmente pelo B. N. S.

PRISÃO de VENTRE?



TORREFAÇÃO DE CAFÉ

NOVO PROCESSO QUE EVITA A PERDA DO SABOR E DO AROMA

Nos Estados Unidos acaba de ser descoberto um processo chamado "analítico" de torrear café, sem prejuizo do máximo de sabor e aroma.

Esse método baseia-se na análise dos gases emanados do café durante a torrefação, gases esses que são transferidos do torrador para a água, onde os ácidos voláteis se condensam e dissolvem, comprovando-se imediatamente a acidez da solução. Quando essa comprovação revela que a eliminação dos gases ácidos começa a se tornar excessiva, o café já está completamente torrado, sem perda de seu sabor e aroma.



COM UMA "Blitzkrieg" NÃO SE CURAM OS MALES DO ESTOMAGO

Não adianta castigar o estômago com purgantes, quando lhe precisa de um correctivo que normalize a digestão. Tenha sempre à mão FOSTEX, que não contém chás e outros laxantes.

Combate a acidez • Absorve e fermenta • Elimina gases • Estimula a função biliar • Acelera o movimento da digestão.

Produção FOSTEX



Senhoras

Capsulas

MENAGOL

PARA A FALTA DA MENSTRUACÃO

A SEMANA EM REVISTA

SEU CANDINH E SIA' RITA



Considerando-se bem as coisas, chegaremos à conclusão de que não existe sentido para *tudo isto*. A vida carece de finalidade, considerada em si mesma. O homem absolutamente feliz é uma hipótese, uma vez que se queira conceber a felicidade como um valor. O que se confunde, em geral, com felicidade, é um estado de atordoamento, de inconsciência. Algo como as vibrações de uma corda de instrumento musical, produzindo som. O som não nasce da corda, nasce apenas de uma situação criada por elementos circunstanciais. A velha história da camisa do homem feliz é muito verdadeira.

Se a palavra felicidade, porém, não corresponde a nenhuma quantidade positiva, representa, não obstante, alguma coisa. A afirmação, embora paradoxal, cremos que seja razoável. Nas equações algébricas, cada letra tem o seu valor; a questão é descobri-lo. Na equação da vida, poderemos encontrar a incógnita da felicidade. E a felicidade talvez seja apenas isto: *ter possibilidades de experimentar*. Experimentar tudo interruptamente, por um longo prazo. O sonho de Fausto não foi nada mais do que isto. Lememos a doença, a velhice, a morte, não pela realidade mesma de cada uma dessas coisas, mas porque impedem, cortam, de súbito, o nosso vôo pelo céu da experiência vital. A felicidade é, pois, um bem essencialmente pagão.

O intelectual é o tipo de homem que mais ama a felicidade. Sua capacidade receptiva anímica, aumenta extraordinariamente sua experiência virtual e ele não pode acostumar-se à idéia de que irá perder todo esse paraíso que chega até o seu sangue pelas antenas do cérebro. São grandes lubrificos cerebrais. Amam imensamente o próprio vazio em que vivem e sentem um pavor quasi infantil da morte. Raro o caso de um d'Annunzio, de um Maugan. Aliás, o estoicismo, visto sob certo ângulo, é um sintoma de mediocridade — porque os gênios não sabem renunciar.

Segundo notícias, na cidade de Santa Luzia, Mira Gerais, existe um casal de macróbios, estando ele com 130 anos e ela com 118! Gozam perfeita saúde e ainda percorrem longos trajetos a pé. Foram espectadores de diversos fatos históricos, entre os quais a entrada de Caxias em Santa Luzia, durante a revolução de 1842. Cem anos de experiência! Um século de felicidade!

ELE E O GALO

Que os homens não se entendem muito bem entre si, é um fato conhecido. A vida em sociedade é uma arte, uma arte cujo segredo nem todos possuem. Qualquer contato com o próximo se faz atrito. O que se passa no plano mediato das relações individuais repete-se, de outra maneira, no plano internacional. Os povos lutam sempre, a propósito de tudo e até sem propósito nenhum.

Nada mais burlesco do que uma discussão entre seres humanos. Imaginemos, por exemplo, um açougueiro brigando com o seu empregado, ou duas velhas que não chegam nunca a um acordo. São, apenas, duas cenas esparsas da comédia humana. Mas acontece que o homem não se entende só com o seu igual. É velho o costume de atribuirmos uma alma, uma personalidade, a todos os elementos da natureza; porém, mais do que à água, ao sol, às montanhas, o homem normal do século XX considera alguns animais. O cão e o cavalo, encontram-se neste caso. O cão é o seu amigo incomparável, seu companheiro nas empresas difíceis, seu auxiliar na guerra, o vigia atento de sua casa. O cavalo desempenha um papel quasi igual. Aquilo, porém, que torna mais notáveis as relações do homem com o cão e o cavalo, é a quasi humanidade dessas relações, acarretando em ambos, estados de espírito demonstrativos de todas as temperaturas sentimentais. Um cavaleiro, não raro, mostra-se disposto aos maiores sacrifícios pelo seu animal.

O fato sucedido há dias demonstra que mais um bicho conquistou a consideração do *homo sapiens*. Foi encontrado em plena rua um respeitável cidadão que insultava discretamente... um galo. Sim senhores, um galo! Além de insultá-lo, muito em surdina.



Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio serio e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

esbofeteava-o! Acabou chamando atenção dos populares. Preso, declarou que a vítima lhe havia dado um vultuoso prejuízo através de uma aposta que perdera na corrida. Nota para os associados da associação protetora dos animais: o galo está em franca convalescença, num hospital veterinário.

O CINEMA E A VIDA

Muita coisa já tem sido escrita sobre o mundo moderno. Desde os trabalhos sérios dos sociólogos, dos estudiosos honestos — até à observação superficial do dilettante, ao jogo de palavras do jornalista. Podemos notar, entretanto, lendo uns e outros, que um dos maiores fenômenos do mundo contemporâneo — o cinema — não tem merecido a devida consideração.

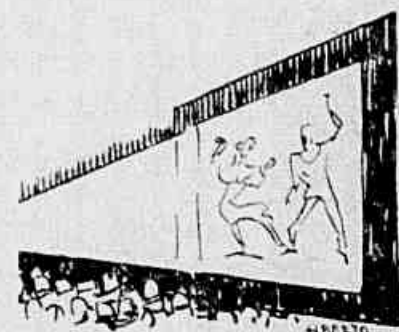
Pensando-se um pouco, admitiremos que o cinema vem desenvolvendo um papel preponderante na evolução civilizacional. Desde o seu aparecimento, vem anulando fronteiras culturais entre as nações e entre os continentes, concorrendo para diminuir as distâncias geográficas — estabelecer uma espécie de intimidade entre os homens dos quatro cantos do mundo. Hoje estamos perfeitamente identificados, aqui no Brasil, com a vida social yankee ou européia. Outro sim, o cinema desenvolve papel notável na educação das massas. Se a literatura, que é apenas uma descrição da vida, pode influir tão poderosamente na mentalidade de um povo, que dirá o cinema, o qual, pelo milagre da imagem animada, reproduz a própria vida num terceiro plano?

Bem orientado, o cinema é um elemento civilizador. Poderia até, ser um poderoso auxiliar, numa cruzada internacional pela paz e pela fraternidade dos povos.

Nas metrópoles litorâneas do nosso País, encontraremos na linguagem, no vestuário, nas normas de comportamento — reflexos frequentes do cinema; nas pequenas cidades interlandicas, a influência dos filmes não é menor. O "flirt", a vida de clube, a transformação da moda, são consequências visíveis dos espetáculos cinematográficos.

Mas o cinema, infelizmente, vai conduzindo o Brasil para longe de suas raízes, afastando-o da cultura tradicional. Sob esse ponto de vista, qualquer fita de origem estrangeira é prejudicial a uma nacionalidade. Pois bem, agora, por causa da guerra os exibidores brasileiros estão atravessando uma crise grave. Diminuíram as filmagens nos EE. UU. e, além disso, por motivos que são do conhecimento geral, parte das importações não chegam a seus respectivos destinos. Fala-se, com maior insistência do que nunca, na criação de uma grande indústria cinematográfica nacional. Surgiriam na tela os temas genuinamente brasileiros, fortalecendo nos corações a crença nos valores pátrios. A independência econômica que a siderurgia nos vai dar, essa possível emancipação cinematográfica viria completar, concorrendo para a fixação da alma brasileira e para melhor conservação de nosso patrimônio cultural. Avante, pois.

FLÁVIO



DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouv. dor 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES
Série d. g. da por
GILBERT DE PARIS

Homens! a morte é uma ilusão! Só a vida é verdadeira e eterna! Nem só os deuses ressuscitam à clara luz da manhã, depois da noite do suplício e do opróbrio... Todos ressuscitam e tudo ressuscita: deuses e vermes, criadores e criaturas, plantas e animais, estrêlas e insetos, aves e pedras. Este, que, no dia de hoje, depois de morto e enterrado, apareceu a Maria Madalena, tocado de luz celeste dentro de um nimbo resplandecente, sobre a pedra quebrada do sepulcro, — Este mesmo, quando reacendeu a chama da vida no corpo frio de Lázaro, quis mostrar-nos que a vida é eterna. Ninguém morre enquanto ama e espera. Aquilo a que dais o nome de morte, é uma síncope ligeira: também, o sol desaparece todos os dias aos vossos olhos, — mas não morre: vai deslumbrar e alegrar outros olhos. Homens, amai a vida, que é eterna! Se a morte não existe, também não existe a mágoa... Vós que sofreis, vós que vos rebelais, vós que amaldiçoais o dia em que nascestes, vós que tendes como os desherdados e os órfãos dos bens da vida, — amai e esperai! Ninguém sabe quando virá a ventura: ela, porém, nunca deixa de vir, por este ou por aquele caminho, com este ou com aquele aspecto!

Nem sempre viver é pensar. Viver é pensar, para as almas fortes; para as outras, viver é gozar. E as almas femininas só são fortes quando se aproximam dessa era fecunda dos quarenta anos, em que o amor é contado, aproveitado, ocupado, como as últimas moedas da fortuna de um pródigo, — e em que os desejos, dotados de uma experiência longa, já não alvejam fantasmas de prazeres, mas glórias seguras, riquezas certas e satisfações reais.



Porque, enfim, que é a verdade? E' o que parece verdadeiro. Os nossos sentidos rudimentares ainda são, e serão, escravos da eterna aparência. Há estrêlas, cuja luz leva séculos e séculos a chegar à terra: e é possível que, no momento em que essa luz chega a ferir a nossa retina, já esses mundos estejam mortos e apagados. Que importa? As estrêlas existem, — porque as vemos. A ousadia de afirmar ou negar cabe apenas a espíritos inchados de vaidade, que proclamam a sua própria infalibilidade, sem necessidade de conclave, e caminham pela vida, possuídos de orgulho e de certeza, afirmando que conhecem polegada a polegada a vereda do real, — at — que quebram a cabeça contra um tronco de árvore, ou rolam ao fundo de um poço lamacento...

Creio que verdadeiramente feliz só pôde ser julgado o homem que, sem ambições e sem remorsos, rói com resignação o osso que o Destino lhe atirou. Mas não é essa a acepção vulgar do adjectivo feliz. Feliz é, na linguagem corrente, o homem bem ladado que sempre encontra diante de si o caminho plano e cómodo, e que, por um percurso maravilhoso de circunstâncias, consegue, com ou sem estorço, realizar e unir, enfileadas na sua pessoa, tôdas as alegrias da vida: o amor, o poder, a glória, a saúde, a riqueza.

O que realizamos nunca é tão belo como o que sonhamos!



TOPETES

5 de Junho de 1943



O MAU ZUAVO

CONTO DE ALPHONSE DAUDET

O ferreiro Lory, de Sainte-Marie-aux-Mines, na Alsácia, não estava nada contente naquele fim de dia.

Era seu costume, uma vez apagada a forja, ao por de sol, sentar-se num banco junto á porta da vasta oficina e gosar assim a doce preguiça que resulta do trabalho de horas seguidas, sobretudo nos mezes de verão. Antes de despedir os empregados e os aprendizes, bebia com eles um ou dois bons copos de cerveja, olhando a saída das fábricas visinhas. Naquela tarde, porém, o nosso homem deixou-se ficar na forja até á hora de jantar. E foi para a mesa como quem positivamente não tem vontade de comer nem de falar.

Olhando o marido de soslaio, a velha Lory dizia consigo: "Que terá ele? Provavelmente recebeu do regimento alguma noticia desagradavel que não me quer dar. Estará o rapaz doente?" Não ousava, porém, interrogar o marido; e fingia-se completamente distraída com os tres outros filhos, crianças ainda, que, á volta da mesa, saboreavam, entre risadas, uma salada de rabanetes com crème.

Por fim, o ferreiro arredou o prato, resmungando com mal contida colera:

— Petifes... Miseráveis...

— Quem foi que te aborreceu dessa maneira, meu velho?

O ferreiro explodiu:

— Quem? Cinco ou seis canalhas que, desde esta manhã, andam aí pela cidade, fardados de soldados francezes e de braço dado com os bávaros. São dos tais que... Como é mesmo que eles dizem?... Optaram pela nacionalidade prussiana. E pensar que não se passa um só sem que vejamos voltar mais alguns desses falsos Alsacianos! Mas como podem eles fazer semelhante coisa? Como diabo se consegue que eles façam isto?

A esposa tentou defendê-los:

— Que queres, meu velho... Talvez a culpa não seja deles. Fica tão longe essa Argélia para onde os mandam... Chegam lá, enchem-se de saudades... E quando não podem aguentar mais, deixam de ser soldados.

Lory deu um murro na mesa:

— Calate! Vocês, mulheres, não entendem nada destas coisas. A forja de viverem com os filhos e só para eles, imaginam que tudo na vida são brinquedos de criança. Eu, porém, te afirmo que esses individuos não passam de covardes, de infames renegados. E se, por desgraça, o nosso Christiano fosse capaz de tal miseria, tão certo como chamar-me Georges Lory e ter servido sete anos nos caçadores de França, eu o atravessaria, com aquele sabre, de lado a lado!

E com ar terrível, apontava a sua longa espada de Caçador pendurada contra a parede, por baixo do retrato do filho, em uniforme de zuavo, retrato que o rapaz tirara na Africa. Mas aquela figura de bom Alsaciano, tostada pelo sol e exuberante ainda de saúde e alegria, bastou para lhe restituir a serenidade perdida. O ferreiro desatou a rir:

— Ora que idiota que eu sou em me exaltar! Como se o nosso Christiano pudesse sonhar sequer em se tornar Prussiano, ele que tantos deitou abaixo durante a guerra...

Inteiramente desanuviado por essa idéa, Lory acabou jantando com satisfação e depois foi beber alguns copos de cerveja no botequim "Ville de Strasbourg".

A velha Lory ficou sósinha. Depois de haver deitado os tres garotos, tomou um trabalho de costura e foi se acomodar com ele diante da porta do lado do jardim. De vez em quando suspirava, dizia consigo:

— Sim, covardes, renegados, mas deixem lá... As mães hão de estar bem contentes de os verem voltar...

Lembrava-se do tempo em que seu filho, antes de ir fazer o serviço militar, andava ali, áquela mesma hora, entretido a tratar do jardim. Olhava no poço onde ele ia encher o regador, forte e corado, de blusa azul, cabelos longos — os belos cabelos que lhe tinham cortado ao chegar ao quartel...

De repente estremeceu. Alguem abria a porta do fundo, que dava para o campo. Os cães não tinham dado sinal de gente estranha. No entanto, alguém entrara, se aproximara sem fazer ruido, como um ladrão...

— Mamãe!

Christiano estava diante dela, perturbado, envergonhado, com o uniforme coberto de poeira. O pobre diabo voltara á terra com os outros; e ha uma hora andava ao redor da casa, esperando que o pai sáisse para ele entrar. A mãe quiz lhe ralhar mas não teve coragem. Ha tanto tempo não o via, não o beijava! E o rapaz deu as suas razões. Não podia suportar mais tempo aquela tristeza, longe da terra, da forja, sempre longe da familia, com a disciplina cada vez mais dura, os camaradas chamando-lhe "prussiano" por causa do seu sotaque da Alsácia...

Tudo o que ele diz, a mãe o acredita. Basta olhá-lo para o acreditar. Conversando passam para a sala de dentro. Os pequenos, acordados, correm, descalços e em camisa, a abraçar o "soldadão". A mãe quer lhe servir de comer, mas ele não tem fome. O que sente é uma grande sede. E entorna copos de água por cima das "rodadas" de cerveja e de vinho branco com que desde manhã, no meio dos camaradas, esteve matando o tempo na taberna.

Mas ouvem-se passos no pátio. E' o ferreiro que volta.

— Christiano, esta á teu pai! Esconde-te depressa, para eu ter tempo de lhe falar, de lhe explicar...

Empurra-o para traz dum movel, senta-se de novo a costurar, com as mãos trémulas. Por infelicidade, a "chéchia" de zuavo ficou em cima da meza — e é a primeira coisa que Lory vê ao entrar. A mulher empalidece, não sabe o que dizer, o que fazer... Mas o marido compreende tudo.

— Christiano está aí! exclama, em voz alucinada.

E arranca da parede o sabre justiceiro. A mãe precipita-se a tomar-lhe a frente:

— Lory! Escuta! Não faças isso! Fui eu que escrevi para voltar. Que estamos com saudades, que precisavas dele na forja...

Aferra-se-lhe ao braço, arrasta-se, soluça. Na treva do quarto, as pequenos enchem-se de pavor, ouvindo aquelas vozes de cólera e de choro, tão mudadas que nem eles as reconhecem. Por fim, o ferreiro detém-se, pensa um momento, e, de olhos fitos na esposa:

— Ah, foste tú que o mandaste voltar... Então está bem. Ele que se vá deitar. Verei amanhã o que tenho a fazer.

De manhã, Christiano, despertando dum sono que foi uma série de pesadelos, vê-se no seu quarto de menino. Já o sol vai alto. Ouve-se o estridor dos martelos na bigorna. A mãe está á sua cabeceira; não se arredou dali a noite inteira, receando que o marido viesse, fizesse alguma loucura. E o velho também se não deitou. Até ao amanhecer andou pela casa, suspirando, abrindo e fechando armários... Entra agora no quarto do filho, gravemente, vestido para jornada, com altas polainas, chapéu desabado, varapau de montanha, rijo e ferrado na ponta. Aproxima-se do leito, ordena serenamente:

— Levanta-te. Vem.

O rapaz, embaraçado, vai envergar o uniforme de zuavo.

— Não, esse, não! proíbe o pai, mais severo.

E a mãe, livida de medo:

— Mas Lory, ele não tem outra roupa...

— Dá-lhe a minha. Não preciso mais dela.

Emquanto o rapaz se veste, Lory dobra cuidadosamente a farda, faz uma trouxa, ultima rapidamente outros preparativos:

— Agora, vamos para baixo.

Todos tres, sem dizer palavra, descem a escada. Revendo a vasta oficina toda aberta, na qual tanto pensara lá longe, o zuavo lembra-se de quando, em criança, andava brincando entre o sol da estrada e a labareda da forja, rumorosa e refulgente contra a parede negra de carvão. Vem-lhe um acesso de ternura, um grande desejo de obter o perdão do pai; mas, erguendo os olhos, estarrece, sob aquele olhar inexoravel.

O ferreiro resolve enfim falar.

— Rapaz... diz ele — Aqui está a bigorna, as ferramentas... tudo isto é teu... E isto também! acrescenta, indicando o jardim que se abre ao fundo, cheio de sol e de abelhas, através do espaço enfumaçado da porta... — Os cortiços, a vinha, a casa, tudo te pertence. Uma vez que sacrificaste a tua honra a estas coisas, é justo que tomes conta delas. Ficas senhor de tudo. Eu parto agora mesmo. Deves cinco anos á França, vou pagá-los em teu lugar.

— Lory! Onde vais? exclama a pobre velha.

— Pai! suplica o rapaz.

Mas já o ferreiro partiu, a passos largos, sem olhar para traz.

Em Sidi-bel-Abbés, no quartel do 3.º de zuavos, ha agora um voluntário de cinquenta e cinco anos de idade.

Ao despertar...

TOME 'SALDEFRICTA'
ENO

que lhe dará bem estar todo
o dia e saúde toda vida!



Vendido em
3 tamanhos
GIGANTE
GRANDE
PEQUENO

LIÇÕES DE CLÍNICA MÉDICA PRÁTICA, do Dr. Louis Ramond (Décima segunda série)
tradução do Dr. Drummond Alves — Rio de Janeiro, 1943.

LIÇÕES
CLÍNICA MÉDICA
PRÁTICA

Já aqui nos referimos às *Lições de Clínica Médica Prática*, do ilustre facultativo a serviço do Hospital Laennec, e à tradução feita pelo Dr. Drummond Alves. Tratava-se então das séries doutrinárias da Primeira à Décima Terceira, excluída a Décima Segunda. Esta, isolada das outras, constitui o presente volume de cerca de trezentas e vinte páginas.

Como da primeira vez, assinalaremos agora as dificuldades mais ou menos desesperadoras, conforme o temperamento e os escrúpulos de cada indivíduo, em que se veria o profano obrigado a dar sobre semelhantes obras uma opinião... pessoal. Mas, em verdade, a maneira como o Dr. Ramond desenvolve os seus assuntos a toda a gente os torna compreensíveis. A sua dissertação sobre a Coxartrose, embora pela primeira vez se nos depare tal designação da "artrite crônica do quadril", desde as primeiras linhas nos interessa e nos vai esclarecendo. O mestre nos apresenta o caso dum enfermo que deu entrada na sua clínica do Hospital Laennec. Faz-nos a história do mal, relacionando com as observações de eminentes autoridades da matéria os seus próprios exames, confrontos e conclusões. E' como se, na qualidade de

os seus próprios exames, confrontos e conclusões. E' como se, na qualidade de

MOVIMENTO

estudante, o estivessemos ouvindo, "vendo" até, impressão, além do mais, perfeitamente agradável. E esse primeiro efeito da leitura, que vale por um prêmio à nossa curiosidade, nos conduz através dos outros capítulos do livro, que são quinze: *Úlcera — cancer gástrico, Síndrome parkinsoniano, A gripe de forma tórfica, Os acidentes da arsenoterapia da sífilis, etc.*, até ao *Infantilismo* e o *Reumatismo tuberculoso*. Enriquecem o volume trinta e uma gravuras primorosamente executadas, como todo o trabalho gráfico, nas oficinas da Companhia Editora Americana.

ONDE ESTÁ A CONSOLAÇÃO, vários escritos da Sra. Eduarda Scheid — Rio de Janeiro, 1943.

O intuito da Sra. Eduarda Scheid consiste em nos ensinar, a todos, a maneira de não nos deixarmos vencer pelos tormentos e misérias deste mundo. Não pode, com efeito, haver mais nobre objectivo. A Sra. Scheid nos esclarece e aconselha, de acordo com o recurso de que se valeu e o resultado que obteve em transe extremamente doloroso, capaz de a levar ao desespero, se não fora o adivinativo adotado em tamanho sofrimento. Tendo perdido seu marido, companheiro ideal da sua existência, irmão perfeito da sua alma, não sabia como suportar a permanência na Terra, quando lhe acudiu o único meio salvador. Como Goethe nos aconselha a fazer da dor um poema, a própria angústia a induziu a ela, a cultivar a prosa. E assim se formaram as trezentas páginas deste volume.

ONDE ESTÁ A CONSOLAÇÃO

A autora de *Onde está a consolação* não escolheu um gênero para metódica ou especialmente se lhe entregar. Foi escrevendo, como lhe reclamava a emoção de cada momento. Nestes trabalhos, curtos em geral, encontramos a crônica sobre um fato ou uma observação; a fantasia sugerida por um motivo jubiloso ou melancólico; a digressão levemente filosófica; a historietta de fundo educativo ou moralizador... Assim a Sra. Scheid aborda assuntos de essência e aspecto mais diferentes, tais como os que lhe valeram os trabalhos intitulados *A natureza, O vento, Natal e uma saudade, O acaso, O casamento e o divórcio, A inveja, A necessária higiene, A modéstia, O Carnaval, A perseverança, Uma homenagem ao Dr. Pedro Fernandes*. E fecham o livro dois volumes louvores: às classes armadas e ao Dr. Getúlio Vargas.

A fôrma é sempre espontânea, desenvolta; e sente-se a satisfação com que a Sra. Eduarda Scheid realizou qualquer dos trabalhos aqui reunidos. Todos aqueles que se sintam maltratados pela vida, golpeados pelo destino, lhe devem seguir o sexemplo se puderem.

MADAME WALEWSKA, romance de Octave Aubry — Rio de Janeiro, 1943.

Numa passagem da comédia de Robert de Flers e G. A. de Caillavet *L'Habit vert*, tres ares refulgentes, espadanantes de espírito e de malícia, trata-se no chamado "partido dos Duques" da Academia Francesa, da escolha do candidato a sufragar para a vaga que se deu na Insigne Companhia. O extinto notabilizara-se pelas suas obras de História. Por isso um dos presentes sugere que se bafeje um historiador.

MADAME WALEWSKA

O GRANDE AMOR DE NAPOLEÃO



— Mas todos os historiadores... objecta alguém — passaram a escrever romances...

— Vejamos então um romancista.

— Mas os romancistas agora só escrevem peças de teatro!

Octave Aubry está no segundo desses casos. E' um historiador que, a certa altura da carreira, se sentiu irresistivelmente tentado pela arte de criar episódios e dar-lhes a vida que sem o diálogo não poderiam ter. Assim ele recorre aos anais e aos arquivos para formar a base dos seus trabalhos de reconstrução das épocas, de recomposição dos personagens. Sobre esse fundo de verdades, porém, sobre esses alicerces de exatidão, levanta o edifício, misto de fidelidade, de fantasia. Respeita naturalmente as datas principais, observa a situação dos fatos mais importantes, acompanha as praxes, as cerimônias, segue todas as tradições — reservando-se, porém, sempre a parte destinada à própria fantasia. E assim nos conta "o grande amor de Napoleão".

A joven dama polonesa que, por amor à independência do seu país, empreende a aventura, entre galante e heroica, da conquista do conquistador, atravessa o livro numa imagem de todas as belezas. A figura, o caracter, os sentimentos da protagonista assumem sempre alguma espécie de sublimidade. Apaixonada realmente pelo guerreiro, a ele se dedica de todas as maneiras. Devido à sua intervenção não lograram, talvez, o ambicionado êxito as manobras subtis do ministro da Policia Fouché, que Sarmantão tão finamente retratou na peça em que Réjane e Lucinda Simões haviam de ter criações admiráveis!

O maior trabalho literário
do nosso tempo!

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

por WILL DURANT
autor da HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Há cerca de 20 anos, antes de publicar sua esplêndida HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Will Durant concebeu o plano de escrever uma história do século XIX. Começou, nessa época, a trabalhar no projeto, mas logo verificou que a evolução histórica e social daquele século só poderia ser exposta ou compreendida quando analisada em relação com acontecimentos anteriores, que deitavam raízes nas mais diversas e remotas quadras da história. Assim, suas pesquisas levaram-no a ampliar o projeto inicial e a formar o plano de uma história de toda a civilização, antiga e moderna, Ocidental e Oriental. Essa HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO, que se destina a ser a obra prima de Will Durant e na qual ele vem trabalhando desde 1927, constitui a mais brilhante e audaciosa tentativa feita por um único cérebro no sentido de interpretar, num todo, a longa e tumultuosa história da humanidade.



Partes publicadas:

I - NOSSA HERANÇA ORIENTAL - Tradução de Monteiro Lobato. Compreendendo a história da civilização no Egito e no Oriente Próximo até a morte de Alexandre, e na Índia, China e Japão desde os começos até nossos dias, com uma introdução sobre a natureza e os fundamentos da civilização. Dois volumes profusamente ilustrados

Cr\$ 56,00

II - NOSSA HERANÇA CLÁSSICA (A Vida na Grécia) - Trad. de Gúlnara Moraes Lobato, revista por Monteiro Lobato. História da civilização grega desde o seu início, e da civilização do Oriente Próximo desde a morte de Alexandre até a conquista romana; com uma introdução sobre a cultura pré-histórica de Creta. Dois volumes profusamente ilustrados.

Cr\$ 56,00

EM TÓDAS AS LIVRARIAS

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Peça pelo Serviço de Reembolso Postal — Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — Rua do Ouvidor, 94 — Rio de Janeiro.

LITERÁRIO

Madame Sans-Gêne. E ainda, graças à Condessa Walewska, não teria triunfado a conspiração que outro dramaturgo pôs em cena com o título *le Frisson de l'aigle*.
Octave Aubry, historiografo, afeiçoou-se intelectualmente por Maria Walewska com a intensidade da paixão desta pelo grande Bonaparte. O romance é deveras empolgante. E de certo a História não perde nada com isso.

MARCELIO DIAS, IMPERIAL-MARINHEIRO, biografia por Dídio Costa — Rio de Janeiro — 1943.

O capitão de mar e guerra Dídio Iratim Afonso da Costa resolveu organizar esta biografia, não por desconhecer ou menosprezar os trabalhos em prosa ou verso consagrados à memória do herói da *Parnaíba*, mas porque, ao cabo de caprichosos estudos, entendeu que nem tudo fora dito ou publicado para o perfeito conhecimento daquela figura histórica. Acrescentar alguma coisa de novo ou de mais expressivo, tal o seu intuito sincero. "O resumo que aqui apresentamos da vida de Marcílio Dias na Marinha de Guerra — diz o autor, num dos primeiros capítulos — não é a reprodução *verbum ad verbum*, de qualquer documento em que poderiam achar-se integralmente os seus assentamentos ou té de ofício. E' o resultado do exame de diversas peças oficiais, de completo valor documental, além da busca em outras fontes seguras". Foi a um trabalho combinado de pesquisa, confronto e comentário que o biógrafo superiormente procedeu, percorrendo as fazes e as circunstâncias daquela carreira magnífica. Através dum resumo da Guerra do Paraguay, vemos a imagem do ardoroso, quasi lendário homem do mar consumando os feitos cuja narrativa as gerações se hão de transmitir com exaltada admiração. E ao tratar do inolvidável episódio em que o nome de Marcílio para sempre se sublimou, cita o autor a passagem do poemeto de Rozendo Muniz Barreto, que termina:

*Na proa, Marcílio Dias,
Oh! que milagres fazias
Contra quatro a resistir!
Mais denodo e mais pujança
Não viram águas de França
nem os leões do Aboukir.*

Este livro especialmente se destina aos jovens marinheiros, aos quais no último capítulo se diz:

"Quanto mais as figuras de heróis persistem na imaginação dos homens, mais estes se edificam e mais acertam em suas obras. Quanto mais persistirem na meditação dos marinheiros nacionais a carreira e a conduta de Marcílio Dias, mais profunda será neles a idéia do sacrifício pela pátria. Os marinheiros nacionais serão capazes da decisão de realizar esse sacrifício, quando necessário, inspirados pela luz que Marcílio Dias lhes acendeu e não se ha de apagar"

J. L.

ORTEIRA VELHA, de Leonor Teles — (Rio — 1943).

O conto é um gênero literário infelizmente menosprezado entre nós. Os escritores passam por ele de raspão, quasi sempre no início da carreira, utilizando-o como simples degrau; exercício passageiro para quem pretende aventurar-se — mais tarde — na olimpíada de um romance.

Entretanto a realidade é outra. O conto é uma das coisas mais difíceis de serem realizadas com perfeição. Muito mais difícil do que o próprio romance. Os bons contistas quasi sempre podem fazer um bom romance; e os bons romancistas nem sempre conseguem criar um conto razoável.

Em princípio, o contista não pode ser um perdulário de palavras; nada de exageros descritivos, nada de declamações. Síntese e objetividade, eis qual deve ser a preocupação constante do autor. Tudo no conto precisa revelar harmonia. Um personagem mal caracterizado, uma situação pintada pela metade, qualquer excesso verbal, reflete-se desagradavelmente sobre o conjunto. Além dos limites em que pode variar a técnica de cada escritor, certas normas existem, às quais ele não deve fugir ao escrever o conto. O universal e o particular — o local, o regional — precisam aparecer conciliados plenamente. Reside mesmo nessa conciliação o maior valor do conto.

Assim, o livro da senhorinha Leonor Teles é digno dos melhores encômios. Com o título encantador de *Porteira Velha*, aproveitando temas brasileiros, vasado num português correto é um muito brilhante cartão de visita que a Autora deposita à porta desse mundo, onde se agita a fauna inquieta dos construtores de livros. A ela, portanto — um valor que desponta — o nosso aplauso.

A. M.

FRONTEIRAS DO BRASIL (Limites com a Republica da Colombia) pelo capitão Omar Emir Chaves — Rio, 1943.

Com este volume, que vem enriquecer a Biblioteca Militar, dirigida por uma Comissão onde se enfileiram alguns dos nomes mais brilhantes do nosso Exército, o capitão Omar Emir Chaves revela-se um estudioso de nossa história diplomática. Construindo um retrospecto perfeito das nossas questões de limites, o autor vai buscar-lhes as raízes nos séculos XVI, XVII e XVIII. Razão lhe assistiu para assim proceder, porquanto a figura e a obra de estadistas como Rio Branco jámais poderão ser explicadas sem um minucioso inventário de seus antecedentes históricos. Não contente em estabelecer a importância da Bula *Suter Coetera* de 1493, do Tratado de Tordesilhas e, já no século XVIII, do Tratado de Madrid, o capitão Omar Emir Chaves procura subordinar em um princípio único o processo de fixação de nossas fronteiras, encontrando-o na fórmula: "Criar vasta zona de equilibrio economico, dentro de marcos geográficos perfeitamente nítidos, que se bastem e se completam, é a finalidade de todos os povos". Embora possamos discordar do autor em alguns de seus pontos de vista, é-nos impossível deixar de reconhecer a competência com que versa o assunto, provada pela transcrição dos tratados no fim do livro — o que muito auxiliará todos aqueles que não possam compulsa-los nas fontes.

Louvamos, pois, à Biblioteca e o capitão Omar Chaves por terem enriquecido, com mais uma obra valiosa, o patrimônio cultural de nosso Exército.

J. A. R.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja-107 s/ loja-1.º e 2.º and.

Caixa Postal, 178-B e 2999

fone 2-4550

Tele grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL

a maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos os Estados do Brasil
Agencias em todas as cidades do Brasil

Os mais belos e delicados
Livros de Autores Celebres para Moças:

COLEÇÃO
ROMANCES PARA MOÇAS
da

Editora ANCHIETA Limitada

Rua Xavier de Toledo, 216 — São Paulo

A' venda em todas as Livrarias do Brasil



ESCRAGNOLLE DORIA

FOLHEANDO PASSADO

1816

O Rio de Janeiro deveu a D. João VI bastantes serviços. Um foi tiral-o do ramerrão colonial, proporcionando-lhe vida mais intensa de espetáculos ineditos. Antecipando-se em reportagem, o padre Gonçalves dos Santos descreveu o que em corte ou nas ruas cariocas transcorreu no tempo do príncipe hospede. A *Gazeta do Rio de Janeiro*, veterana de nossa imprensa, completa o que calou o padre Santos; veterano de nossos reporters. A classe ainda de tal não se lembrou.

Antes da transmigração de 1807, o Rio de Janeiro só conhecia o bispo de sua diocese. Regia esta D. José Caetano da Silva Coutinho quando o Príncipe Regente chegou ao Brasil automaticamente dispensando de funções último vice-rei, o conde dos Arcos. O bastão vice-real inclinou-se ante o cetro, as armas do fidalgo capitão-general aplegadas ante corôa regia também depois as do bispo da cidade guanabarina não podendo competir com as de um cardinal, além de tudo o primeiro que a America inteira conheceu nos seus bipartidos hemisferios.

A 16 de Junho de 1816, velejado da Europa, entrou um navio no porto do Rio de Janeiro. Vinha a bordo um guarda-nobre de Sua Santidade Pio VII, o mesmo que tratado de trageante por Napoleão lhe dera troco pontificio taxando-o de "co-mediante".

O viajante de 1816 chamava-se honorifica e lusitanamente o marquês Francisco Nunes Sanches Vergueiro. Vinha em missão especial, portador de barrete cardinalicio. Esperava-o o nuncio apostolico D. Lourenço Caleppi, arcebispo de Nisibi. Exercera o cargo em Lisboa, continuava no Rio de Janeiro alusitanado de 1816.

A imposição do barrete cardinalicio, por mão régia, constituiu cerimonia inedita e jamais repetida entre nós, D. João VI fixou-lhe data, domingo 23 de Junho de 1816.

Ha mais de seculo, naquele dia, tres coches da Casa Real, com criados da mesma



Quadro votivo memorador do acidente do qual vitima D. Pedro I a 30 de Junho de 1823. (Museu da Imperial Irmandade de N. S. da Gloria do Outeiro).

Casa, eles de libré encarnada, pararam á porta da residencia do cardinal Caleppi. Não a menciona a *Gazeta do Rio de Janeiro*, deixou-nos o prazer. Morava o cardinal na segunda travessa de S. Joaquim, depois do Nuncio, em predio de esquina com a rua do Hospicio, ora Buenos Aires.

Aos coches da Casa Real, tirados a seis cada um, ajuntavam-se séges, as das pessoas de distincção desejosas de dar sequito a Sua Eminencia, acompanhando o príncipe da Igreja até o príncipe dinastico. O cardinal, por sua vês, mandára aprontar duas carruagens de respeito para não ficar atraz em magnificencia.

No saguão do paço da cidade receberam o novo *sacerdos magnus* o marquês de Bellas, capitão da guarda real e o conde de Belmonte, porteiro-mór. Levado a mesma sala, D. Lourenço aí conversou com o rei, enquanto noutra sala acabavam de dispôr altar para missa.

Genuflexos sobre almofadas a ouviram o rei e o cardinal, cada qual assistido de mestre de cerimonia: Nas ocasiões proprias cada mestre privativo dava-lhes a beijar o Evangelho.

Finda a missa puzeram-se o soberano e Caleppi de pé no meio do altar. Adiantou-se o deão da Capela Real servindo como de delegado apostolico. Sobre salva, apresentou a D. João VI o breve pontificio de sua investidura, no transitorio cargo. Monsenhor Nobrega discursou ou, como se dizia então, "fez uma falla". Elogiou, descendo degrãos no louvor, primeiro dado a Pio VIII, depois a D. João VI, por ultimo Caleppi. As distancias sociais eram da epoca.

Calado o orador, sem os aplausos não condizentes com o ato, o rei tomou de salva o barrete cardinalicio, por tantos suspirado na Igreja. Poisado o barrete na cabeça do cardinal deu-se este pressa em tiral-o substituindo-o por solidéo rubro.

Foi vez de D. Lourenço tomar a palavra sem pedi-la a ninguém. Mostrando-se comovido, agradeceu a D. João VI a honra da sua presença.

Findára a solenidade. Retirou-se D. João para o seu gabinete, o cardinal foi a um quarto bem ornado. Desvestio habitos roxos, tomou outros encarnados e vestio-se de purpura; sem esquecer barrete. Condusido á sala do trono aí o esperava o rei, de cabeça coberta, e rodeado de corte.

Na sala, por tres vezes, o cardinal tirou o barrete, fazendo reverencia ao rei e ao circunstantes, colocando-se a tres passos do sólio régio de onde D. João VI o saudou felicitando-o novo membro do Colegio dito Sacro.

Cessou com isto a nova cerimonia. Retirado D. João para o seu gabinete, o cardinal Caleppi foi protocolarmente apresentado a pessoas da familia real, suas conhecidas de Lisboa. Mas o protocolo é sem piedade. Saudou Caleppi a rainha D. Carlota Joaquina, a infanta D. Maria Benedita, tia do rei, e em seguida cumprimentou as damas do paço assistentes das cenas de havia pouco.

O marquês de Bellas e o conde de Belmonte, com o ceremonial da entrada, acompanharam o cardinal a saida indo até o saguão do palacio a cuja porta principal se premia povo e povo, a curiosidade popular despertada por sucesso de tanta novidade. Os coches da Casa Real, as carruagens de sequito, rodaram para a casa, de Sua Eminencia aí esperado por outro povo e povo em ancia de vêr abrindo espaço a cotovelo.

Tudo ocorreu no domingo 23 de Junho de 1816. Duvida algum? Não duvide que erra.

1823

D. Pedro I, com razão, prezava-se de ótimo cavaleiro, ótimo e infatigavel. Não se prezava só, era. Nem sempre isto acontece, a presunção borrifada de agua benta para uso á vontade sem hissóspe.

Aos mais peritos na arte de "bem cavalgar toda sella" no dizer de D. Duarte, sucede ir ao chão, atirados contra a vontade sobre a terra mãe, os precipitados com ou sem fraturas e contusões se não mórte.

No arqui-celebrado Sete de Setembro, D. Pedro I foi figura equestre depois passada a tãla e a bronze. De S. Paulo, desenfreado galopes no espumar de freios, veio ao Rio de Janeiro, este a esperal-o imperador.

Sagrado e corôado, D. Pedro I continuou fiel ao hipismo, até em cenas historicas assim a do seu descavalgar para ouvir ao *Te Deum* de S. Francisco de Paula mandado celebrar por adversarios com o fito de opposição. A's vezes até o altar serve para tanto.

No ir e ir dos dias, D. Pedro e a consorte, a imperatriz D. Leopoldina, mostravam gosto por passeios a cavalo. Num deles, a 30 de Junho de 1823, o imperador cahio da montaria e bem maltratado ficou. A terra é mãe, macia não.

Relato inedito, o do agente diplomatico francês Maler, dirá do acontecimento em officio de 10 de Julho de 1823 dirigido ao governo de S. M. Cristianissima Luiz XVIII.

Ouçamos quem de ha muito emudeceu: "No dia seguinte do acidente, pelas dez horas da manhã, visitei o imperador. Achei-o deitado e junto dele a imperatriz, D. Maria da Gloria e os ministros da Justiça, da Guerra e da Marinha (Miranda Montenegro, Oliveira Alvares, Villela Barbosa) e quatro enfermeiros.

Narrando-me o acidente, mostrou-me D. Pedro uma bocata de ouro no seu bolso no momento da queda, o objeto achatado e amalgamado pela violencia do choque.

Apezar da fratura de duas costélas, de uma desarticulação clavicular, de forte contusão na coxa e de haver sido sangrado levando desenove sanguesugas na coxa, D. Pedro conversou comigo mais de uma hora, sendo impossivel manifestar maior firmeza e mais sangue frio".

Maler amiudou visitas, do seu dever diplomatico sobre amistoso. Numa das visitas D. Pedro externou o desejo de que Maler presenciase a lição de francês da filha, D. Maria da Gloria.

Os negocios publicos vinham á convalescença do imperador. A 18 de Julho de 1823 o imperial acidentado cortou repouso alternando á viva com José Bonifacio e disso resultou a renuncia do Andrada da pasta do In-terio e Estrangeiros. D. Pedro e José Bonifacio, ambos geniosos, haviam divergido quanto a questões de interesse publico.

Mal recuperou liberdade de movimentos, D. Pedro quiz testemunhar gratidão e logo a quem, a N. S. da Gloria no seu tradicional outeiro, aquela invocação da Virgem muito dileta a D. Pedro e aos seus.

D. Pedro foi ao templo da Gloria render graças por lhe ter sido poupada a vida.

Da demonstração particular de reconhecimento passou a outra publica. Pedio a Felix Emilio Taunay um quadro votivo. De um dos me mbros da Missão Artistica de 1816, a tãla, toda alegorica, até ha pouco esteve suspe isa em alto de parede, á direita de quem entrava, na igreja da Gloria. Alem da suspensão elevada carencia de boa luz impedia exame nitido da pintura.

Removido para o valioso museu organizado pela Im-perial Irmandade da Gloria do Outeiro, o quadro do barão de Taunay, diretor e professor da Academia das Bellas Artes pôde hoje ser apreciado de perto, mercê do zelo da Irmandade da Gloria de provedoria confiada ao capitão de mar e guerra. Thiers Fleming, a igreja também aos cuidados do Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional, bem superintendido pelo dr. Rodrigo de Mello Franco.

A obra de Taunay aresenta num canto de tela votiva explicação resumida do acidente de 1823 do qual vitima um ótimo cavaleiro.

Buffon houve por bem dizer o cavalo a mais nobre conquista do homem. Cumpre todavia não esquecer as vezes e os diversos modos do conquistado sacudir e mandar abaixo o conquistador.

1874

Pelos dias do Descobrimento, Porto Seguro deve ser tido por logar sagrado no Brasil. Em 1835, o Snr. J. F. de Almeida ahí residio por varios anos, e quando morador no Rio de Janeiro prestou interessantes informações sobre Porto Seguro, sua paisagem, seus usos e costumes de sua antiga população. Em traço paisagístico mostrou a vida, de recife a segurar porto de excelente barra, embora exposta a temporais de respeito em certas epocas do ano.

Dos usos e costumes do antigo Porto Seguro, o Snr. Almeida deu noticia, uma a de cavalladas em todos os Janeiros, nelas empenhados cristãos e mouros, estes votados á marcada derrota pelejassem como pelejassem.

Na Antiga Porto Seguro, a exemplo de todo Brasil, os colonisadores deixaram memoria de grandes officios de dar trabalho ao tempo e aos homens para arruinal-os Tal a imensa Camara de Porto Seguro, tal a matriz de N. S. da Pena, construção de jesuitas, tão edificadores de almas quanto de edificios. A matriz de Porto Seguro muito ficou devendo, na sua preservação, ao padre Joaquim do qual o Sr. Almeida só menciona nome batismal.

Em 1874 aportou a Porto Seguro navio de guerra nosso, nele por exeção um civil, aliás outrora militar. Vinha a Porto Seguro resolver o poeirito arquivo da Camara, a poeira e o descalço sina de nossos arquivos.

O viajante trazia o proposito de toda a sua vida, o de bem tratar Historia Patria. Sem documentos não se escreve Historia, só a rabisca.

A matriz de Porto Seguro achava-se em obras devidas a esmolas angariadas pelo padre Joaquim. Entregou-lhe avultado obolo o visitante da vila. Quem era Disse-o Almeida. Era Francisco Adolfo Varnhagen, havia pouco visconde de Porto Seguro.

Sucurijú

AURELIO PINHEIRO

ILUSTRAÇÃO DE
GOULART

Ao norte do Vale Amazônico, por entre os contrafortes que apoiam o sistema orográfico "Parima-goianc", o sólo revolto desdobra-se em alcantis e socalcos, num tumultuoso aspecto de desordem. Despenhadeiros aterradores, cêrros desnudos, covões, escarpas a prumo, toda uma esfacelada, confusa gleba de chisto, quartzo, cristal de rocha e mica, assinala essa região onde nasce, nos seus limites setentrionais, a "Hilae" maravilhosa.

Aí, nas vertentes bñsileiras da "Roraima", em que repontam as primeiras águas do "Cotingo", os índios "Iaricunas" assentaram, desde séculos, a sua grande Malóca, tranquilos e livres, sem guerras e sem discórdias, repudiando e temendo os civilizados que, por vezes, surgiam nas suas terras, vindos da Venezuela e da Guiana.

Assim viviam, fortes, alegres, felizes; caçando nas grótas e nas matas, criando o gado, plantando na estreita planície que se distende entre a "Sabana" e o "Quinó".

Um dia, porém, um grapo de homens, evadidos da Guiana Inglesa, atacou bruscamente a velha taba. Na luta feroz os índios foram quasi todos trucidados a faca e a tiros de rifle; a Malóca e os casebres em torno ruíram saqueados e incendiados; as crianças foram atiradas às labarêdas, e as mulheres, arrastadas como escravas, serviam à ululante sensualidade dos vencedores.

Jámais, naqueles êrmos acidentados, desde as fraldas da "Roraima" aos píncaros do "Cuano-Cuano", se desenrolára tão hedionda tragédia!

O bando sinistro vagou ainda por algum tempo entre essas terras agrestes do Amazonas, depredando, matando, extraindo o curo nos leitos dos igarapés, aprisionando o gado selvagem, que dos campos do Rio Branco fugira para os vales do alto "Maú". Na desenfreada correria arrastavam esse troço de "Iaricunas" vencidos, que sob vergastadas e injurias lhes carregavam as bagagens e os troféus.

Mas a notícia da hecatombe corrêra pelas tribus distantes. E os "Macuxys", os "Aturays", os "Uapichanas" convocaram os seus melhores guerreiros, partiram para as terras bárbaras do norte, começaram a perseguir os devastadores, vingando os "Iaricunas" arrasados.

Esconderam-se nas colinas e nas matas, envenenaram as flexas, armaram emboscadas. De vez em quando, à passagem dos desalmados aventureiros, um silvo estranho e presago zunia nos ares, partido de algum esconderijo; outros silvos em resposta cruzavam-se no espaço, e logo as setas vingadoras desciam sobre os bandoleiros, que resistiam, que se entrincheiravam, atirando a êsmo. Mas os tiros perdiam-se, ineficazes, nas serras e nas florestas. Os atacantes eram diabólicamente invisíveis; as descargas dos rifles resoavam nos covões e nos cêrros como um aviso lugubre, mas inútil. E sempre, em todas as ciladas dos índios, algum homem do grupo tombava ferido por uma flexa, sob o terror crescente dos companheiros.

Desorientados, espavoridos, uivando de temor e de ódio, os saqueadores corriam sem destino, entre montanhas e planícies, acossados por aquele inimigo inatingível e incansável.

As ciladas, os silvos, as flexas, sucediam-se cotidianamente, apesar da vigilância dos assoladores. Já poucos homens restavam, e os índios prisioneiros, mal guardados, mal vigiados, fugiam. Por fim, após um mês de marchas contínuas, de privações e de angústias, existiam, apenas, da perdida caravana, dois homens guianenses e uma índia — "Iaê", — filha de um pagé da tribo.

A beleza, a adolescência e a docilidade da "Iaricuna", enfeitavam os dois bandidos; e um ciúme atroz, surdo, desesperado, ergueu entre ambos um desses ódios sombrios e brutos, que crescem e se empolam e rebentam dentro do peito como uma turgida raiz de árvore que faz estalar um lagêdo.

O ciúme cresceu; o ódio cresceu com ele, mais vivo e mais tenebroso. Os olhares dos dois homens eram chamas candentes de lubricidade e de furor, e nas palavras que rosnavam havia por vezes um rancor mais agressivo que um rugido de tigre. "Iaê" percebera logo o íntimo suplicio dos celerados, e sorria a ambos, serena e submissa, atenta aos silvos misteriosos, que eram o prenúncio das lutas e da liberdade dos seus. Mas os silvos nunca mais atravessaram os vales e as colinas, e a índia, julgando-se abandonada e esquecida pela sua tribo, resignou-se ao horrendo cativo.

Uma noite veio o desfêcho daquele ciúme e daquele ódio. Os dois homens disputaram a posse da Índia, jogaram palavras rápidas, recuaram, mediram-

se, — e subitamente, como feras que se entreolham, atacaram-se, lutaram corpo a corpo, num decisivo recontro. Rolaram pelo sólo, arfando, resfolegando, bramindo, numa peleja de morte. Depois ergueram-se, e imediatamente, de pé, ligaram-se, os troncos premidos num abraço instantâneo e bravo.

"Iaê" a um lado observava a pugna selvagem, e sorria, pensando que chegara, afinal, a sua noite de liberdade, porque os dois homens rolariam na terra, ambos mortos, ambos aniquilados na horrível compressão. Assim estiveram, talvez um minuto, rijamente enlaçados, arquejando, rugindo. Mas um deles, o mais moço, erguia os braços, asfixiado, perdido. E inclinava para trás a cabeça, enquanto o outro o estrangulava rapidamente, os dedos cravados na garganta.

Estavam, então, nas proximidades do rio "Maú", nos "campos gerais" do Rio Branco. Silenciosa e dócil, "Iaê" acompanhava o último bandoleiro, através dos verdes, imensos "lavrados".

Um dia, porém, quando descansavam á beira de um "igarapé", sob as palmas do buritisa, que se elevava no extenso descampado, surgiu um gru-

(Continúa na pagina 50)



Haverá uma arte americana?

De ANITA BRENNER

A arte americana domina as galerias e museus deste ano. Obras de americanos estão sendo exibidas em maior número e em mais lugares que dantes. A Exposição Internacional Carnegie, uma das exposições anuais mais importantes do país, tornou-se este ano inteiramente americana. O Museu de Arte Moderna recentemente inaugurou uma exposição de "Primitivos Americanos". O Museu Whitney, fundado para estimular talentos nacionais, celebra atualmente seu décimo aniversário com outra exposição chamada "Americanos de 40". E, finalmente, os principais museus do país reuniram várias grandes exposições de arte que viajam agora por toda a América representando-nos e contando nossa história.

Estas exposições levantam uma indagação já várias vezes emitida: "Existirá essa tal arte americana?" Dirija-a a um grupo de pessoas que não estejam inteiramente absorvidas pelos interesses pessoais e verá como desperta uma excitação comparável à que V. produziria dizendo algo pesado sobre Lindbergh. Muitos assumirão uma atitude patriótica, como se houvesse uma sombra de traição na sua pergunta. No extremo oposto outros dirão que não há essa tal arte americana, porque nossas pinturas e esculturas derivam de idéias européias e revelam uma tendência a seguir a moda européia.

E' este um debate que prossegue há muito tempo, desde quando este país possuiu indivíduos com bastante dinheiro e lazer para preocuparem-se com expressão artística e aparências culturais. Entretanto, apesar de ser velha a questão, ainda permanece e ressurgue em épocas de crise, quando nos tornamos tão preocupados com a própria nacionalidade como qualquer pequeno país, permanentemente angustiado. Essa pergunta já foi formulada a miúdo e agudamente antes e depois das guerras. Assim, hoje, ao tentarmos inventariar e definir nossa força de posição, o mundo da arte torna a se intrometer na discussão.

Muitos artigos, e até livros têm sido escritos afim de provar que há ou não uma arte americana. A discussão, hoje, concentra-se em torno de três pontos de vista. Os que optam pela afirmativa argumentam mais ou menos como os críticos Sheldon e Martha Cheney: "Temos um vasto memorandum pictural e escultural da vida americana, rico em diversidades regionais e humanas de caráter, pensamento, afetividade e idealismo popular. Possuímos também, entre os produtores dessa arte, ou ao lado destes, o número necessariamente menor de verdadeiros criadores da elevada categoria."

Contra isto, a facção que sustenta a negativa revida: "E daí?" — em várias maneiras. Pinturas e esculturas da vida americana, dizem, não constituem uma arte americana enquanto não houver um estilo caracteristicamente americano. Há, concordam, muitos artistas americanos de talento e alguns de real poder; mas salientam que esses artistas trabalham dentro do mesmo estilo geral, ou conjunto de estilos, dos contemporâneos europeus. Por isso, sustentam, do ponto de vista das belas artes, somos ainda uma colônia européia. E, muitos podem ainda acrescentar, nos países industrializados de hoje, a arte é como a ciência, internacional, é fugir à

questão falar de uma arte americana, alemã ou francesa, já que são todos frutos da mesma árvore.

Ha ainda um terceiro ponto de vista que afirma: sim, há uma arte americana, mas não é a pintura, nem a escultura. Suas origens devem ser encontradas nas artes coletivas, para uso e diversão das massas, tais como a arquitetura, o cinema, o rádio, os desenhos cômicos. Tudo isto é caracteristicamente americano, brotou de modo de viver americano, difere da antiga arte em que existe democraticamente para a multidão e, embora profundamente americano, disseminou-se pelo mundo inteiro.

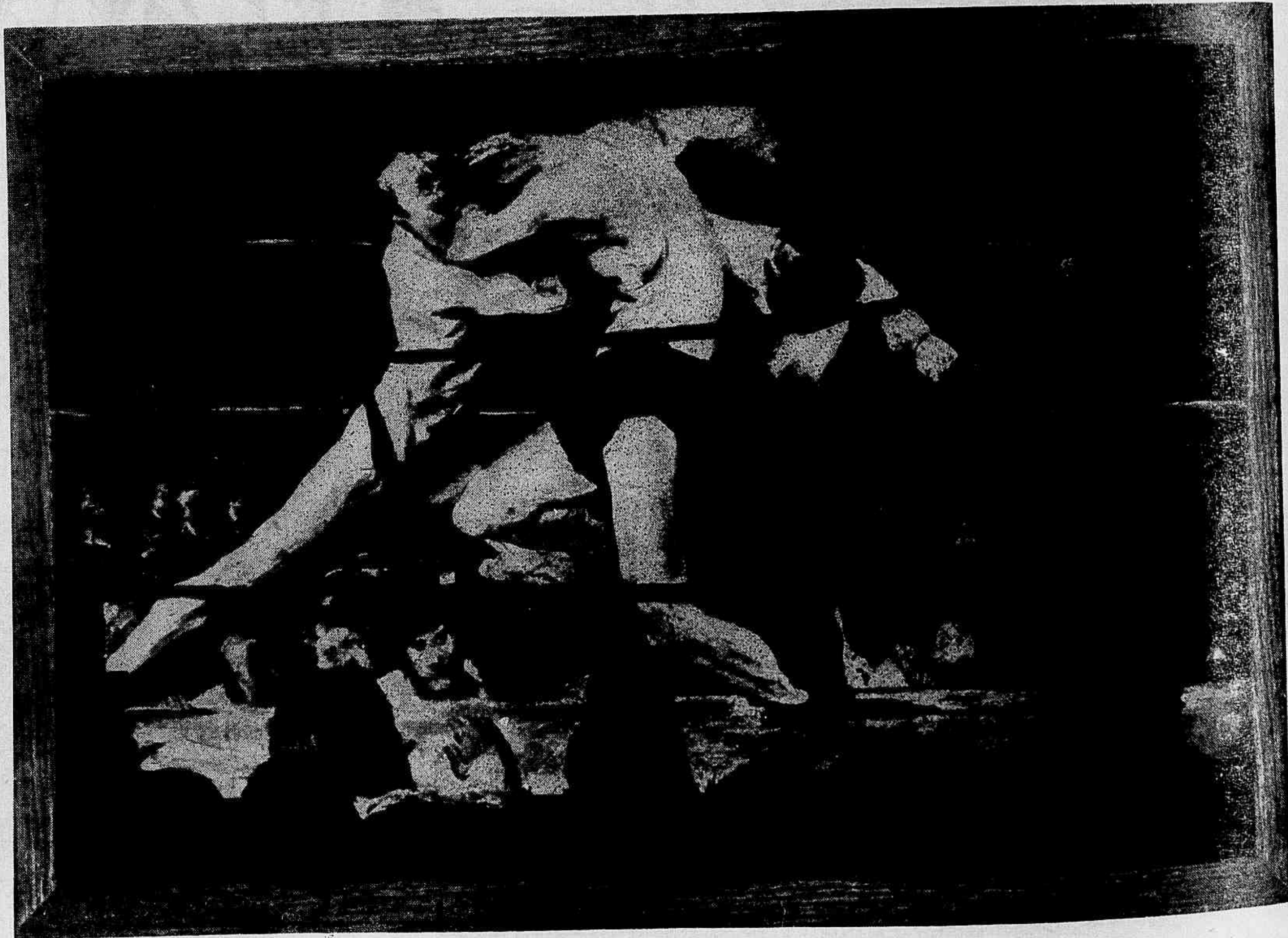
A arquitetura americana é a mãe das construções modernas por toda a parte. O cinema americano domina o teatro moderno e alcança um número de pessoas maior do que o alcançado por qualquer teatro; Mickey Mouse tem seu nome em vinte línguas. Quanto às belas artes não são ainda "americanas" porque não refletiram a sociedade industrial; ainda trabalham sobre os temas da Renascença.

O leitor atordoado com essa triplice argumentação deve naturalmente dizer a cada ponto de vista emitido: "Há certa verdade nisto". Em seguida há de perguntar admirado: "Mas, que entenderão eles por arte americana?" Todos concordam em que existe uma arte americana, mas que procuram eles, que alguns acham e outros não? Assim precisamos de uma boa definição. Para encontrá-la o melhor é olhar para a arte em questão, a que foi produzida na América e alhures, também, por americanos; fazê-lo é achar uma história. Depois poderemos ou não ter nossa opinião própria sobre o problema; a história porém, é muito mais interessante. Começa no Velho Mundo e mais ou menos assim:

A pintura e a escultura são artes muito antigas que nasceram do acendrado desejo humano de reter para sempre o que é agudamente visto e sentido. Foram possibilitadas tecnicamente pelo desenvolvimento dos ofícios, que proveram os processos e os instrumentos. Teem assim suas raízes nas sociedades agrícolas e de ofícios e atingiram seu nome quando praticadas em combinação com a arquitetura. Quando, porém, a manufatura deslocou os ofícios, a arte foi separada de seu mercado e os artistas perderam contato com as necessidades, a procura e os sentimentos de seus povos. Seu número diminuiu e isolaram-se em duas espécies de artistas: os "profissionais", cujos produtos tornaram-se artigos de luxo, comprados apenas pelos ricos, e os artistas "populares", na maioria semi-amadores.

Suas obras nunca alcançaram os museus e galerias, isto é, os grandes centros e mercados da arte. Ao contrário disso, vão parar em geral nas mãos de amigos e vizinhos ou são vendidas ao acaso, enquanto o artista vagava de um lugar para outro, fazendo retratos de família ou paisagens. Continuam, com processos meio esquecidos, os hábitos dos antigos ofícios, e sustentam os mesmos impulsos naturais e humanos.

Entretanto, os artistas profissionais gravitavam para as grandes ci-



Luta de "box" — por George W. Bellows.



Gótico americano — por Grant Wood

dades cosmopolitas, que eram também os principais centros e mercados da arte. Foram de uma para outra e, em cada uma delas, toparam com artistas de outros países. Houve rápido e constante intercâmbio de idéias e as artes dos países europeus fundiram-se, surgindo um estilo geral ou um conjunto de estilos que foram seguidos por todo o mundo ocidental, com variações locais e individuais onde existia um artista ou um grupo original. Os artistas tornaram-se muito mais relacionados uns com os outros, bem como com capitalistas e estudantes, mas, numa grande extensão, perderam contâto com outros homens. Contudo, nos países outrora ricos em ofícios, sempre permaneceu algum contâto entre o mundo da arte profissional e a praticada popularmente, em pequenas aldeias, por desconhecidos. Foi fácil assim para um francês, gravador em madeira, como Bracque tornar-se pintor, reconhecido como um dos grandes artistas parisienses modernos.

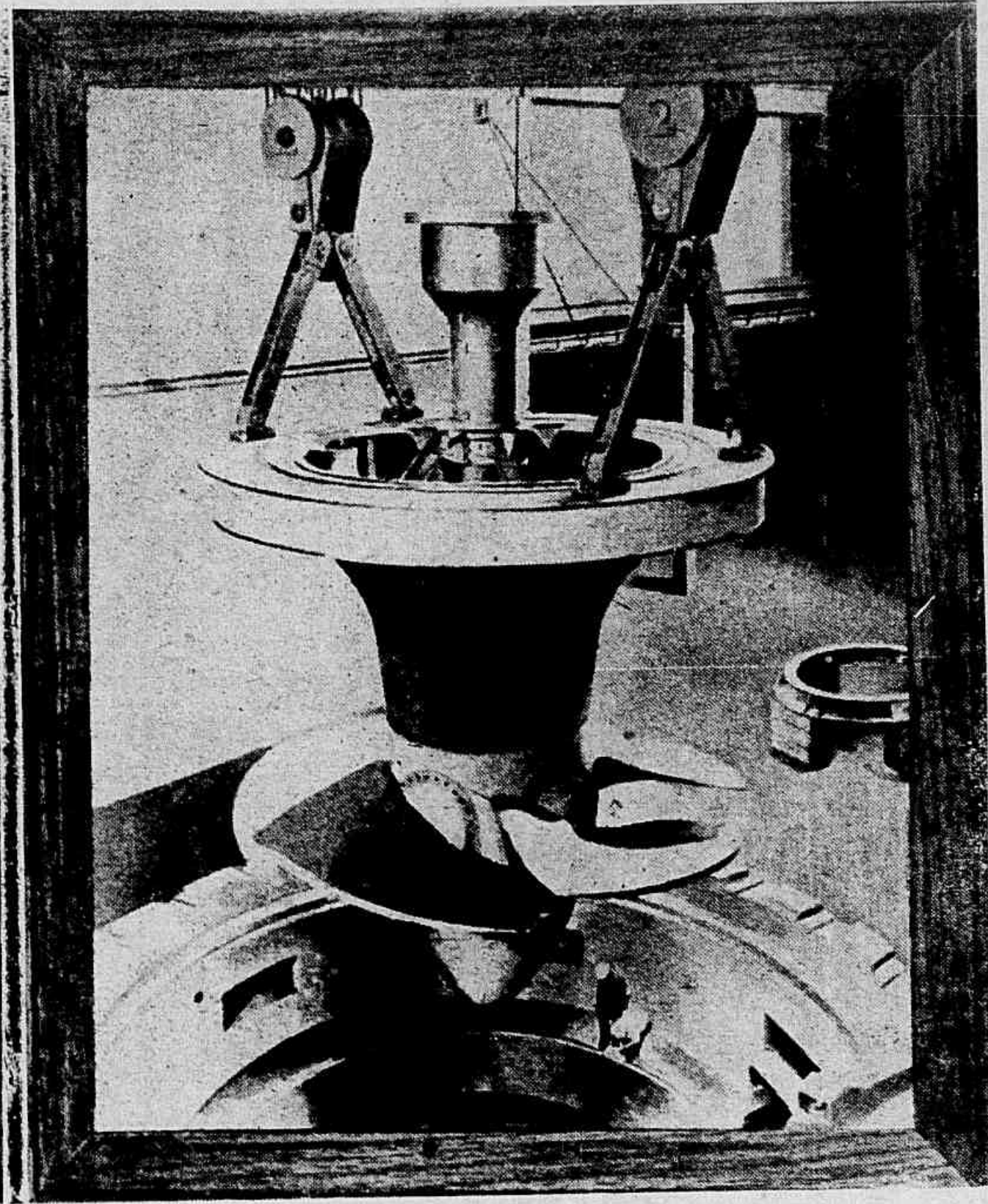
Nos Estados Unidos, entretanto, não havia nenhuma longa história de agricultura e artes manuais precedendo a manufatura. A vida cultural nos Estados Unidos começou tão perto da era moderna que a indústria domina e constitui nossa história. Era, por isso, lógico que um dos primeiros artistas americanos, Samuel F. B. Morse fosse também inventor e adquirisse nomeada como inventor, ao passo que foi quase esquecido como artista. Nos Estados Unidos a arte foi, desde o princípio, isolada e segregada: as belas artes das exposições eram praticadas por uma minoria para outra minoria; e a arte popular principalmente pela primeira geração de imigrantes e de pessoas que viviam no campo. Suas obras foram "descobertas" pela atual geração de artistas e levadas para os museus sob o nome de "Primitivos Americanos".

Os artistas profissionais — aqueles que participam do mundo cosmopolita das exposições, galerias e museus — desde o começo foram para a Europa a fim de estudar e muitos dos mais talentosos lá permaneceram com o objetivo de aperfeiçoarem-se, tornando-se de fato europeus em tudo menos no lugar de origem e em suas recordações. Isto porque, a princípio, havia poucos americanos ricos que comprassem a espécie de arte que tinha um mercado de luxo na Europa e, posteriormente, quando havia riquezas acumuladas, os capitalistas americanos compravam obras primas, há muito consideradas como tais na Europa. Obras de artistas americanos como Sargent, Whistler e Mary Cassatt, que viviam na Europa eram em regra compradas por americanos depois que os europeus os tinham consagrado.

Estes artistas e muitos outros ainda, não voltavam exceto como visitantes, porque não tinham um mundo de arte americana muito grande a esperá-los. O que havia era um mundo que pertencia ao passado e que se mostrava muito cruel para o artista que experimentasse vê-lo com olhos novos e quebrar os moldes batidos que haviam sido entesourados pela Grécia e Roma, pela Renascença e os realistas holandeses e os pintores cortejos da França. Louis Eilshemius, hoje reconhecido como um artista que orgulha a América, errou anos e anos pelas portas das galerias, sem nunca conseguir que sua obra fosse exibida, até que envelheceu, amargurado e sem coragem, e deixou de pintar.

Mas, na Europa também, o mundo da arte oficial vivia no passado, embora muitas vezes contrariado pelas revoltas dos artistas que almejavam criar algo novo. A inquietação artística veio com a inquietação política e as mudanças políticas foram logo expressadas por mudanças artísticas. As duas coisas tornaram-se tão relacionadas que muitos artistas tomaram arte nessas transformações políticas, particularmente na França e na Alemanha. Cerca do fim do século XIX várias formas de inquietação juntaram-se a um sentimento generalizado entre os artistas de que já era tempo de abandonar a pintura de histórias e sonhos para traduzir o mundo das coisas tais quais são. Este sentimento era em parte político, em parte resultante do desenvolvimento científico e em parte ainda uma necessidade de encontrar no mundo uma posição estável, um senso de ser admirado e querido.

A pesquisa continuou, levando através de muitas experiências e mudanças à arte moderna. Alguns artistas tornaram-se científicos em sua ati-



Potencial — por Charles Sheeler.

tude, separando ou reunindo os elementos da pintura — como Picasso. Outros sentiram que a verdade e a beleza artística deviam ser descobertas nas origens da vida humana e, por isso, procuraram-nas em sociedades primitivas a fim de colher seus ensinamentos — como Gauguin. Outros ainda sentiram que o mundo das coisas tais como são deve, para ser entendido incluir também o mundo da indústria, e que os artistas devem aprender a vir e a trabalhar nele, e com ele. Assim, por exemplo, um pintor mudou de nome e tornou-se o arquiteto Le Corbusier e tomou como ponto de partida para a vida e a arte de amanhã a América industrial.

Muitos americanos que viviam na Europa, nessa época de especulação e experimentação, tornaram parte nela e, quando a Guerra Mundial — e seu desenlace — trouxe-os de volta, com eles vieram todas essas idéias novas e, acima de tudo, um ponto de vista diferente. Enquanto os artistas americanos se sentiam anteriormente como estrangeiros incompreendidos, em sua própria terra, viam-se agora na necessidade de aprender, entender e aplicar o que sabiam sobre as coisas tais como são na vida americana. Não só isso: enquanto, dantes, o país era considerado, do ponto de vista da arte um lugar retrógrado, um buraco lamacento, era agora ventilado por artistas modernos, por toda a parte, transformado no bérço da arte futura, pois repentinamente, a beleza fora descoberta no desenvolvimento industrial, em seus edifícios, em muitos de seus produtos e de suas máquinas.

Os artistas americanos começam agora a procurar e a descobrir a América. Alguns, como Benton, pintam o típico e o característico d. Outros, como Grant Wood, experimentam descrever o sentimentalismo das populações rurais. Outros ainda, como Sheeler, procuram a beleza simples das fábricas, lojas e cáis. Há também quem procure, como John Marin, o espaço, a nitidez, a limpeza da paisagem americana. John Sloan viu e pintou o drama do povo. Muitos houve que adotaram a linguagem americana e descobriram o que continha de comico, por exemplo, Dehn e Gropper Peggy Bacon, e, mais agudamente ainda, Art Young. A obra de alguns surgiu diretamente da indústria, como por exemplo, Alexander Calder, inventor de um gênero novo de escultura, com "mobiles" muito sutis que transformam a cada instante.

Os nomes se acumulam, como as obras. A arte americana agora que se sentia em casa e parecia desenvolver-se rápida e vigorosamente, encontrou um obstáculo: ausência de compradores. As antigas galerias não a encaravam seriamente. Continuavam a expor tesouros europeus. Os museus em regra geral partilhavam o mesmo sentimento. Os capitalistas idem.

Começou, então, a agitação, centrada na linguagem nacionalista, com nuances de ressentimento, para fazer com que as galerias e os museus abrissem suas portas a americanos vivos. A Sociedade dos Independentes cada ano introduzia e publicava grande numero deles e, pouco a pouco, as galerias começaram também a descobrir a América.

Entretanto, a oferta era muito maior que a procura. Novos artistas continuavam a surgir e não havia espaço para eles. Alguns pensaram que um subsídio do governo para a arte seria a única solução do problema. Outros mais práticos, começaram a olhar em torno para ver que espécie de coisas necessitavam e podiam comprar os americanos. Olhando para trás descobriram que, ao mesmo tempo, o americano médio comprava obras de arte em numero considerável, obras ao custo de um dolar, na maioria, e produzidas em quantidade — isto é, gravuras e, sobretudo, gravuras de Currier e Ives. Descobriram também que, entre os poucos artistas pessoais cuja obra era muito popular em seu país, o nome mais importante era o de George Bellows, cujas pinturas de lutas noturnas eram vendidas aos punhados. Talvez então, pensaram muitos artistas, as gravuras sejam uma solução. Começaram por isso a trabalhar em toda a espécie de gravura e sua obra principiou a ser vendida e a disseminar-se e a ser conhecida no país. Outros artistas, em vez disso, tornaram-se desenhistas e passaram a trabalhar diretamente para a indústria. Alguns dedicaram-se ao teatro. Outros ao cinema e assim nasceram os desenhos animados que hoje nos parecem imortais. Até o Metropolitan Museum conseguiu arrumar uma sala para os desenhos de Walt Disney.

Entretanto, os artistas que assim abriram caminho constituíam uma minoria. Alguns críticos já anunciavam uma "Renascença Americana" à vista. Entretanto, porém, a arte americana via-se num bôco sem saída. De um lado estavam os artistas, prontos, capazes e ávidos por produzir; do outro lado estava o público interessado, sequioso de coisas belas e apto a pagar algo. O bôco sem saída era o preço do luxo e a falta de uma maneira fácil, consagrada de harmonizar o artista e o comprador.

Foi então que os artistas começaram a descobrir outro rincão da América — o sul da fronteira. Aprenderam que, no México havia pintores e escultores modernos que, regressando da Europa com a idéia de descobrir e exprimir realisticamente seu próprio mundo, de descobrir para eles mesmos um lugar onde pudessem ser uteis e produtivos — tinham conseguido realizar alguns desses ideais. Havia regressado num momento em que seu país atravessava um processo revolucionário quando havia interesse em torno do que era novo, e um governo de boa vontade que pagava aos artistas salários de trabalho — pronto a construir uma verdadeira arte mexicana moderna. Os artistas disseram consigo mesmos: isto precisa ser feito em larga escala, deve tornar-se público e deve relacionar-se às experiências e sentimentos de todo o povo. O que foi feito é agora história, mas tornou-se arte histórica importantíssima porque aqui o uso da arte em larga escala, em edifícios públicos, foi pela primeira vez introduzida no mundo moderno — "Bastante ironicamente" — pensaram os artistas mexicanos, "pois esta idéia começa com os arranha-céus".

Por que, disseram os artistas americanos, não fazer a mesma coisa que os mexicanos?

A pergunta foi bastantes vezes formulada e em muitos lugares apropriados para que dela surgissem os projetos murais do Tesouro Norte-Americano e de muitos outros edifícios. Assim, cerca de 1930 um numero de artistas maior do que em outro qualquer tempo, obtivera emprego.

Muitas coisas boas e poucas grandes resultaram das centenas de obras então produzidas. Talvez o unico resultado grande não fosse nenhuma obra de arte, mas a noção que o povo passou a ter da existência de uma coisa chamada arte. Outro grande efeito foi a lição que os artistas tiveram. Começaram a descobrir novos processos e técnicas adaptadas à produção em larga escala, aos processos mecânicos e à procura da multidão. Começaram também a compreender como deviam ensinar à indústria e ao publico que havia bastante espaço para a arte na vida americana. A terceira coisa importante que aconteceu foi que muitos construtores e industriais aprenderam-no e daí a procura de desenhistas e de artistas em geral afim de trazerem sua opinião. Esse movimento culminou na Feira Mundial de 1939, na qual, pela primeira vez, a tudo sobrepujou o desejo de fazer beleza.

A história da arte americana é, assim, fundamentalmente, a história da luta do artista por um lugar ao sol, mais exatamente um lugar no mundo industrial de hoje. Não é exclusivamente uma história americana. O que acontece aqui aos artistas e à sua obra está tão estreitamente relacionado — e o foi desde o começo — com o que sucede em outros países que ninguém pôde separar o americano do internacional na obra de qualquer artista de hoje, ou de ontem.

Contudo ha algumas qualidades da arte americana, tomada em con-



Amante Ciumento no Vale Verde da Solidão — por Thomas Hart Benton.

junto que representam caracteristicamente os Estados Unidos, como nossa casa ou nossa comida. Muitos críticos observaram isto e embora cada um faça uma lista à parte do que mais o impressiona, como caracteristicamente americano, ha vários pontos em comum.

Em primeiro lugar vêm diretividade e honestidade, até o extremo da rudeza anti-romântica. Em seguida vem um senso do grande espaço e o uso da cor brilhante e decidida. Imediatamente depois aparece a importância dada ao ser humano como individuo no mundo industrial. E também o riso, muitas vezes o riso seco e ferino das sátiras e desenhos. Por fim — embora talvez devesse vir em primeiro lugar porque domina a obra de artistas tão diversos — drama, o drama da força, da luta, dos contrastes agudos, da violência e do poder.



John Brown — por John Stewart Curry.

Missão cultural á Argentina



Afim de tomar parte nas comemorações do cinquentenário da fundação da antiga "Junta de História e Numismática Americana", acha-se em Buenos Aires o Embaixador Macedo Soares, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A seguir, damos o discurso pronunciado pelo ilustre académico, na solenidade de ontem, na sede da atual Academia Nacional de História.

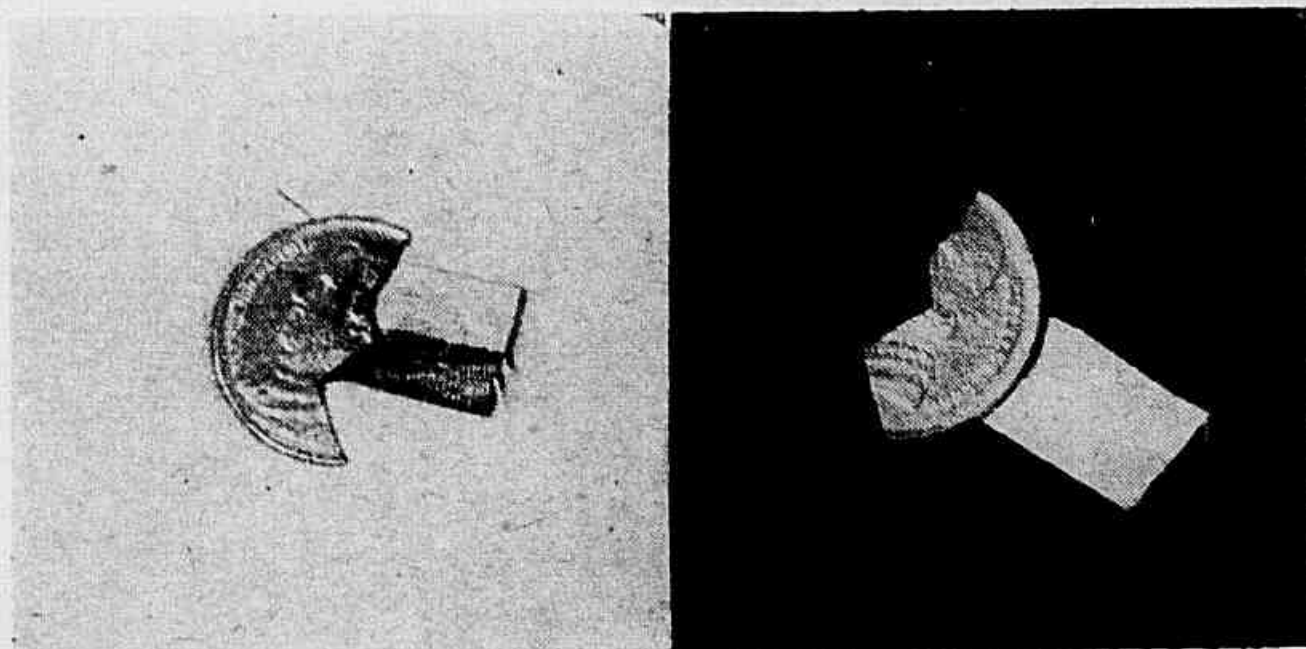
O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro resolvendo enviar o seu próprio Presidente para representá-lo nas festas do cinquentenário da fundação da outrora "JUNTA DE HISTORIA Y NUMISMATICA AMERICANA", para as quais foi tão gentilmente convidado, quiz afirmar-vos o interesse e o acatamento com que acompanha os vossos trabalhos em prol do conhecimento mais profundo das gloriosas tradições argentinas. O sodalício brasileiro desejou, também, asseverar-vos a sua incessante veneração pela obra do inolvidável fundador Dom Bartolomé Mitre. O centenário Instituto Histórico quiz, ainda, dizer-vos que a amizade das duas grandes nações, reside, não nos frios tratados diplomáticos, mas em generosos sentimentos profundamente arraigados na alma do povo argentino, e na alma do povo brasileiro.

Na ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA, e no INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO, homens de boa vontade, orientados pela Verdade e pela Justiça, entregam-se a árduos labores no ressaltar do passado, afim-de que seus ensinamentos aproveitem às gerações presente e futuras. O mesmo ideal os anima, a mesma aspiração os alenta: honrar as tradições nacionais. Tais sentimentos aproxima irresistivelmente artefices de obras congêneres. E, que felicidade maior do que o estreitamento dos laços que prendem almas irmãs?

Na Roma do Século de Augusto, os visitantes da cidade alojavam-se, conforme a sua condição social, na residência de um amigo, em domicílios publicos denominados DIVERSORIA, ou em albergues chamados CAUPONULAE. As famílias nobres hospedavam-se nas casas daqueles a quem estavam ligados pelo dever da hospitalidade. Os que tinham tido a ventura de criar tão sublime prática, que se transmitia de geração a geração, em carinhosa cerimonia doméstica, quebravam um objeto metálico ou de madeira, mas de jeito que unidas as duas partes, seria ele recomposto na sua forma primitiva. Pelo ajustamento das duas partes da TESSERA HOSPITALIS, senha hospedeira, que eram cuidadosamente guardadas nos arquivos das duas famílias, é que se documentava o dever da hospedagem.

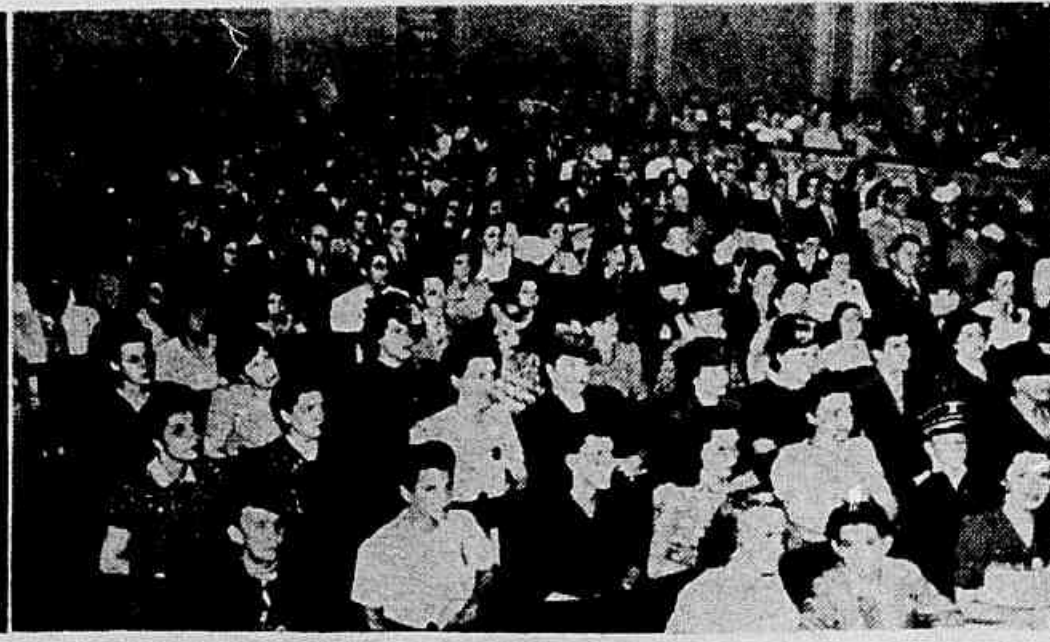
Excelentíssimo Senhor Presidente da ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA. Vou vos fazer depositário da metade de uma moeda brasileira com a effigie de Dom Pedro II, o grande protetor do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO, que em vida assistiu a 506 de suas sessões, e morto, preside, ele, só ele, "ad vitam aeternum", a todos os atos realizados no salão nobre do Instituto. A outra parte desta moeda simbólica eu a levarei para o Brasil. Todos os membros desta Academia ficarão sabendo que, como guardas de tão preciosa reliquia, poderão ajustar sua metade áquela que carinhosamente será conservada em terras, também vossas, do meu Brasil.

Trago, meus senhores, os votos mui sinceros do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO pela crescente prosperidade da ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA, e pela felicidade perene da grande Nação Argentina.



[Moeda brasileira de 1851 cuja metade foi levada pelo Embaixador Macedo Soares para ser oferecida á Academia Nacional de História, ficando a outra metade no I. H. G. Vemos nas fotos o verso e o anverso da moeda e as respectivas metades separadas.]

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA



Foi uma bela festa de arte a que promoveu a Sociedade Brasileira de Estatística para comemorar o "Dia da Estatística" e 7.º aniversário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A sessão solene, na Escola Nacional de Música, teve início às 20 horas, sendo presidida pelo Dr. Valentim Bouças, que passou a palavra ao Dr. Antonio Garcia de Miranda Neto, orador oficial. No programa litero-musical que se seguiu tomaram parte José Olini, Max Gill, os "Azes do Ritmo" e senhoritas da alta sociedade carioca, cujos nomes publicamos a seguir: Leticia Figueiredo, Ciema Meira de Oliveira, Deolinda de Carvalho, Teresinha Cavalcanti Beuttenmuller, Valmoré Fernandes, Zelia Cunha, Maria Inez Jeruss, Ignez Mariz, Leda de Vasconcelos, Lina Gonçalves Cristino, Erzila de Sousa Mendonça, Glorinha C. Beuttenmuller, e Miriam de Jesus Pinho. A REVISTA DA SEMANA esteve presente às comemorações do 7.º aniversário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e são dessa solenidade as fotos que publicamos aqui, as quais representam parte da numerosa assistência, d. Ignez Mariz quando iniciava uma palestra sobre o tema "A Mulher na Estatística Brasileira", e a mesa que presidiu a solenidade, composta dos snrs. Professor Giorgio Mortara, Benedito Silva, Dr. Valentim Bouças, Dr. Carneiro Felipe, Dr. Antonio Garcia de Miranda Neto.



AGILIDADE — Visando familiarizar os alunos, ao máximo, com o armamento, os instrutores promovem, periodicamente, interessantes competições de desmontagem e montagem do fuzil. Um aluno submete-se à prova, sob fiscalização de um aspirante, aparecendo ao fundo o capitão Delarev Gomide de Moura Sousa.

COMO O BRASIL PREPARA SEUS OFICIAIS DA RESERVA — SACRIFÍCIOS DESCONHECIDOS — NO TEMPO DA MILÍCIA — "CAIXA DO TOMBO" — O 16.º ANIVERSÁRIO.

guiu transformá-lo numa imensa oficina onde instrutores e alunos, confraternizam, trabalhando pelo mesmo objetivo.

Quem quiser surpreender o Quartel de São Cristóvão na sua atividade matinal ficará admirado. Pequeno para o número de alunos que está abrigando é extraordinária a boa vontade e o entusiasmo com que todos cooperam, no sentido de que a disciplina e a eficiência das instruções não sejam prejudicadas. Não houve interrupção entre o ano letivo de 1942 e o de 1943. As instruções são diárias, com um dia de folga semanal, e o curso tem a duração de dois anos. Infelizmente este prazo não pode ser reduzido. Nos Estados Unidos

A direita — SOB A EFÍGIE DE CAXIAS — Da esquerda para a direita: capitão Antonio Faustino da Costa (instrutor-chefe da artilharia e capitão fiscal); capitão João Digiacomo (ajudante-secretário); coronel Brasiliano Americano Freire (comandante); capitão Agenor Monte (instrutor-chefe da infantaria).



DEPOIS DE UMA "FISICA" — Nas manhãs frias de inverno quando a névoa flutua sobre os lagos claros da Quinta — e a cidade dorme — estes moços entregam-se à ginástica, adquirindo flexibilidade e resistência para os embates maiores da guerra. Vemos aí, o 2.º ano de infantaria de regresso ao Quartel.



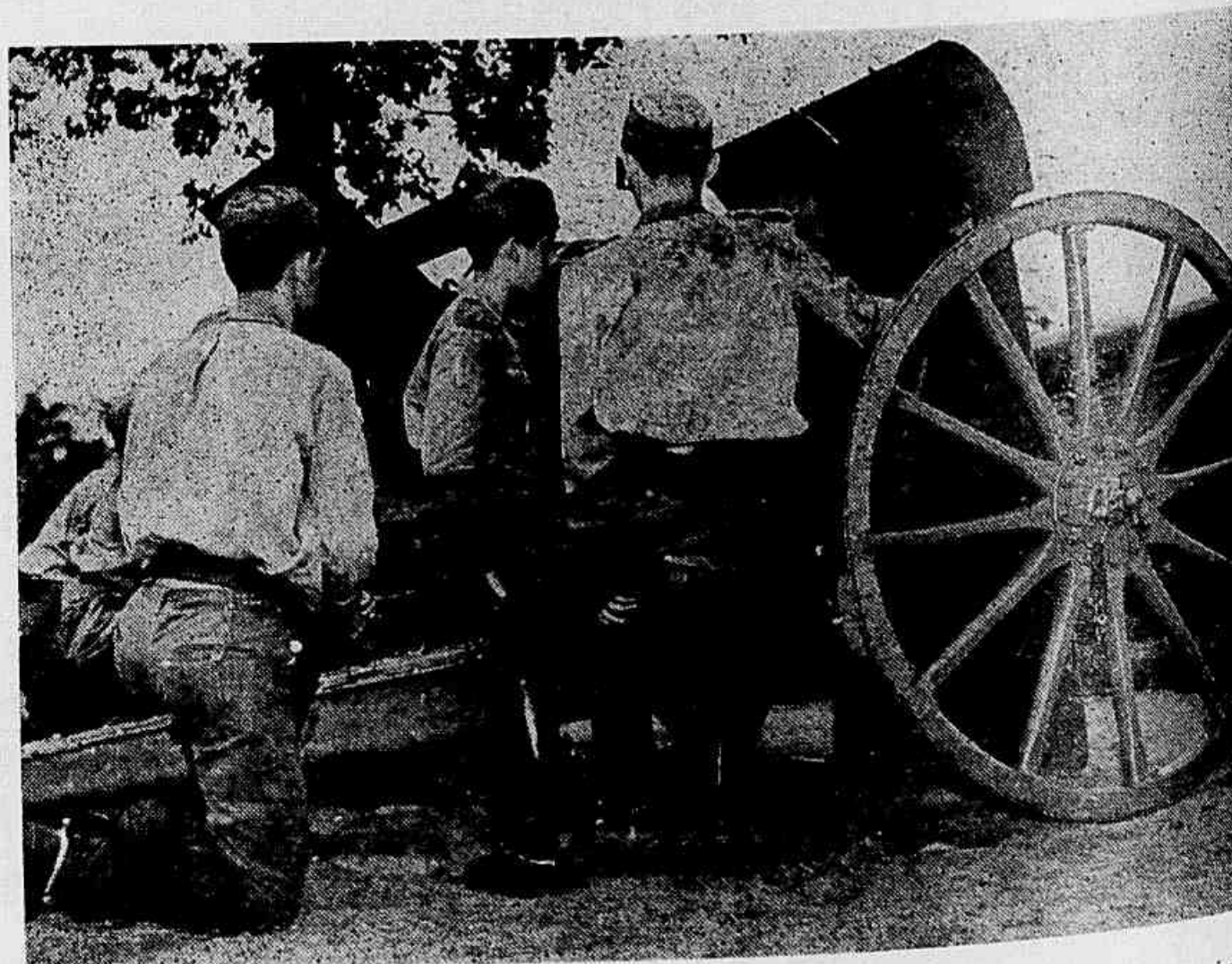
RESOLVENDO PROBLEMAS — 2.º ano de Intendência, surpreendido em plena sala de aula, no instante em que era resolvida uma série de exercícios dados pelo instrutor.

NO momento em que as forças armadas nacionais procuram elevar ao máximo o seu potencial bélico, não poderia estar fora desse esforço, a preparação eficiente, e em grande escala, do material humano. Os exércitos, hoje, não são grupos fechados.

O exército moderno é a nação em armas, o que equivale a dizer que as reservas — no sentido militar da expressão — têm uma importância cada vez maior.

Entretanto não basta instruir recrutas, nos quartéis, e mandá-los de volta aos lares. Se o soldado, o atirador é o elemento essencial na tropa, não poderemos admitir uma tropa sem comandante. Daí ser um problema tão importante a formação de uma oficialidade da reserva, quanto a de preparar atiradores-reservistas. Infelizmente, entre nós, demorou-se muito a compreender isso.

A primeira tentativa real para formar oficiais da reserva, em nosso País, teve lugar no ano de 1919, quando o 1.º grupo de obuseiros conseguiu preparar três oficiais. Um número irrisório, sem dúvida. A criação do C. P. O. R. do Rio de Janeiro, em 31/5/1927, é que iria marcar o início de uma era nova. Lutando contra toda sorte de preconceitos, um grupo de idealistas, a frente do qual estava a figura inconfundível de Correa Lima, conseguiu incendiar uma plêiade de jovens, iniciando-se o primeiro ano letivo do Centro. Eram bem poucos, relativamente. 11 na Infantaria, 23 na cavalaria e 76 na artilharia. Muitos ainda haveriam de desistir; a mocidade da época não poderia compreender as responsabilidades adquiridas quando nos comprometemos voluntariamente a prestar um serviço à Pátria. Com o tempo, a mentalidade mudou. Insufloou-se às gerações novas o sangue forte das místicas creadoras. Patriotismo, hoje, não é mais uma palavra incrustada nas frases retóricas. É uma atitude, uma compreensão e está no coração e no cérebro de todos. Agora o C. P. O. R. tem 1.630 alunos. O coronel Brasiliano Americano Freire conse-



ARTILHARIA — Sem os duros deveres do infante, o artilheiro, em compensação, precisa realizar uma maior soma de estudos teóricos. Tais conhecimentos são postos à prova nos momentos — aliás muito frequentes — de acionar peças como esta.

P. O. R.

ESFORÇO

GUERRA

a formação do oficial da reserva é empreendida em menos de seis meses, mas tudo se processa em condições diversas.

O curso é levado a efeito sob regime de internato, o material de instrução é abundante e os instrutores existem na proporção de um para cada quatro alunos. Mesmo assim já é considerável o número de oficiais da reserva no Brasil, e número esse que tende a aumentar cada vez mais, com a multiplicação dos centros de preparação, através do território nacional. Cada sede de região militar possui hoje um C. P. O. R. e um ou mais N. P. O. R. Estes últimos, ou sejam os núcleos preparatórios, diferenciam-se dos centros,



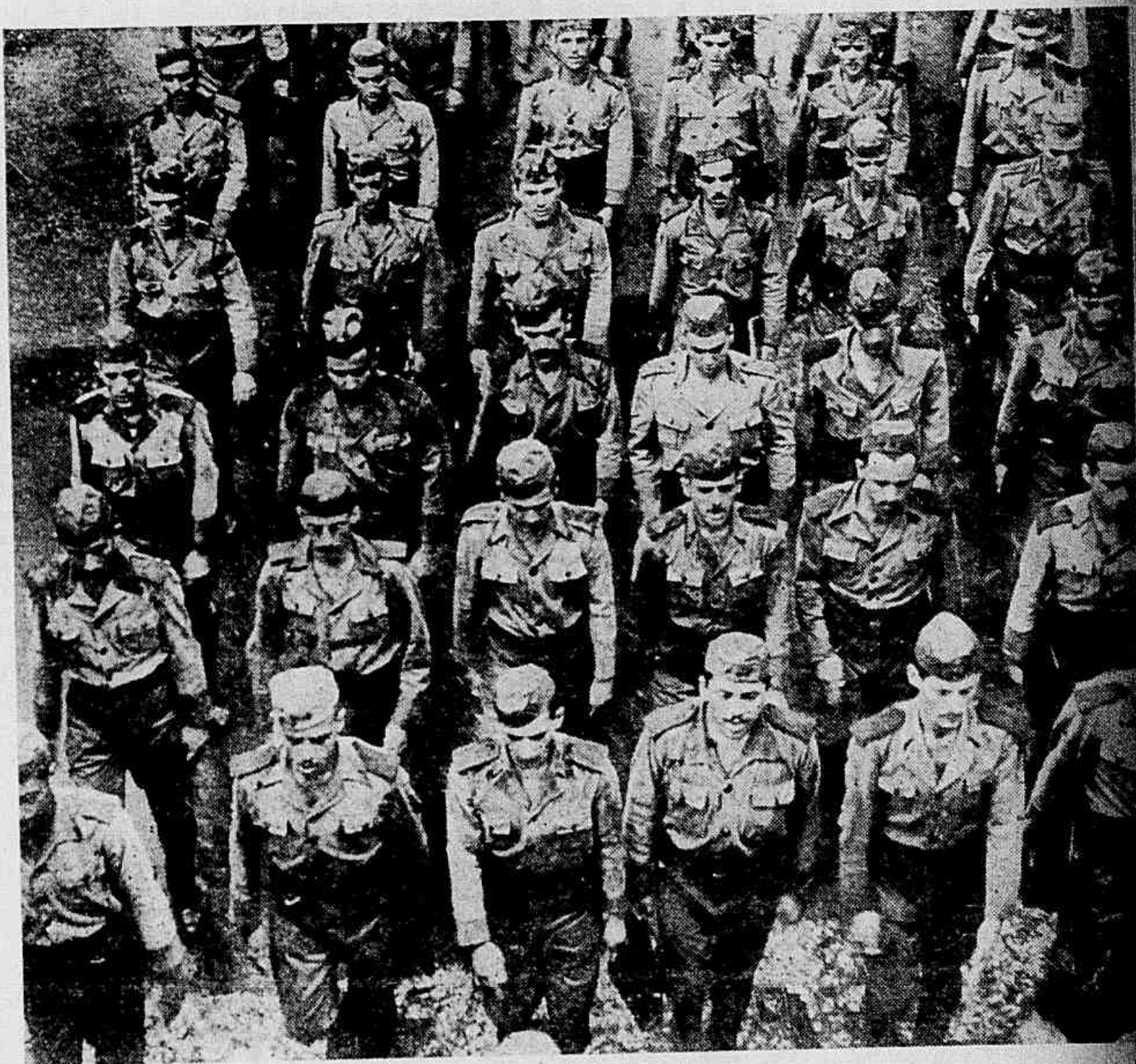
INSTRUÇÃO DE MORTEIRO. — Quando se dirigem ao local de instrução, os alunos são os próprios condutores do material necessário à mesma. Na presente foto, aparece um grupo do 2.º ano de infantaria.



CAVALARIA — Apesar do carro de assalto, a cavalaria ainda tem o seu papel, principalmente em terrenos acidentados, sem vias fáceis de comunicação, como os do nosso País. No C. P. O. R., ela constitui um motivo de orgulho, pelo seu garbo e disciplina. Eis um grupo de alunos, durante uma instrução com lanças.

apenas no fato de não serem organizações autárquicas (funcionam anexos às unidades).

A formação do oficial da reserva não é uma tarefa tão ligeira quanto poderá pensar o público, esse mesmo público que se encontra, pela manhã com os moços que retornam da instrução. A parte técnico-prática obedece a programas em tudo semelhantes aos da Escola Militar; somente a parte teórica é menor, tendo em vista que o oficial da reserva deve ser preparado para comandar, no campo de batalha e não para dar instrução ou resolver grandes problemas militares. Deste modo, quanto sacrifício, quanta perseverança por parte dos candidatos à reserva! Porque eles são,



"E' NO COMBATE QUE O INFANTE É FORTE" — Olhar firme, expressões decididas, este grupo evidencia, muito bem, a decisão que anima os espíritos e a fé que empolga os corações. Em jovens como estes, o Exército terá uma oficialidade de elite; e a Pátria poderá enfrentar, confiante, as incertezas do futuro.

ao mesmo tempo, civis e militares. Cá fóra são adogados, jornalistas, professores, funcionários — no quartel, às seis horas da manhã, são soldados, entregues aos exercícios ou às aulas teóricas, conforme a instrução do dia. Deixam o quartel entre 8 e 8½ horas; não podem trabalhar fardados. No ato de ir ao domicílio trocar de roupa perdem as possíveis horas disponíveis da manhã. A parte da tarde, dedicam às atividades profissionais e à noite tem ocasião para consagrar-se a outros afazeres, mormente aos estudos. Acrescente-se a isso as marchas periódicas, os exercícios domingueiros na Vila Militar, as provas, os múltiplos deveres, enfim, da vida militar, e consideremos o quanto custa a essa mocidade a conquista do oficialato.

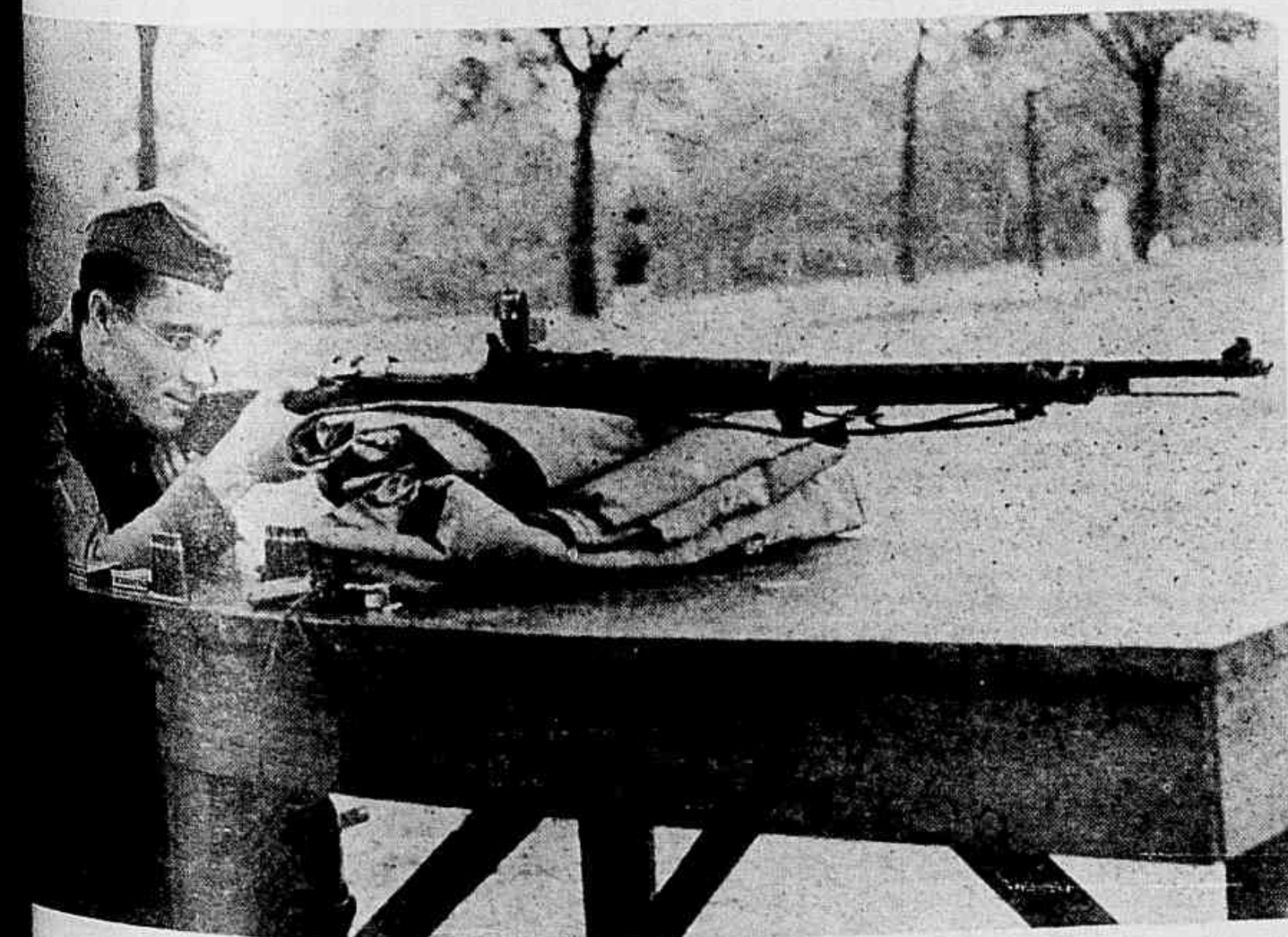
Se estivessemos nos velhos tempos... Sim, no período colonial, quando existia a milícia, e a tropa de li ha, a compreensão dos deveres militares era diferente. Fomos encontrar num historiador, um saboroso trecho no qual está descrito o modo pelo qual os jovens fidalgos prestavam seus serviços à milícia. Não se davam ao trabalho de conduzir as próprias armas até o local de instrução; achavam essa tarefa — aliás com razão — um pouco penosa, dela encarregando os seus moleques. Se acaso chovesse eram ainda, esses escravos que abriam enormes guarda-chuvas junto à tropa em exercício, protegendo seus senhores. Coisas pitorescas do Brasil de ontem.

Apezar de tudo isso a rapaziada não perde o seu bom humor. Na cavalaria, por exemplo, instituiu-se a *caixa-do-lombo*, uma urna, na qual deposita-se uma pequena taxa, toda vez que se cai do animal; a importância assim arrecadada é invertida na conservação e compra de material.

Outrossim, por sugestão do sr. Coronel-Comandante, foi fundado um grêmio interno, destinado a coordenar atividades sociais, literárias e esportivas no corpo de alunos.

O C. P. O. R., está, pois, prestando um grande serviço à Pátria. E' a integração da mocidade no Exército de Caxias. E' o fortalecimento da mística do Brasil Imortal.

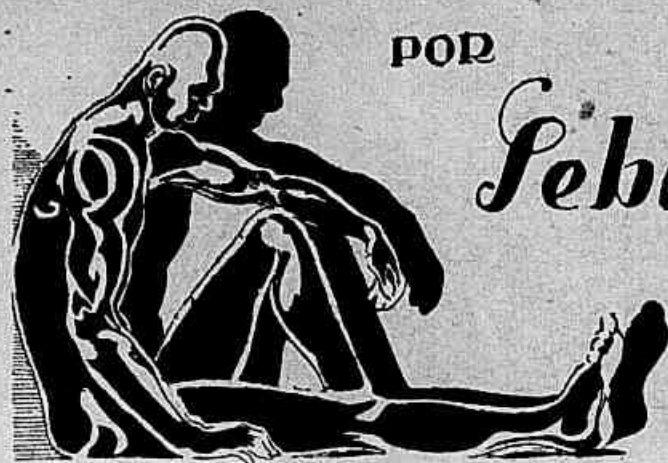
N. DA. R. — Os dados para esta reportagem foram gentilmente fornecidos ao nosso representante, pelo capitão Agenor Monte. A este oficial, portanto, e ao sr. coronel Brasileiro Americano Freire, os melhores agradecimentos da REVISTA.



TIRO — Atirar é a principal missão do soldado. Deste modo, é necessário que o futuro oficial passe por todas as fases da aprendizagem de tiro; só assim ele se tornará o perfeito instrutor de amanhã. No caso, o aluno submete-se ao controle de pontaria.

NEGRETO

POR

Sebastião
Fernandes


(DESENHOS DE LASSANCE)

A guerra e a nova criação do "banco de sangue" vieram mostrar um paradoxo, engracado, mas também triste. Combate-se o povo que inventou a supremacia do seu sangue, duvidosamente puro de ariano, contra o sangue dos judeus. E outro país que tanto criticou esse problema europeu levou a uma associação de similitudes médicas a questão de estabelecer separação, julgando haver diferença entre o sangue dos indivíduos brancos e negros!

Até onde chegamos...

Que dirão de nós, pois quasi todos tivemos uma babá que sacrificou seu filho para nos alimentar? Em nossa terra, está o negro profundamente emaranhado na nossa vida, para inventarmos questões e duvidas.

Não se trata de louvá-lo com arrojados excessivos dos oradores monárquicos e republicanos, todos influenciados pela corrente européia da literatura afro-americana e outros interesses; temos de ser sinceros.

Custa crer que, gostando tanto de gabar com rebarbativas hiperboles a nossa generosidade e hospitalidade, mostrando-nos criaturas mais humanas que os de outros povos, tivéssemos alimentado por trezentos anos essa mancha horrível e negra do cativo. Reduzimos à escravidão uma raça arrancada traçicamente do seu meio para trazê-la presa aos grilhões de ferros. Porque o erro de nossa imigração não foi só o elemento negro, foi o da escravidão, foi o da deformação social.

Começou com o colonizador que saindo da vida cara na Europa, as facilidades no novo continente lhe deram vasa à preguiça e ostentação. Veiu daí o luxo do reinol, em desejar um escravo... Diante dele terras imensas para a lavoura. Não é que houvesse preferência pela escravidão negra ou vermelha, mas é que o negro era mais dócil, submisso e estranho ao meio e à terra. Negócio mais lucrativo era o elemento negro. Procurou-se aproveitar a eficiência do trabalho barato e a concupiscência procurou no escravo o melhor fator. Conhecendo bem o índio o terreno onde pisava, facilmente soube fugir da escravidão. Então a lábia do branco lançou a vista para um povo estranho e distante.

A África era um manancial quasi abandonado. E vieram primeiro da Guiné, depois do Congo e ainda de Angola durante três séculos!

O negro foi iludido em todos os sentidos. O primeiro movimento para a terra do outro lado do mar foi a mentira e a prisão. Depois foi acorrentado. O porão do navio serviu de teto que abrigou todo o desencanto.

Jogado numa terra também cheia de sol, as lembranças vieram tristes como triste ficou a música com que procurou distrair-se.

Dentro do navio apareceu a realidade do novo mundo. No bôjo do veleiro veio a revelação da e cravidão que nunca mais poud esquecer, porque ninguém esquece uma prisão.

Procuramos nos inocentar dizendo que nascendo e respirando sempre o ar de donos dos escravos ficamos como impregnados dessa moléstia. Mas o indiferentismo à liberdade alheia responderá pela desculpa.

A literatura estrangeira, europeia, ou melhor francesa, nos dava exemplos de que devíamos pensar mais nos problemas de outros povos, se é que a literatura dos árcades ou românticos pensou em problemas. Passatempo e diletantismo estranhos ao nosso meio, quando olhávamos para dentro de nossa fronteira era para namorar um índio de opereta. Mas não culpamos só os literatos, pois eles não faziam leis. No parlamento, como nos ministérios, ninguém via o negro escravo sempre curvado, solícito, bom, risonho, para o branco orgulhoso e comodista e insensível.

A opressão duma raça com a escravidão foi nossa noite de erro. Devemos ter coragem para dizer que compartilhamos desse crime. Os castigos corporais, que aumentavam o martírio do africano, acabavam por desmoralizar o braço que empunhava o chicote. A opressão e o castigo jamais levarão alguém à altura ao reconhecimento do forte. Mesmo ignorante, o negro não era um irracional.

Preso na sua própria tribo africana, trazido nos ferros dos veleiros e sempre vivendo entre chicotadas e outras ameaças e torturas dos brancos, era o negro, por natureza

acovardado e sem qualquer traço que o fizesse desembaraçado para uma revolta, a não ser um ou outro elemento que não desmente a regra geral. Por isso, foi sempre considerado homem inferior. Inferior porque não se revoltava...

Atirado para dentro das senzalas, numa promiscuidade sem quaisquer resquícios de higiene, ou de outros predicados, como também vivia nas choças africanas, o criador dessa imundície foi o branco denominado civilizador. Forçosamente que o escravo, jogado na América, sem qualquer gesto de simpatia humana, se alguma qualidade tivesse, desapareceria ante a brutalidade da acolhida. Tratado, em sua maioria, nessa desordem e desleixo, quando obteve a alforria, não teria energia para arcar sozinho com a força que é a liberdade, força que, para nos valermos duma imagem fácil e antiga, mata o pássaro nascido na gaiola, quando ganha a libertação.

Afastado de sua gente, o negro trazido para terras estranhas, como escravo, perdendo todo o interesse pela vida e sem qualquer ilusão, tornou-se um abandonado de si próprio, já que o seu dono também o abandonava mais do que os animais irracionais que tinha no terreiro e na baía. Daí os suicídios, as fugas, o marasmo.

As revoltas foram bem menores do que o movimento de opinião pública, principalmente dos chamados intelectuais para obterem a emancipação. As próprias rebeliões, em sua maioria, não tinham nenhum caracter de extinção de escravatura, mas sim a fuga para formar nas matas e nos montes tribos com ritos e usanças à maneira como viviam na África.

Foram sacrifícios quasi inuteis de vergastar o lombo do negro para que ele produzisse mais ouro; no entanto, esse ouro era para o estrangeiro que se locupletava com o serviço do escravo. Julgávamos-nos livres explorando-o, e, todavia, vivíamos na dependência de outros povos, que nos traziam o braço escravo. Era o sacrificio inutil de provocar o trabalho do prisioneiro. Iam às selvas africanas buscá-lo afim de trabalhar em terras americanas para o europeu astuto.

O trabalho por si já é um castigo, mas a servidão forçada era um crime. Mesmo fazendo a proibição do trafico negreiro, a libertação dos nascidos depois de tal data, e a libertação dos sexagenários, mostravam que a questão era tratada parceladamente e com muita parcimônia, como se fosse uma coisa perigosa e de facil transferência ou adiamento, a sua extinção. As leis de emancipação foram meras; no entanto para a sua escravidão existiam instituições e leis protegendo toda espécie de comercio.

Durante trezentos anos a carga humana foi transportada como mercadoria policiada pelos brancos civilizados.

Fomos todos responsáveis pela perpetuidade de tal crime. Depois fizemos um barulho por uma lei que não era, propriamente, uma proteção, pois abandonava aquele a quem até a véspera tínhamos sugado as forças.

A Abolição veio tarde, muito tarde para haver desculpas, e com bastantes erros como a falta de proteção que todo indivíduo deve ter.

Sempre fomos boêmios em organização e os abolicionistas jamais pensaram em assistência social e economica aos libertos. Basta enumerar que mais de meio milhão de negros foram abandonados no dia 14 de Maio de 1888.

Isto sem falar, como lembrou Arthur Ramos, no imigrante que chega aqui protegido por todas as leis e com toda assistência e utensílios para o trabalho.

A inferioridade imposta pela força será por muito tempo a culpa de desmandos e enganos com que sentenciam ligeiramente sobre uma raça infeliz. E sendo o verdadeiro elemento criador do país, foi completamente esquecido.

Para rematar, citando um mínimo detalhe que talvez possa esclarecer melhor minhas considerações sobre o elemento negro.

Não poderei nunca esquecer o espetáculo do negrinho da minha rua, numa aba de morro, apanhando ferro velho para juntar às pirâmides com que o país queria aumentar seu quinhão de metal para proteger sua integridade.

Não quero falar de nossa incúria só agora pensando nisso. Não quero pensar no gesto quasi romântico da novidade. Quero falar no negrinho que talvez não soubesse do drama mundial e, como os outros molequinhos, ignorava os editais para as pirâmides patrióticas, mas sabia que ia fazer um bem à sua terra; trabalhava recolhendo os metais e protegendo-os, como uma coisa séria, mostrando um sentimento puro, natural, espontâneo, que bem deveria ser melhor cultivado.



CABELOS SEDOSOS, BRILHANTES,
FINAMENTE PERFUMADOS.

Nº 177 B

Quina
Petroleo
ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

A VENDA
EM TODO O BRASIL

Columbia Show



Essas pequenas... (Terá o diabo inventado cousas mais tentadoras para a voluntária perdição dos homens?).

Acredito que não. Reparem só: a deliciosa e louríssima Leslie Brook, que vem em "Que pernas!" (!!!) também fará com que qualquer esquisitor repita assombrado: "Que ombros!";

a ingênua (?) e encantadora Marguerite Chapman, cujos beijos farão a delícia de Joe (Boca Larga) E. Brown em "Um rapaz decidido";

a "sophisticated" Alma Carroll (que pretenderá ela com esses olhos capazes de incendiar uma geleira?... Sabe-se lá... De Cleópatra a Pompadour, de Pompéia à Recamier essas mulheres são mais perigosas que uma corrente de 100 mil volts;

& finalmente

a doce namorada de Ty Power em tantos filmes inesquecíveis: Linda Darnell. Observem a doçura desse rosto e os diabinhos que brincam de esconder nos olhos bregeiros.

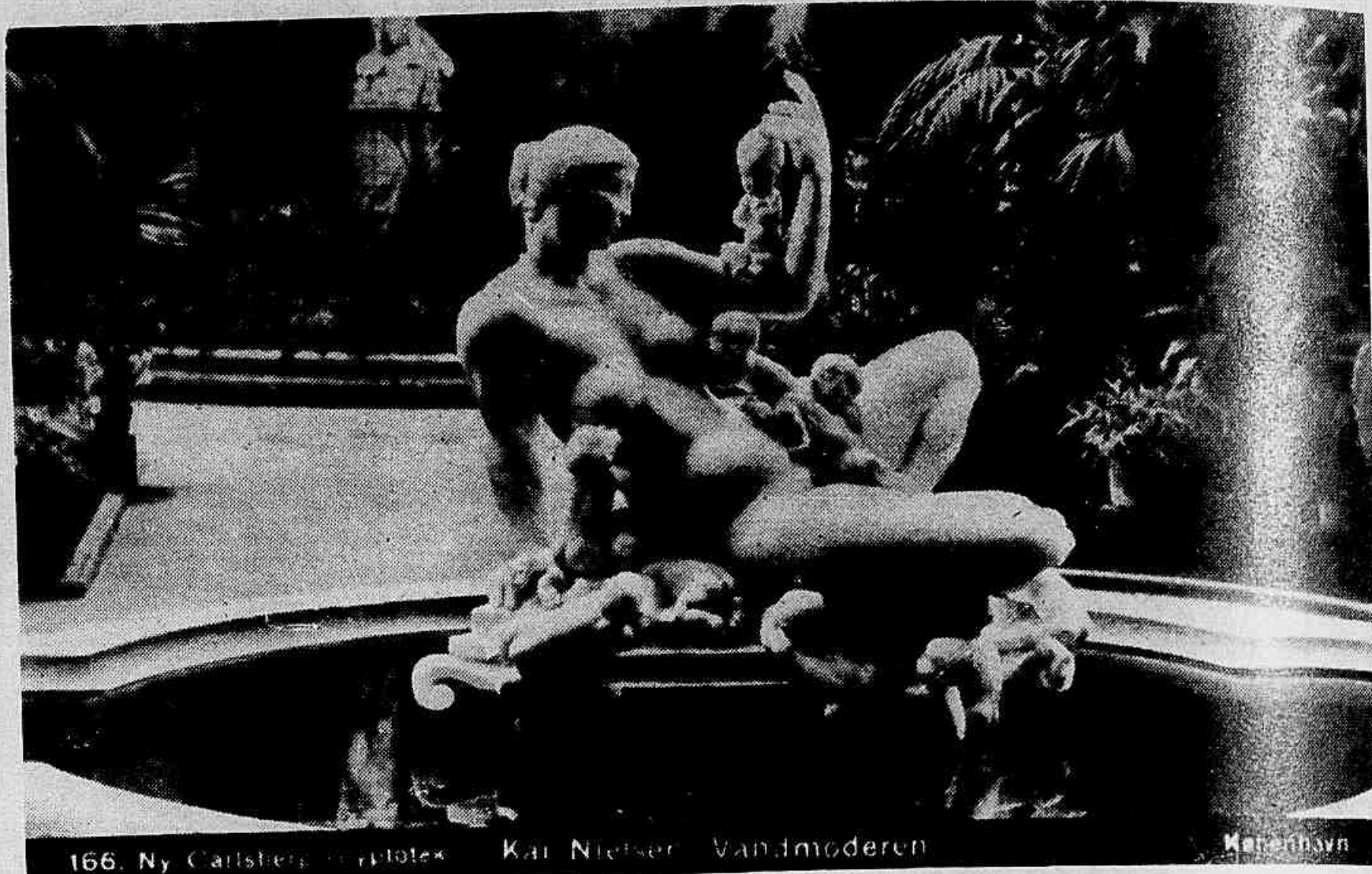
O Reino de Dan, o Magnifico

(Impressões da Dinamarca)

Argeu Guimarães



"Vikings tocadores de trombeta", na Praça da Prefeitura de Copenhague.



166. Ny Carlsberg Glyptotek Kai Nielsen Vandmoderen

"A mãe-dagua", de Kai Nielsen na Glyptoteca de Copenhague.

Segundo a saga ou lenda primitiva, Odin, o Devorador, o Pai de Tudo, o primeiro e o maior dos deuses escandinavos, teve um filho chamado Skiold, "o rei vindo do mar", que dominou a Scania, conquistou o arquipélago adjacente e invadiu a Jutlandia.

Skiold, pela força e o destemor, correspondeu às esperanças que nele fundara o povo daquelas terras. Ainda na flor dos anos, preando a aventura, alongando-se do sequeito que a custo lhe seguia os passos, embrenhando-se nos meandros da floresta, viu-se subitamente investido por um urso de desmarcado porte e, longe de fugir, fez-lhe face, arrostando-lhe a furia, lutou corpo a corpo, reduziu-o à impotência, manietou-o e esperou calmo e triunfante os companheiros. Aos quinze anos, em renhida peleja, bateu os saxões, matou-lhes o chefe, duque Skat, em duelo sangrento, tomando-lhe a filha para esposa. Criou fama de bom e justo, terrível no encalço do inimigo, meigo para com enfêrmos e humildes, dádivo para os afeiçoados. Tudo entregava ao exercito, das prêsas de guerra — "os soldados guardam o ouro" — dizia — "os chefes, a glória".

De acordo com a sua ultima vontade, quando morreu fizeram-lhe um navio o ataude, cercando o corpo inerte de gládios, lanças e broqueis de ouro, massiças achas, capacêtes e olifantes, flautas e har-

pas e montões de jóias e paramentos reais, a cota de malha e bracelêtes, colares, brincos, diademas, até mais não poder. Sobre o peito, as mais ricas insignias, ao lado a invita lança de combate, sob a cabeça um feixe de espigas da ultima seara e, cobrindo o peito, a bandeira dourada que lhe servira de estandarte. Aquele singularissimo tumulo flutuante foi impellido para o mar. Para onde? Com que destino? Para que país? Ninguém o soube jámais e o povo dizia, redourando a lenda, que o seu rei fora restituído ao seio dos deuses, alem, muito além, na bruma do oceano, em desconhecidas e rutilantes plagas.

Ficaram os descendentes, porém, constituíram a dinastia dos "skioldungs" e um deles, gerações passadas, Dan, o Magnifico, dilatando o império, legou-lhe o nome, que perdura, de Dan-Mark, Dinamarca.

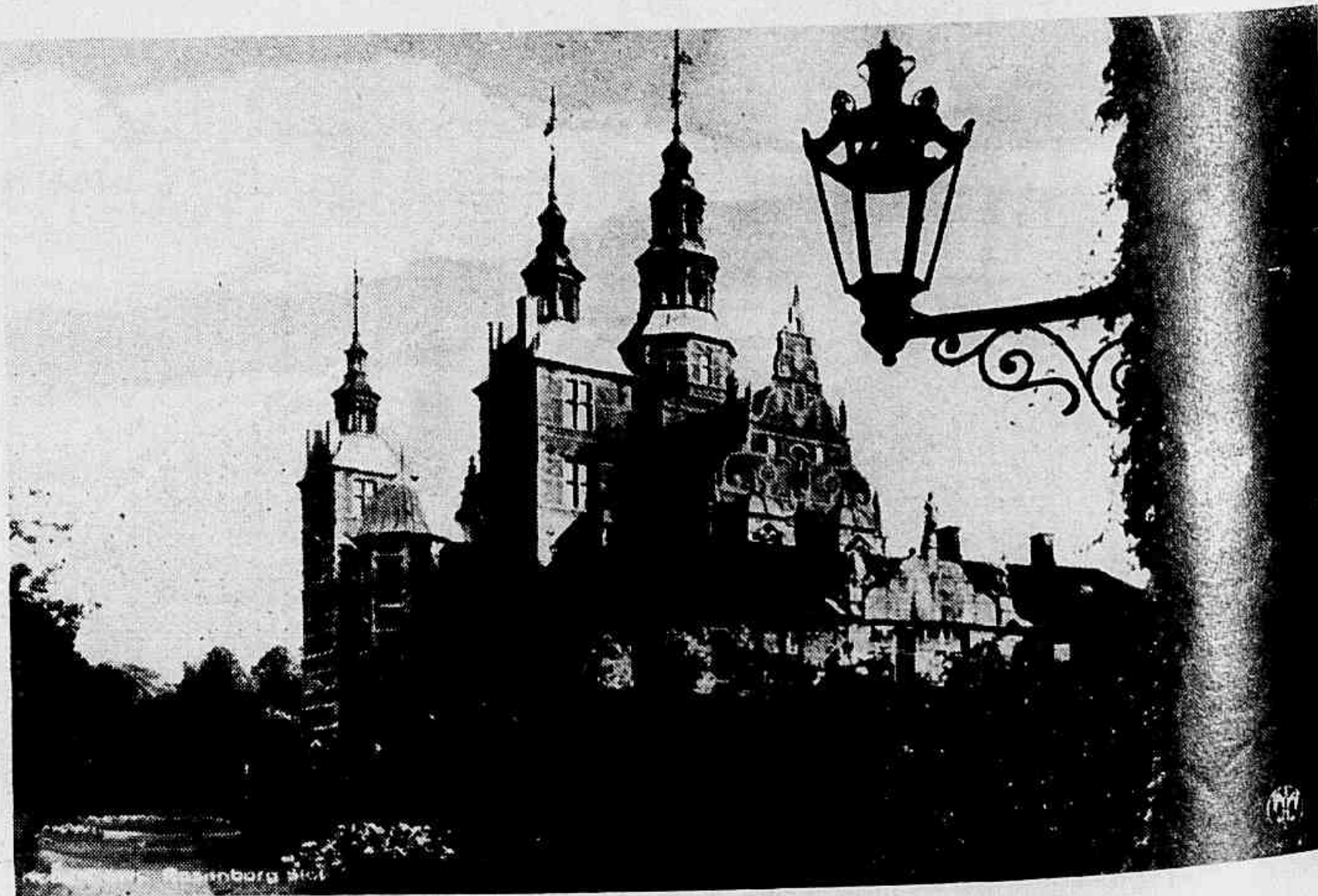
Remontámos, assim, á procura dos ancestrais deste povo pródigo e feliz, a uma bizarra mitologia de deuses ruivos e valkirias e navegantes ou vikings ousados e porfiosos. Descobrimos, afeiçoados pela civilização, os balbucios duma raça pura e forte em pleno domínio maravilhoso da tradição lendária. Com o tempo, sem duvida, a fisionomia calhosa da tradição lendária, sem acidentes geográficos dignos de registo, igual, lhana, singela, foi modelando o caráter nacional, impendo a disciplina, ensinando o trabalho, domando pristinios impulsos de presa e conquista, até constituir a gente moderna, para a qual a saga primitiva é fonte inexaurível de poesia e amor do torrão natal, no fluído e prestigioso irradiar das divinas imagens de Odin e Skiold e Dan.

Das visagens imponderáveis do Walhalla desçamos ao encantamento duma paisagem acessível e amiga.

A Dinamarca é um país liso, espraído, onde não existem surpresas monstruosas e toda a natureza parece ditar com sabedoria o equilíbrio das cousas e da vida. Pelo tamanho, surge-nos minúscula, a nós brasileiros, quando lembramos que a nossa terra poderia abranger folgadoamente umas quatrocentas Dinamarcas. Mas, que importa a extensão,



Camponesa dinamarquesa.



Castelo de Rosenberg, na Dinamarca.



Estátua do famoso contista das crianças, H. C. Anderson em Copenhague.

se queremos fixar aspectos de ordem e cultura, obra de muitos séculos de esforço e perseverança? A Dinamarca, pequeno país primoroso, oferece o quadro variado de múltiplos exemplos edificantes. Nem chegaremos a dar uma idéia vaga do que eles representam.

Vejamos, em traços fugitivos, o que nos ensina a geografia física. O cenário contrasta com o resto da Scandinávia, da cumiada de cujos Alpes até o bordo anfractuoso e profundo dos fiords se desdobra uma paisagem grandiosa e misteriosa. Outro, mais humano, menos ingente, o painel da Dinamarca — prolongamento da Europa Central nos limbos da península escandinava. O país se situa na Scandinávia mais pela História do que pela Geografia.

O que Henry Bordeaux disse de Copenhague, pôde ser aplicado ao território inteiro, com exceção das áridas dunas da Jutlândia, nos pontos onde ainda não penetraram a seara e a floresta, que merecem um esforço contínuo e inflexível vão-se dilatando aos próprios areais antes considerados estereis e inúteis: em conjunto, é um parque dilatado e plano, cruzado de canais, pontilhado de lagos, debruado de fiords, marchado de florestas.

Um parque, um jardim de infinitas perspectivas. Nos dias de verão, enxutas as neves, tépida a atmosfera, vê-se despontar, reverdecer, florir uma natureza tecida de cores capitosas e perfumes ricos. Ninguém o suspeitaria nestas latitudes glaciais. Um parque enorme, outro jardim d'Europa à beira mar plantado, verdadeira surpresa de luz e cor na vizinhança da aurora boreal. As estradas devassam campos, florestas, herdades e as casas lavadas e pintadas de novo parecem graciosos pavilhões recortados de cromos brilhantes, as flores recordam um garrido mostruário da porcelana real e as águas refletem a calma feliz da paisagem como espelhos imaculados na moldura de ramalhudas faías e pinheiros erectos e sombrios. Os campos, de tanta anêmona e tanta tulipa se tingem de branco, ouro e lilás e o espetáculo se anima de inolvidável, que não se eterniza no manto fulvo das searas, sob a cupula magnífica das celagens puras, mas se prolonga e evolue, pelo ano a fora, até culminar na melancólica suntuosidade dos gêlos do inverno.

A Dinamarca, dizíamos, é lisa como um taboleiro e apenas aqui, ali, acolá, erçam-se ligeiras rugas, que não vão além de 146 metros sobre o nível do mar — essa é a modestia cota do ponto culminante. A planície da Europa Central projeta, pois, para o Norte a península da Jutlândia, parte contínua e principal do simpático reino de Skiold, vagamente alcantilado, país de rebanhos e trigais, lembrando a cada volta, pela feição da paisagem e o caráter do povo, a fisionomia da Holanda da Flandres e da Normandia.

O signo escandinavo, entretanto, assim desvirtuado pela paisagem, vem de prisões éras. A península jutlandesa foi outrora ligada à escandinava, até que um cataclismo, no amanhecer do planeta, abrisse um sulco cindindo-o do que hoje constitui a Suécia — e a solução de continui-

dade territorial, imposta pelas águas frias e cinzentas do Sund, não determinou o schisma destas civilizações vizinhas, que se mantiveram estreitamente unidas, fixando ainda e sempre uma expressão étnica e moral, a que se prende a Finlândia, por analogias históricas: todos esses países, aliçados pelos vikings, Suécia, Noruega, Dinamarca, Finlândia, formam de fato a Scandinávia moderna, na sua definição mais compreensiva.

Ao sul da Jutlândia demoram os antigos ducados de Schleswig e Holstein, tomados pela Alemanha em 1864 e restituídos recentemente ao legítimo dono, graças ao Tratado de Versalhes, que ordenou um plebiscito reparador. Foi uma reincorporação sem violência, jornada de efusões e flores, como soube fixar o artista nacional num dos grandes painéis modernos do castelo real de Christiansburgo — o rei Cristiano X, montado em garboso cavalo branco, atravessa as ruas da capital do Schleswig saudado por bandos alacres de crianças, num cenário empavezado e luminoso, entre clarins e bandeiras desfraldadas.

Além da península jutlandesa, conta a Dinamarca meio milheiro de ilhas, desiguais no tamanho e na importância, semeadas entre o Báltico e o Mar do Norte, das quais a Seelandia é a principal e, das outras quinhentas, só umas cem são habitadas. Mais arquipélago do que continente. Para além dos mares, incluem-se no espólio de Dan, o Magnífico, as remotas ilhas Feroe, a anfractuosa Islândia e a desolada Groenlândia.

Um verdadeiro labirinto de estreitos e canais, "sunds" e "belts", como se diz na língua dos vikings, abre vias navegáveis entre o Mar do Norte e o Báltico, limitando a Jutlândia, a Suécia e a Noruega: o Grande e o Pequeno Belt, o Kattegat, o Skagerrak e o Sund, o mais exiguo, em cujas margens se levanta Copenhague, faceira capital do Septentrião, ciosa dos seus velhos galardões de Atenas e País do Norte. Das praias de Copenhague, nos dias claros do estio, avista-se a Scania, na vizinha Suécia, parecendo o prolongamento da terra dinamarquesa através das dunas pontilhadas de arvoredo e brancos casarios nos pequenos portos de marujos e peixeiros — tão perto e tão nítido, como se pôde ver Niterói do Rio de Janeiro.

Na sua maior extensão o território é fértil e sobretudo sábiamente aproveitado. Onde a natureza não foi dadivosa, assim nas estereis dunas a oeste da Jutlândia, a mão do homem realizou a porfia o milagre da mutação da gleba e surgiram florestas e plantações onde antes campeava a morte e o deserto. Em geral, porém, a terra é propícia à agricultura e à criação de gado, atividades que absorvem a maior parcela da população. É regada por um sem numero de arroios, dividida por belts e fiords, semeada de lagoas, em cuja quietude de águas mortas se debruçam carvalhos, pinheiros, faías, sobretudo faías, a árvore nacional, divinizada pela estima do povo. O maior rio é o Gudenaá, a sudeste da Jutlândia, medíocre, em verdade, na geografia europeia, mas de grande renome na planície dinamarquesa, rasgando-lhe mimoso vale de brandos acíves e desembocando no fiord de Randers.

O fiord... eis outro tema justificativo de amorosas divagações literárias. Mas, para conhecê-lo, é mister procurar mais altas latitudes. Característico da Noruega, na geografia nórdica, a Dinamarca também o inscreve, é certo, entre as atrações do turismo, num quadro, porém, de mais brandos contornos. No país de Dan já o fiord perde muito do mistério e do encanto.

Essa é a mancha muito toscamente esboçada da topografia dos domínios de Dan, o Magnífico...



“Cristo”, pelo famoso escultor Thorvaldsen, chamado o Fidiás do Norte.



Castelo de Cristiansborg, em Copenhague.

"OS COMANDOS ATA- CAM DE MADRUGADA"

Depois que o pesadelo da guerra caiu sobre o continente americano com o ataque traiçoeiro a Pearl Harbour; depois que Mac Arthur, com um pequeno contingente militar, viveu o mais belo poema épico desta guerra, nenhum filme demonstrou — e, tenho plena certeza, — nenhum o demonstrará, com maior eloquência e veracidade, a reação espantosa e o objetivo arraigado de vitória que caracterizam os soldados americanos.

Este filme não constitui apenas um relato profundamente humano "que poderia ter acontecido" como no caso de "Rosa de Esperança" "ou que provavelmente aconteceu" como em "Nossos mortos serão vingados" mas reflete o que simplesmente, de fato, sucedeu e o "que está sucedendo todos os dias".

Quais são os seus intérpretes?

Os próprios comandos canadenses!

Homens destemidos cuja divisa, quando em combate, é: "não regressar a menos que traga a vitória!" Com homens como esses as tropas amarelas comandadas por Togos, Tojos e Yamamotos (?) assombraram-se nas selvas de Attu e Guadalcanal. E aprenderão muito mais, futuramente.

Tais são os "atletas de aço" que veremos ao lado de Paul Muni — o conhecido colecionador dos "Oscar" da Academia por inesquecíveis e dramáticas interpretações — Sir Cedric Hardwicke, Robert Cootz, a graciosa Ann Lee e a veterana Lillian Gish — a romântica do cinema silencioso — numa notável "reentrée".

Quem os dirigiu?

JOHN FARROW. E consignou, indiscutivelmente, uma grande vitória.



Sintetizando os ideais americanos baseado em argumentos "reais", demonstrando todos os segredos dos "studios" numa afirmação miraculosa da técnica, reparem as cenas de combate!, objetivando humanissimamente os sentimentos de Amor e de Liberdade através da luta pela vitória das democracias, John Farrow, dirigindo a superprodução de Lester Cowan, descobriu para o cinema seus verdadeiros horizontes. Emprestou-lhe um novo sentido porque estudou a psicologia do seu povo. E deu à 7.^a Arte o lugar que lhe competia no conflito mundial: a de "leader" eficiente no combate às forças de barbarie e opressão.

Um grande agradecimento da America, para você, Columbia Pictures!

E palmas, muitas palmas, para John Farrow!

SONIA REGINA



O BATISMO DE CLAUDIO



Realizou-se no dia 15 de Maio próximo passado, na Igreja de S. Francisco Xavier o batismo de Claudio, primogenito do Casal Sílvia Camacho Leuzinger - dr. Victor Leuzinger.

Foram padrinhos de Claudio a Sen.^a Elmira Doria Leuzinger e o Dr. Paulo Camacho Crespo.

Depois da solenidade religiosa, os avós maternos do lindo bebê, Dr. Sílvia Camacho Crespo e sua exma. senhora D. Yone Meira Camacho Crespo, ofereceram, em sua residência, uma recepção a parentes e amigos, a qual transcorreu brilhante pela extraordinária concorrência e pelo ambiente de fidalguia que a caracterizou.



NOTICIARIO ELEGANTE

Estado do Rio. Comte. Atila Soares, Ministro do Tribunal de Contas da Prefeitura.

DIA 11 — Sra. Josefa Dutra Soares Guimarães Srs: Dr. César de Lacerda Vergueiro; dr. Arnaldo Tavares.

ANIVERSÁRIOS

DIA 5 — Sta. Lúcia Sampaio Gomes filha do sr. Afonso Gomes. Srs: d. Célia de Carvalho Ferrando, esposa do dr. Humberto Ferrando; d. Maria Júlia de Lima e Silva, esposa do dr. Costa e Silva, juiz da Fazenda Pública. Srs.: dr. Alfredo de Oliveira Lima, Ministro do Tribunal de Contas; dr. Azevedo e Sousa.

DIA 6: — Sra. Estefânia Carvalho, esposa do sr. Zeno Belido Carvalho. Srs: Dr. Sebastião do Rego Barros; dr. Américo Lassance.

DIA 7: — Senhorita Lígia de Avila

DIA 8 — Sras. D. Madalena Nabuco, esosa do dr. Luiz Nabuco; d. Valda Sampaio Gomes, esposa do sr. Afonso Sampaio Gomes. Srs.: Dr. Luiz Nabuco; dr. Vicente Ráo, ex-ministro da Justiça; dr. Fiel Fontes, ex-deputado federal; dr. Tarquino de Sousa Filho; comandante Francisco Pais de Oliveira.

DIA 9: — Sras: D. Maria Nóbrega, esposa do sr. Antonio Nóbrega; d. Severina de Barros Ferreira, esposa do dr. Guilherme Ferreira. Srs. Dr. Olinto Sameraro; dr. A. Berbert de Carvalho.

DIA 10: — Sta. Lupe Carneiro da Cunha, filha da Viuva dr. Caio Carneiro da Cunha. Sra. Nair de Tefé Hermes da Fonseca Srs: Dr. Fernando Costa, Interventor Federal em São Paulo; major Hélio Macedo Soares e Silva, secretário da Viação e Obras Públicas do



Sra. Aíla Ferreira Corrêa.

Transcorreram 28 p. v. a data natalícia da sra. Aíla Ferreira Corrêa, secretária do Sindicato dos Jornalistas Profissionais.

A aniversariante, que conta nos meos de imprensa, onde milita ha anos, de um vasto círculo de reações, seus colegas e admiradores renderam-lhe uma justa homenagem aos seus peregrinos dotes de inteligência e de caráter, virtudes estas que a tornam digna da amizade de todos os seus companheiros de trabalho.



Laís Wallace, de volta da America do Norte onde obteve grande sucesso artistico, apresentar-se-á num concerto oficial na Escola de Musica no proximo dia 10 de Junho, tendo ao piano o maestro Mignone.



Em cima: O dr. Plínio de Carvalho oferecendo a grandiosa manifestação, em nome dos criadores fluminenses. Em baixo: Quando discursava o ministro Apolonio Sales.



A HOMENAGEM FLUMINENSES AMARAL

UM ALMOÇO DE QUINHENTOS

Constituiu um acontecimento de elevada expressão e brilhantismo invulgar a grandiosa homenagem prestada pelos criadores fluminenses ao interventor Amaral Peixoto, traduzida no almoço de 2.500 talheres que lhe foi oferecido no penúltimo domingo de maio, realizado num dos pavilhões do Entrepasto Central do Leite, em construção no bairro de Triagem, numa demonstração de agradecimento, pelo que a sua administração no Estado do Rio tem feito em prol da pecuária.

Tomaram parte no ágape mais de 2.000 criadores, muitas autoridades civis e militares, numerosas senhoras e senhorinhas, que emprestaram graça e brilho ao ambiente, lindamente ornamentado com o pavilhão nacional e flores naturais. Via-se, também em flores, a legenda "Homenagem dos criadores do Estado do Rio ao interventor Amaral Peixoto".



M S AL DE OS

DOS CRIADORES AO INTERVENTOR PEIXOTO

DOIS MIL E TALHERES

Sentaram-se à mesa o Comte. Amaral Peixoto, os ministros Apolônio Sales, Salgado Filho e João Alberto, o prefeito Henrique Dodsworth, general Odílio Denys, coronel Alcides Etcheberry, major Alencastro Guimarães, coronel Jesuino de Albuquerque, drs. Rubens Farrula, Plínio de Carvalho, Alfredo Neves, Heitor Gurgel, coronel Agenor Feio, major Nelson Etcheberry, conego Olympio de Melo, todos os prefeitos fluminenses, representantes da Comissão Executiva do Leite de Minas, Estado do Rio e Distrito Federal, etc.

Em nome dos criadores fluminenses falou o dr. Plínio de Carvalho, grande fazendeiro do sul do Estado, que em brilhante oração fez o oferecimento da homenagem.

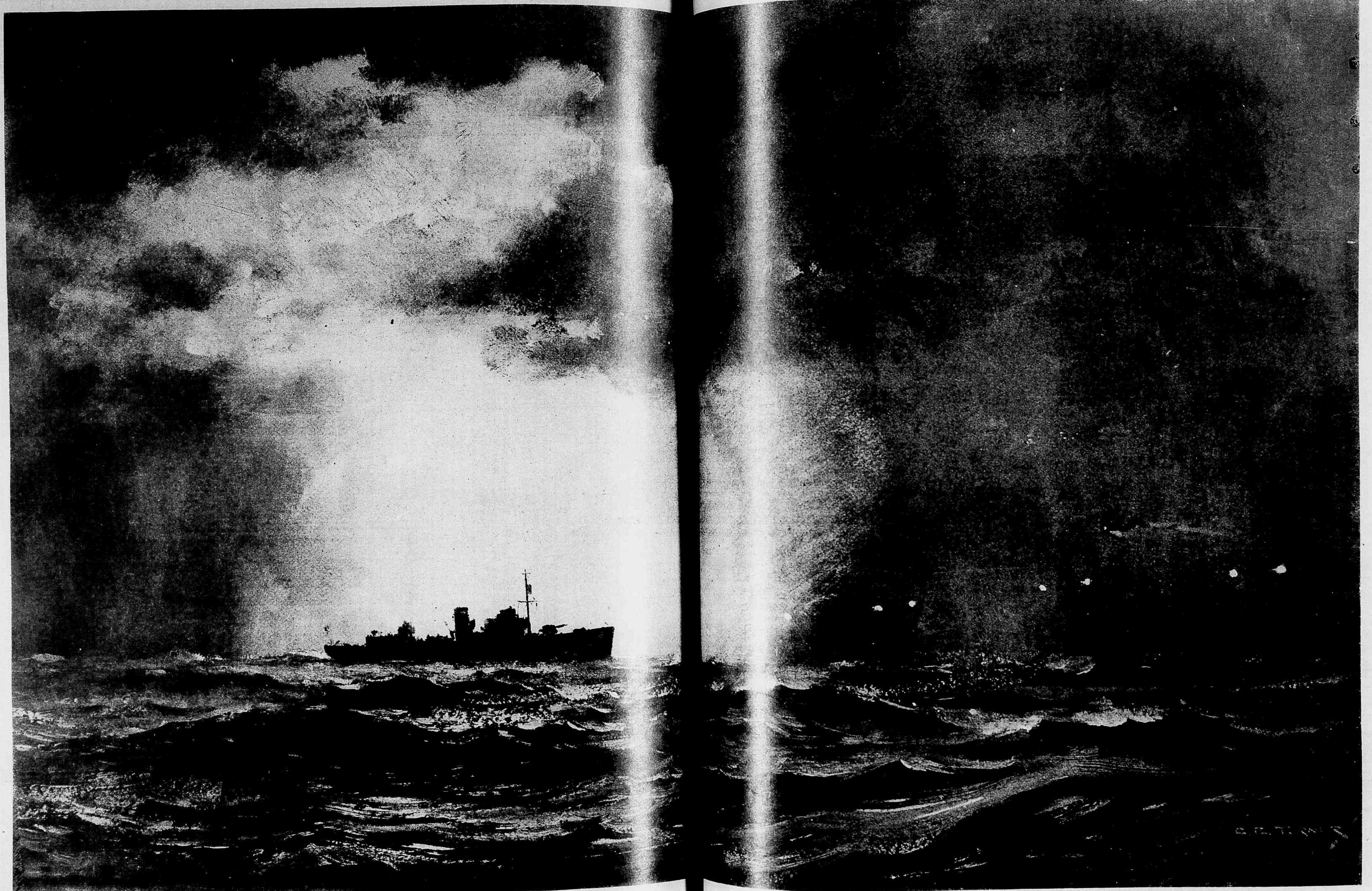
A seguir discursou, agradecendo, o interventor fluminense e, por fim, o ministro Apolônio Sales levantou o brinde de honra ao presidente da República.



Em cima: O interventor Amaral Peixoto agradecendo a homenagem. Em baixo: O interventor fluminense, os drs. Rubens Farrula e Alfredo Neves, pouco antes do almoço.



O terror do submarino: na claridade de uma bomba e á luz dos tiros que cortam a noite, o submarino inimigo descobre na sua pista uma caça



Contrastando com a luz cegante do magnésio que explode, um pequeno caça aparece em missão no oceano. A pintura, feita por nosso artista especial do escorço de um oficial de marinha, mostra também o pontilhado das balas que um navio invisível atira contra um submarino que emergiu na escuridão.

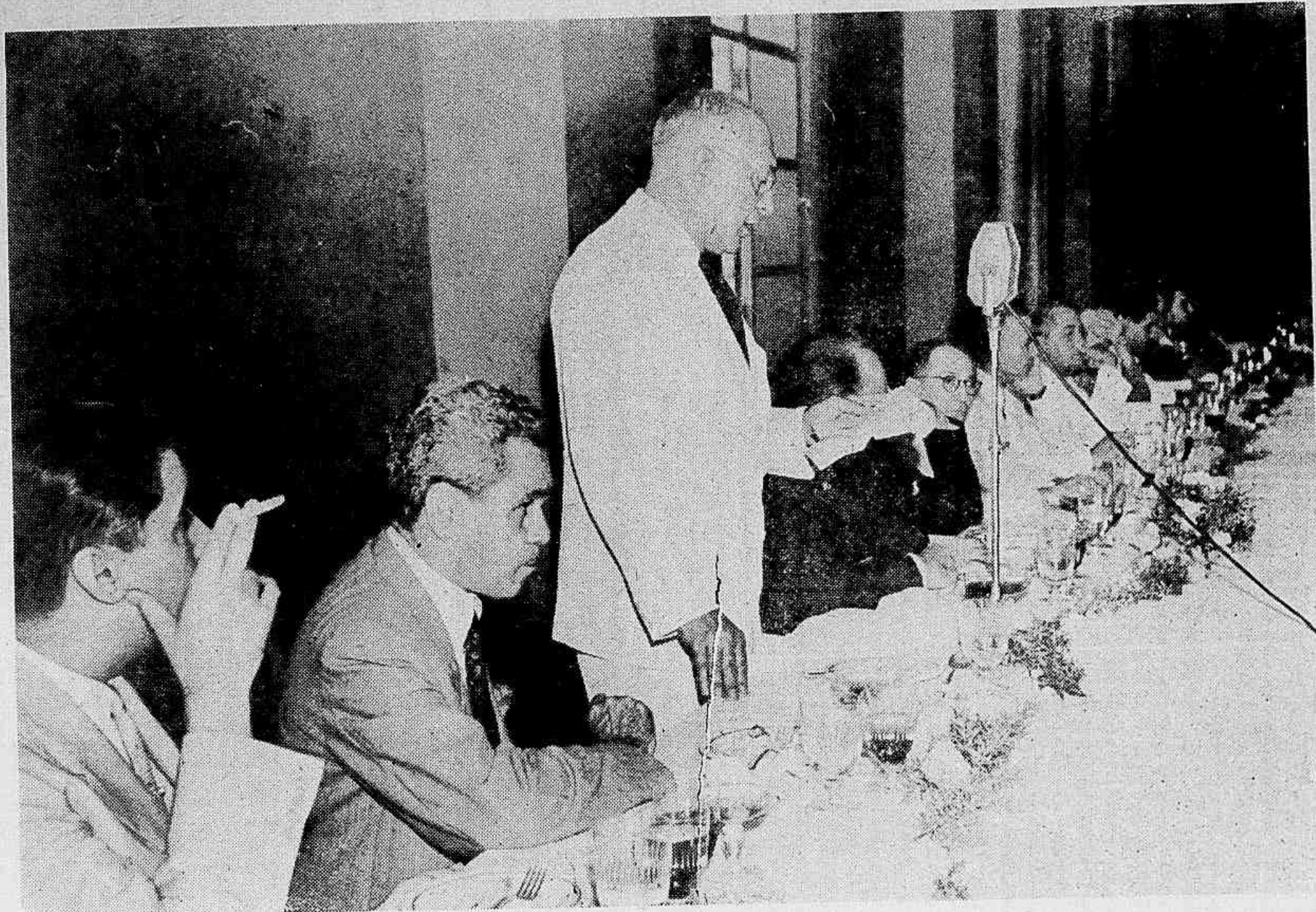
Nesta luminosidade intensa, porém, a treva não poderá mais ocultar o amigo ou o inimigo. Descrevendo o efeito da bomba que explodiu por trás de uma

nuvem, o oficial de marinha escreve com uma luz intensa. Por toda a parte, os caças, dia e noite perseguem ardorosamente os submarinos inimigos. O primeiro Lord de Se-tembro, mencionou novos méto-

do inteira parece vibrar e tremer. O primeiro Lord de Se-tembro, mencionou novos méto-

mar que esses caças são um motivo de crescente terror para os submarinos. Os caças rã são apenas o que há de mais rápido em seu tipo, mas possuem o mais mortífero armamento que jamais transportaram navios de seu tamanho. O Primeiro Lord do Almirantado descreveu um combate dramático na treva, entre vagalhões no qual um caça atacou quatro vezes um submarino até que finalmente os golpes deste alcançaram-lhe a ponte, abriram o castelo de proa e então o caça foi a pique.

EXPRESSIVA HOMENAGEM A UMA GRANDE



Banquete no Club Ginastico Português, oferecido ao Sr. João Paim de Menezes Camara

ordinarias, um escravizado que não conheceu as férias!

E dentro dessa forja do trabalho, de leal cooperação aos seus companheiros, de elevado critério para com seus auxiliares, ele não esqueceu nem negou a sua cooperação á sociedade.

Concomitantemente ás suas responsabilidades proprias, etc dirigiu, por longos anos, o Asilo Santa Maria, de creanças e de velhos desamparados, todos creanças, enfim, e, ha 16 anos ele administra

O sr. d'Utra e Silva fazendo a saudação ao sr. Paim de Menezes Camara.

Por motivo de sua eleição para o alto cargo de Presidente da Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, o sr. João Paim de Menezes Camara, chefe da firma J. Paim & Co. (Paraiso das Crianças), foi alvo de carinhosa manifestação por parte de seus amigos, que lhe ofereceram um banquete no Clube Ginástico, dia 26 de Maio, tendo a comissão promotora encontrado a adesão das figuras mais destacadas no nosso alto comércio, Justiça do Trabalho, instituições de caridade, imprensa, etc.

Associando-se ás homenagens prestadas ao sr. João Paim de Menezes Camara, a REVISTA DA SEMANA fez-se representar naquele almoço, onde mais de quinhentas pessoas, desinteressadamente, homenageavam um homem que por seus títulos e méritos, há muito, grangeou um lugar destacado no comércio do Brasil.

Durante o champanne usou da palavra o Dr. d'Utra e Silva, que com tanta sinceridade focalizou as atividades do homenageado, e cujo discurso, na íntegra, publicamos abaixo.

“Senhores!

Num mesmo, num só, num único objetivo todos nós aqui nos encontramos para esta homenagem que se tributa a João Paim de Menezes Camara, pelo muito de sua bondade, pelo muito de sua operosidade, pelo muito de seus apreciáveis sentimentos.

Já se tornou habito o de se perguntar das posições que o homenageado ocupa e das dadas agra-dáveis que ele possa distribuir!

No caso presente, entanto, o nosso homenageado desfruta — e todos vós bem o sabeis — grandes posições, porém, todas elas nos nossos corações, na nossa admiração.

Como seu Pai, tudo deu á familia na qual nasceu, tudo também deu á familia que constituiu.

Como seu Pai, foi sempre um grande e carinhoso cultivador das boas amizades e nunca teve inimigos, pois que, por inimigos, não podem ser assim havidos aqueles poucos que só nutrido inveja, da irradiação desse mal se tornam cohecidos.

A formação moral do nosso homenageado foi feita, toda ela, no lar de seus honrados Pais.

Ingressando na escola do trabalho, na importante organização comercial que hoje ele dirige, ele o fez com a idade de 12 anos, para, onze anos após, pelo muito de sua operosidade, ver o seu nome figurar entre os demais participantes da sociedade.

Creando mais tarde a industria que dirige, por tanto esforço, bem ressalta que o nosso homenageado só conheceu como palavras de dicionario, as expressões — infancia e mocidade — tais os encantos e despreocupações a elas reservados.

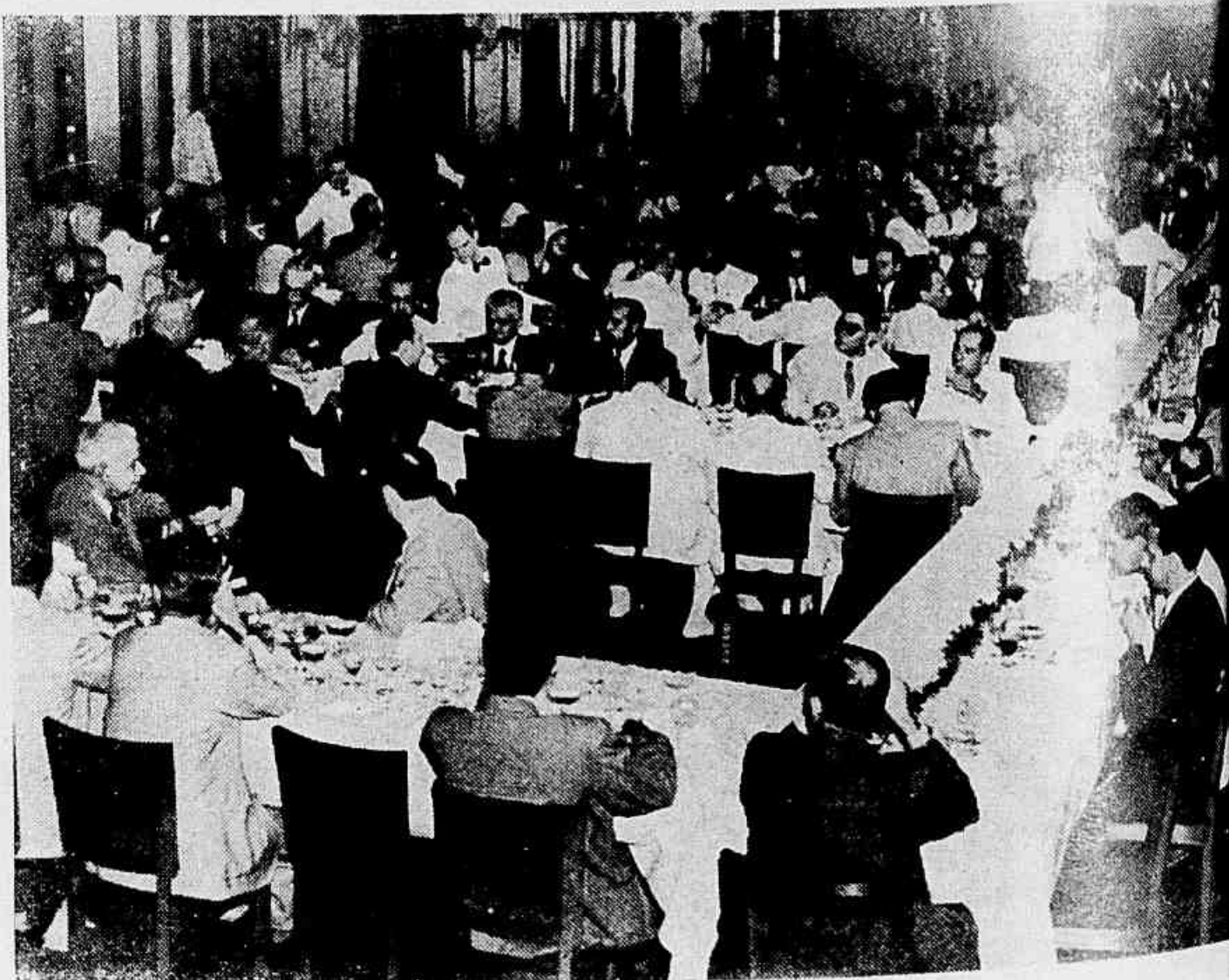
Diriam os estranhos que os sonhos de ambição sempre trazidos em labaredas crepitantes aquecem a vida e retemperam a alma para a conquista ampla da Fortuna!

Mas assim não acontece quanto ao nosso amigo e homenageado ce hoje, o distinguido de sempre.

Nesses 44 anos de persistente labutar, vindo da escola antiga que não matava o corpo, menos ainda estiolava as esperanças, hoje ele seria um recordista das horas extra-



Grupo feito por ocasião do banquete.



Outro aspecto do banquete.

FIGURA DO COMERCIO BRASILEIRO

o Asilo de S. Cornelio, refugio das crianças desafortunadas, as futuras cooperadoras de organizações comerciais e industriais, as futuras cooperadoras no lar, as futuras mães a cooperarem para fortalecimento da grandeza do Brasil.

E foram buscá-lo para a fundação do Sindicato dos Lojistas do Rio de Janeiro, onde ocupou todos os cargos de direção.

E foram buscá-lo para a Cooperativa do Seguro dos Lojistas, pelo muito que emanaria desse seio apoio e sempre trazido em cargos de direção.

Foram ainda buscá-lo para Membro da Justiça do Trabalho, e era de se ver, no seu embaraço de espírito, justificar aos intimos os seus votos, ora a favor do empregador, ora a favor do empregado, voto cheios de justiça, cheios de sentimentos de humanidade.

E' que ele sabe ver onde os desesperos de alma do empregado se confundem com as vibrações desalentadoras da alma do empregador.

Ele não podia deixar de ser assim. O nosso homenageado ha 43 anos é socio da Associação dos Empregados do Comercio do Rio de Janeiro, uma existência, como vêdes, nesta Casa onde fervilham 30 mil associados e que até hoje não puderam distinguir, no empregado de ontem, no companheiro de sempre, o patrão de ha muitos anos!

E nesta Casa deram-lhe o titulo de socio Benemerito Distinto.

E nesta Casa, por 6 anos, dirigio e ampliou o Departamento de Clínicas, o Departamento que ampara e defende a saúde de seus companheiros.

Por dois mandatos, como Tesoureiro, foi o guardião do patrimonio desta Instituição.

E hoje, quando inauguram a



O sr. João Paiva de Menezes Camara agradecendo a homenagem.

sua maior conquista, o grande monumento que liga a Avenida Rio Branco á rua Gonçalves Dias, bem erguido á face do céu em suplica de agradecimento pelo muito recebido por força dessa união cristã, eis que novamente vão buscá-lo, a ele empregador por muitos titulos, para Presidente desta admiravel e benemerita organização!

Obra de uma cooperação voluntaria, as leis sociais não concorreram para esta grandeza!

Os varios departamento de instrução onde fervilham os gratuitos; os de preparo militar, de amparo juridico e assistencia clinica; a sua importante biblioteca, tudo enfim antecedeu de muito a essas leis, serviu mesmo de paradigma á sua criação pela real demonstração de suas possibilidades em nosso meio.

Esta Associação que sempre despreza os preconceitos de raça, de nacionalidade e de estirpe, de posições politicas e as trazidas pela fortuna, sempre teve por divisa, desde sua fundação, só deferir ao individuo e com apreciavel rigor, o valor exclusivamente aferivel do merito pelo merito, e com maior razão quando esse merito ainda é conquistado pela eficiencia de sua cooperação nas varias esferas de ação, a constituir, pelo seu conjunto, a sociedade humana.

Feliz de quem, pelo seu criterio, pelo seu carater e pela sua honra, possa ser assim fecalizado!

Feliz do homem que não pode dividir as homenagens que recebe com as posições politicas de mando e de poder. Felizes os simples!

E dentre os que possam merecer essa justiça da nossa sociedade, a proclamação desse valor, esforço não fazemos com o erguer as nossas raças, para com elas saudar esse grande brasileiro — João Paiva de Menezes Camara!"

Agradecendo a expressa homenagem de que estava sendo alvo, o Sr. João Paiva Menezes Camara pronunciou a seguinte oração entrecortada de aplausos dos homenageantes:

"Ilustres Senhores, que descendendo de suas altas posições, aqui se acham, como luminárias sem par a engrandecer as festas simples.

Meus Companheiros!

Tudo tocante nas palavras que venho de ouvir de intérprete desta homenagem, esse fidalgo pelos

sentimentos de nobresa e de bondade, o nosso admiravel amigo d'Utra e Silva.

Se Deus me favorece com suas bençãos, para fortalecimento das energias que dedico ás minhas atividades, confesso, Ele me negou o animo de poder sentir esta demonstração de carinho senão como outras tantas bençãos.

Sinto e muito a ausência de meu Pai, eu e seu discipulo, que jamais o eguarei na sua doce bondade.

Mas, pressinto-o entre nós, feliz na sua alegria, lagrimas desilando pelas faces, sinal de encanto dos que daqui se foram.

Eu bem sei que nunca me seria possivel colorir um ambiente.

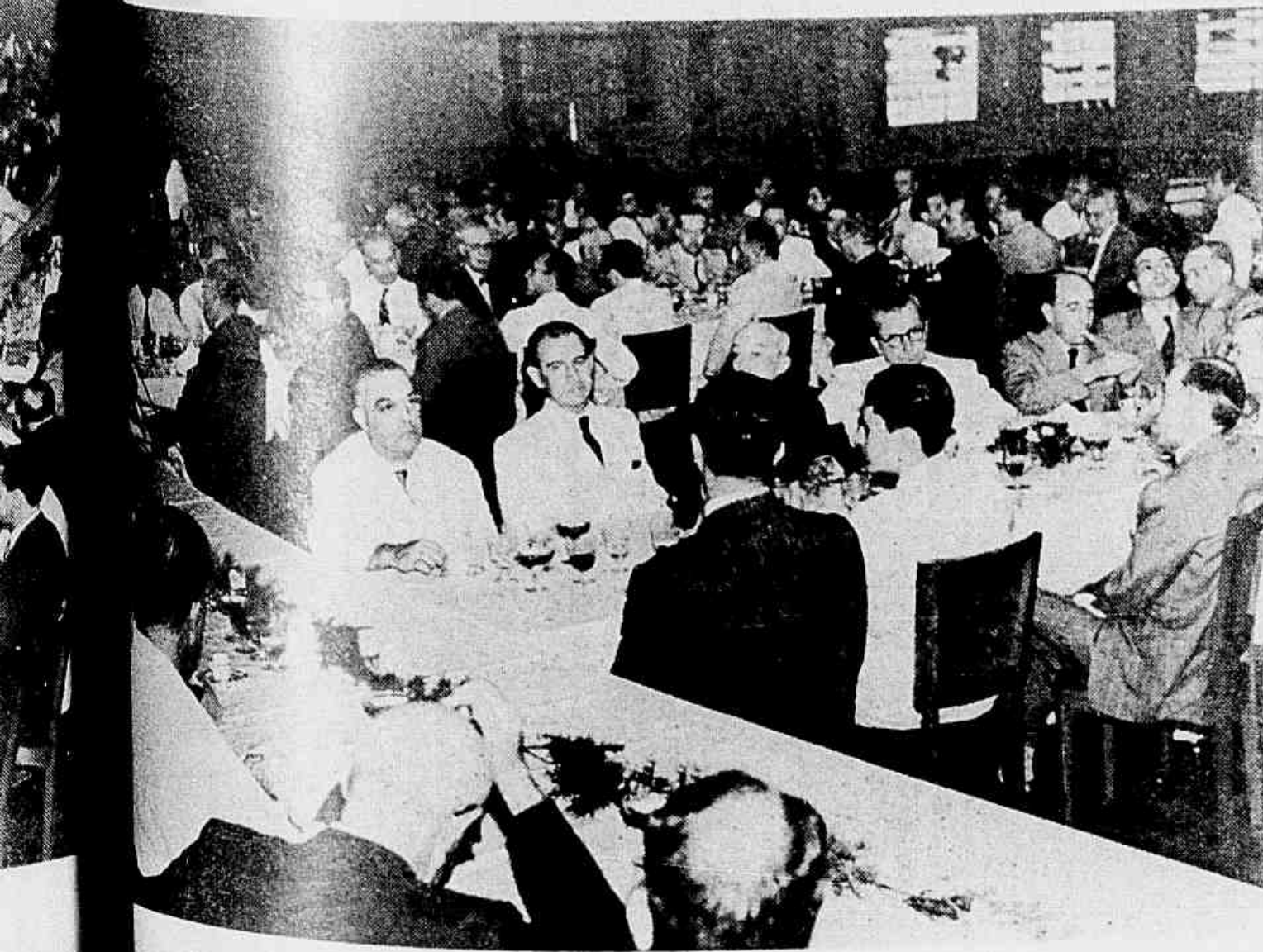
Eu sou apenas um reflexo deste meio de sentimentos em que vivo.

A bondade piedosa de todos vós, reativando as energias que já vou perdendo e que ficaram pelos longos caminhos da minha vida, nem sempre mãos, como nem sempre bons, esta homenagem eu a recebo como maior patrimonio a deixar aos meus.

Eu a recebo das mãos dos homens como a um altar de Deus.

E, com a alma genuflexa, eu peço a Deus, que as lagrimas de alegria, que eu sinto no meu peito, Ele as receba e as transforme em chuvas de bençãos para todos vós.

Muito obrigado por tudo, Senhores!



Um trio em negro e cinza, da "Universal"



Mais uma vez, para a delícia das "fans" da Dietrich, da Stanwyck e da Wright, apresentamos em figurinos novíssimos. Assim vocês que apreciam belos conjuntos poderão adotar para a rua, para o "five-o'clock tea" ou para a doce intimidade do lar, as sugestões dessas elegantíssimas "estrêlas" da Universal.

Bate-papo de guerra

Legendas de
SONIA REGINA

Desenhos de
LUIZ GOULART



— Estás vendo aquela pequena com cara de sonsa?
— Estou.
— Quase não fala e no entanto é a pessoa mais fria e ferina que conheço.
— Quer dizer então que ela é o tipo exato da "baioneta calada".

— Parece que o paraquedas não abriu...
— Que pena, hein? Agora que ia "contar" o "caso" da Olivinha.



— O que me preocupa no Pepe é um simples motivo físico.
— Qual?
— O pé...
— Por que? E' aleijado?
— Aleijado! Absolutamente: é o pé mais perfeito que já vi: sem um calo, joanete, nada...
— E então?
— Você ainda pergunta? Pepe é descendente de italiano. Ora, se até um italiano de mulêtas faz maratona quando vê um inglês, que fará o Pepe quando souber que meu pai nasceu na Escócia, é o 8.º da família e também se chama Montgomery?

— Ele é fortíssimo e parece invulnerável. E depois... Na montanha é tão adorável como em alto mar.

— Então trate de agarrá-lo. Não há nada mais útil nesses tempos que a proteção de um "tank" anfíbio.

Ela queria se ver livre dele e não o conseguia. Empregou todas as armas e estratégias diversas.

— E que aconteceu, hein?

— No fim! ameaçou utilizar a "arma secreta" e ele saiu logo em passo de italiano.

— O T. N. T.?
— Não. A língua da sogra.



ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL

A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



A saudação do funcionalismo ferroviário ao major Alencastro Guimarães, pela palavra do dr. Djalma Maia, chefe da Eletrificação da Central.



O diretor da Central do Brasil lendo, durante a solenidade, a mensagem que dirigiu aos ferroviários, irradiada por numerosas emissoras.

Encerrando a primeira parte das comemorações, tem lugar a assinatura de atos de promoção, benefícios e melhoramentos para os ferroviários.



A Central do Brasil comemorou dois anos de Regime Autárquico



No dia 24 de maio último foi comemorado solenemente na Estrada de Ferro Central do Brasil o transcurso do segundo aniversário do regime de autonomia administrativa que coincide com igual período da gestão do major Napoleão de Alencastro Guimarães. A dupla significação, pois, a data foi festejada entre os ferroviários da nossa principal via férrea entre as maiores demonstrações de alegria, pois que assinala mais uma etapa vencida no largo programa de recuperação que a atual administração vem desenvolvendo, orientada no sentido do reerguimento do importante serviço público federal.

As comemorações tiveram início pela manhã, com uma reunião no gabinete do Diretor

O coronel Olímpio Mourão Filho, membro da Comissão de Rede Militar, quando pronunciava magnífico discurso, exaltando a obra do major Alencastro Guimarães.



O dr. Luiz Simões Lopes, presidente do DASP, quando discursava na cerimônia de colação de grau do Curso de Administração da Central.



O major Napoleão de Alencastro Guimarães dirige a palavra aos que acabaram de receber os diplomas do Curso de Administração.

A mesa que presidiu a brilhante solenidade da entrega dos diplomas às turmas que terminaram o Curso de Administração da Central.

Uma das funcionárias diplomadas recebe o diploma das mãos do dr. Simões Lopes, enquanto a aplaude o major Alencastro Guimarães.



turmas formadas pelo Curso de Administração. Falaram por essa ocasião o dr. Luiz Simões Lopes, presidente do DASP, o major Alencastro Guimarães, o dr. Andrade Sobrinho e os oradores das turmas diplomadas.

Durante essa festa, que transcorreu num ambiente de grande cordialidade, receberam os certificados do Curso numerosos funcionários da Central do Brasil, que, dessa forma, ampliam seus conhecimentos e aprimoram o preparo profissional para o melhor desempenho das suas funções.

A' noite houve sessões cinematográficas para o funcionalismo, que serviram de fecho às brilhantes comemorações do segundo aniversário do regime autárquico na Central do Brasil.

A assistência à cerimônia de colação de grau.

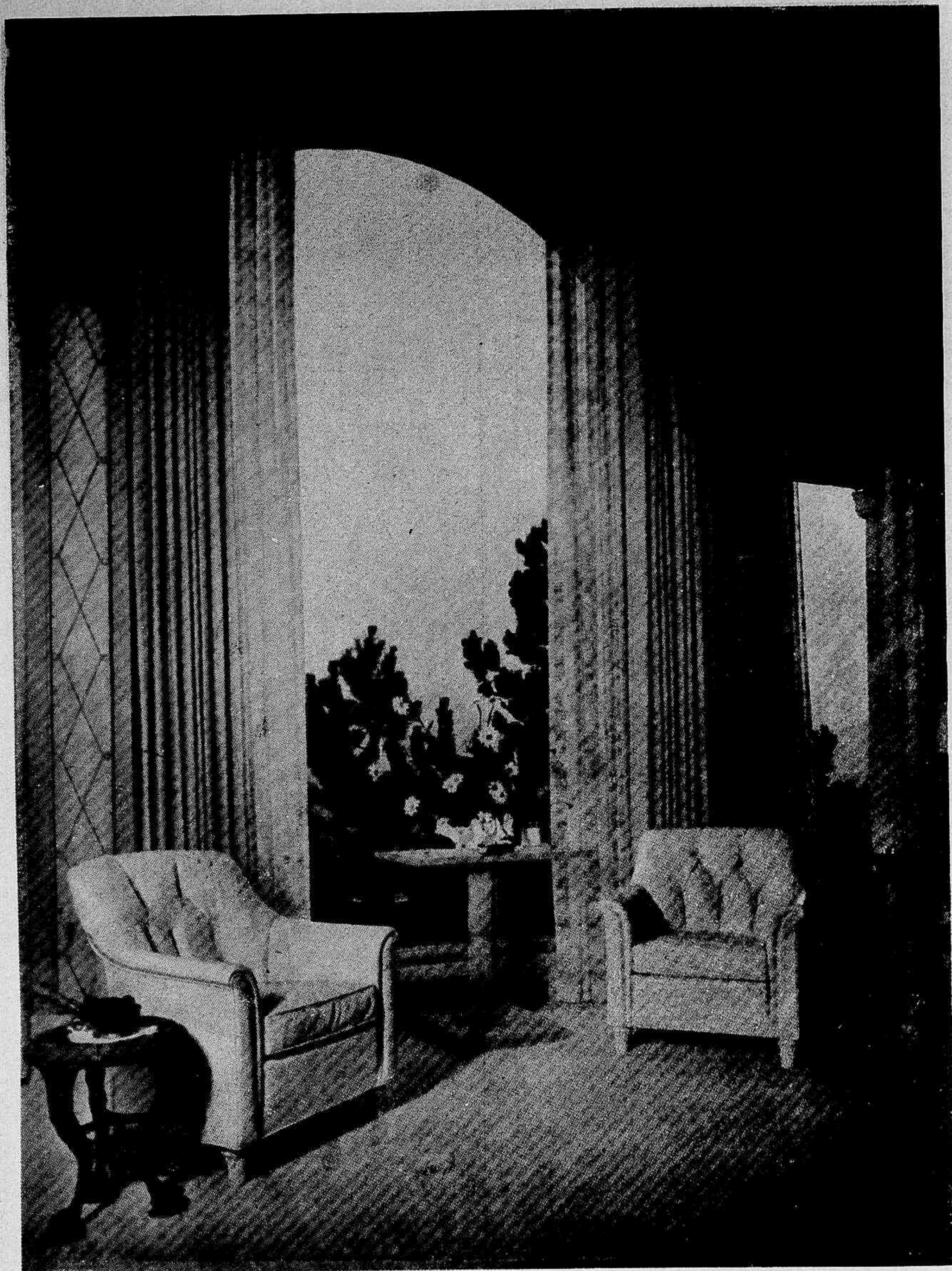


A contar da esquerda — No momento em que falava o dr. Andrade Sobrinho, chefe da Divisão de Ensino e Seleção, e os dois oradores das turmas diplomadas.

Geral, que foi saudado pelo dr. Djalma Maia, em nome do funcionalismo da Estrada; usou também da palavra o coronel Olímpio Mourão Filho, membro da Comissão de Rêde Militar, que fez um eloquente resumo das atividades verificadas durante o biênio, tecendo louvores à gestão do major Alencastro Guimarães. Em seguida, o Diretor Geral leu uma mensagem aos ferroviários da Central, que foi irradiada por diversas emissoras. Teve então lugar a assinatura de vários atos de promoção, benefícios e melhoramentos para o funcionalismo, depois do que, reuniram-se no restaurante do serviço de subsistência, num almoço de confraternização, o diretor da Estrada, chefes de serviço, engenheiros, funcionários, operariado e jornalistas.

A' tarde, no salão nobre da Central, realizou-se a cerimônia da entrega dos diplomas às





Decorações Modernas

Canto de
living-room

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

MINES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



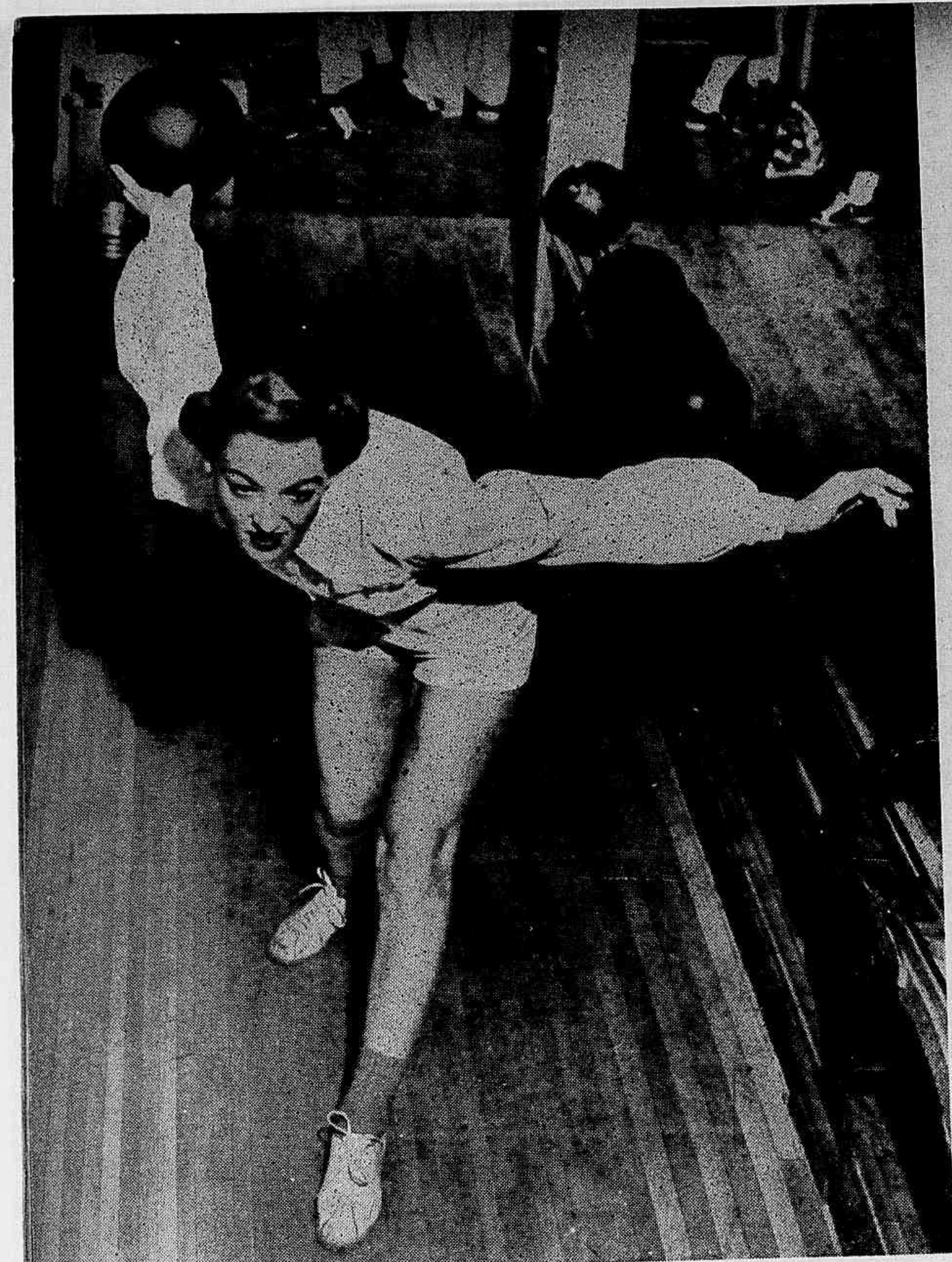
JOCKEY CLUB MUN- DANO



A sociedade Carioca continua a demonstrar a sua predileção pelo turf que como na Europa, continua a ser o esporte aristocrático por excelência.

O Jockey Club Brasileiro, dando prosseguimento à sua temporada oficial, fez realizar domingo no Hipódromo da Gávea mais um interessante meeting turfístico.

Da numerosa assistência que acompanhou entusiasticamente as carreiras de domingo, aqui estampamos alguns sugestivos aspectos.



As moças que hoje se entregam ao jogo da bola em toda parte têm a mesma disposição que as tenistas atuais. Atiram-se ao esporte com tudo o que podem dar, com um vigor que algumas vezes supre mesmo qualquer falta de destreza.

DAMAS EM "DERRETIMENTO"

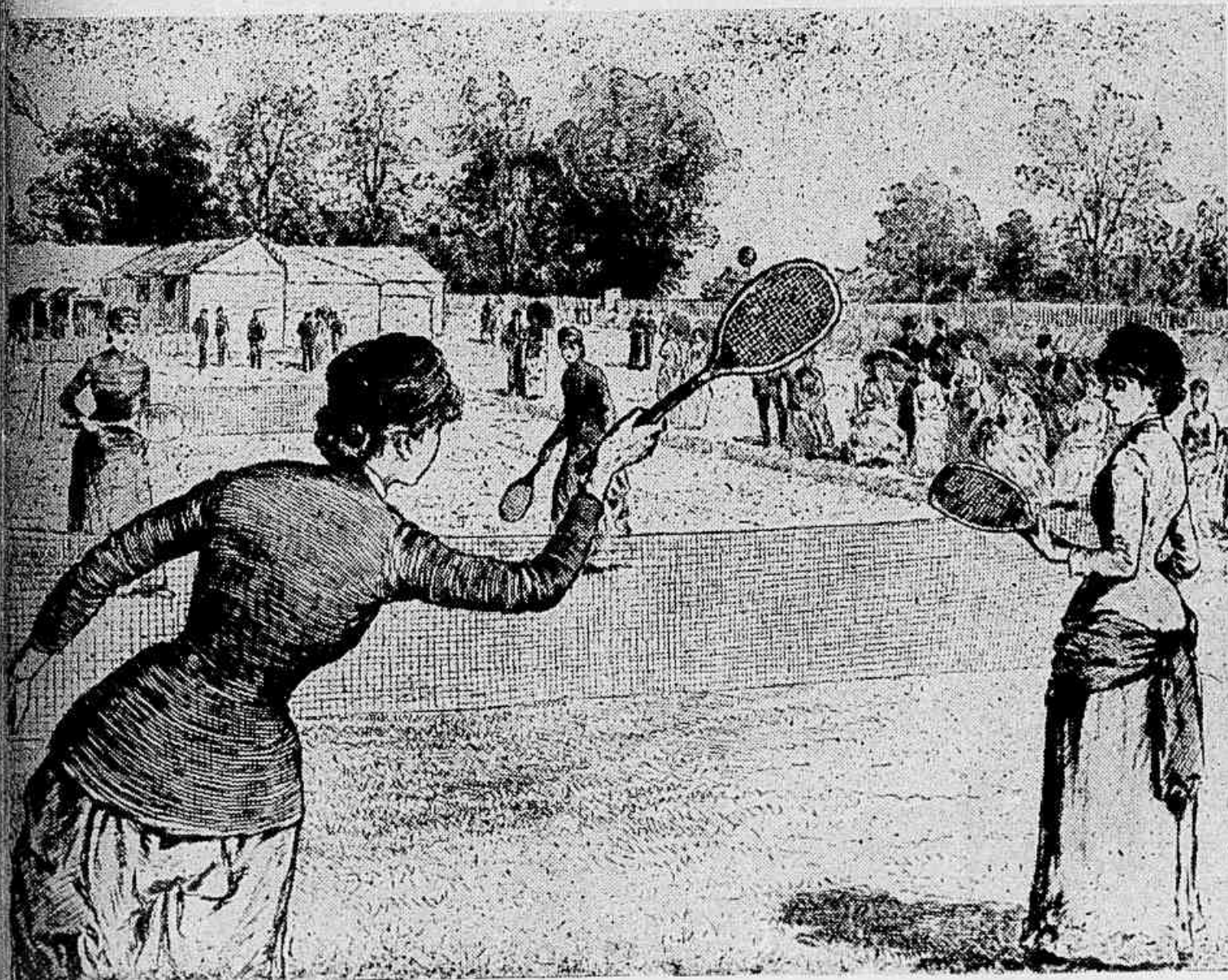
Se fosse possível conseguir um plebiscito de todas as mulheres do mundo para obter uma honesta resposta à pergunta: "Que é que você mais receia"? — pelo menos 75% das damas responderiam com uma suculenta palavra: "Gordura". Ainda mais, se fosse possível fazer um plebiscito com os milhões de mulheres que têm povoado a terra, por centenas de anos, desde os dias de Cleopatra, a resposta seria a mesma. E de todos os lugares onde a mulher mais detesta ter um depósito de banhas é na cintura. Quando uma mulher adquire essas sobras no meio do corpo deve sentir-se como se sentiu Hitler, ao acordar naquela manhã em que soube que o querido Rudolph Hess tinha batido a linda plumagem e estava em mãos dos "verraterische" ingleses.

Desde Eva, a mulher tem lutado contra essa exuberância. Antes do começo deste século, quando era considerado indigno uma pequena meter-se em qualquer exercício vigoroso ou fazer trabalhos braçais, o

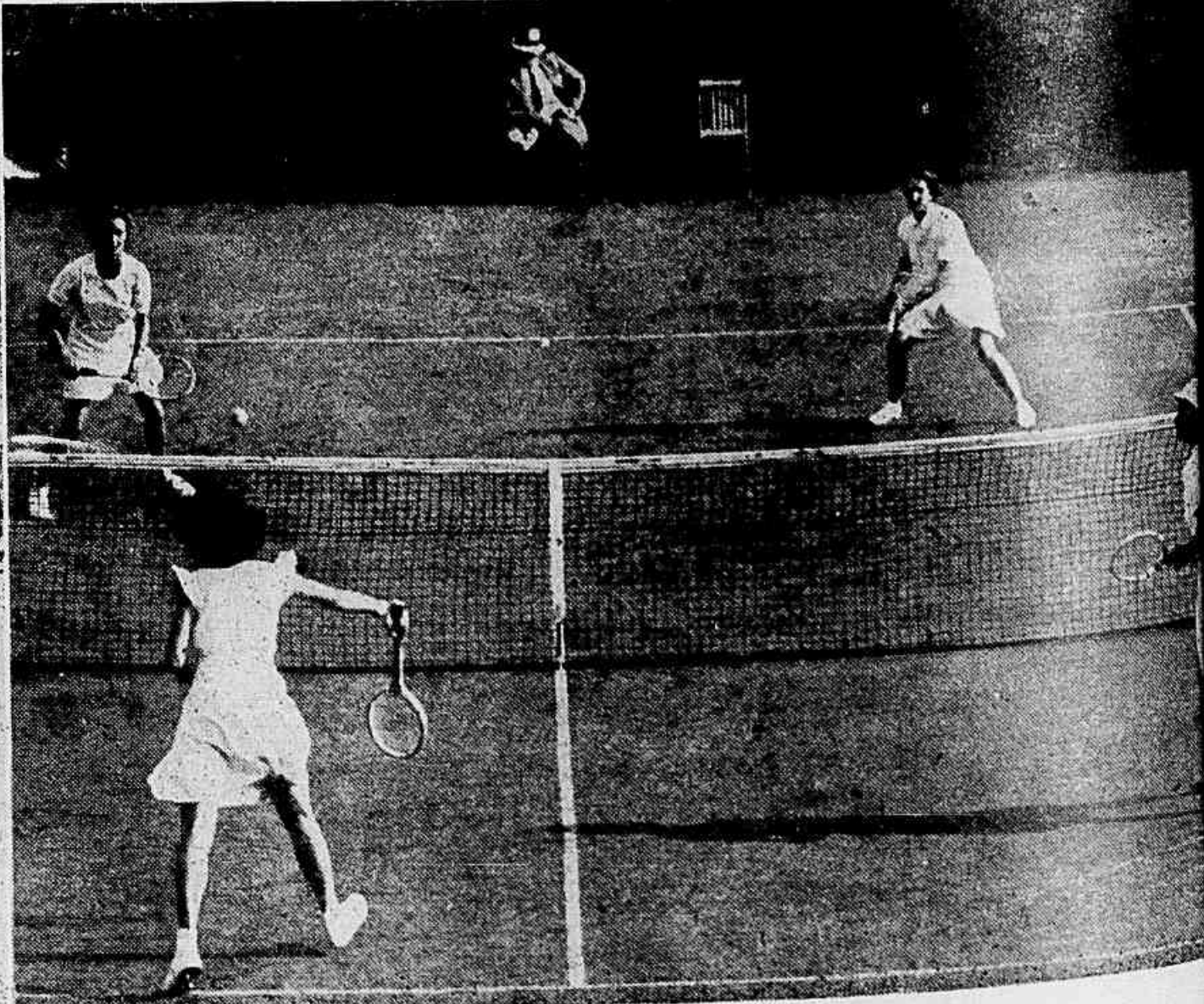


Olhem a expressão indignada da cavalheira por trás da moça que acaba de atirar a bola. Ela está horrorizada porque a bonita jogadora desabotoou a blusa, para fazer a jogada decisiva, nesta partida de 1883. A gente não sabe como a outra competidora da direita podia andar peiada naquelas saias.

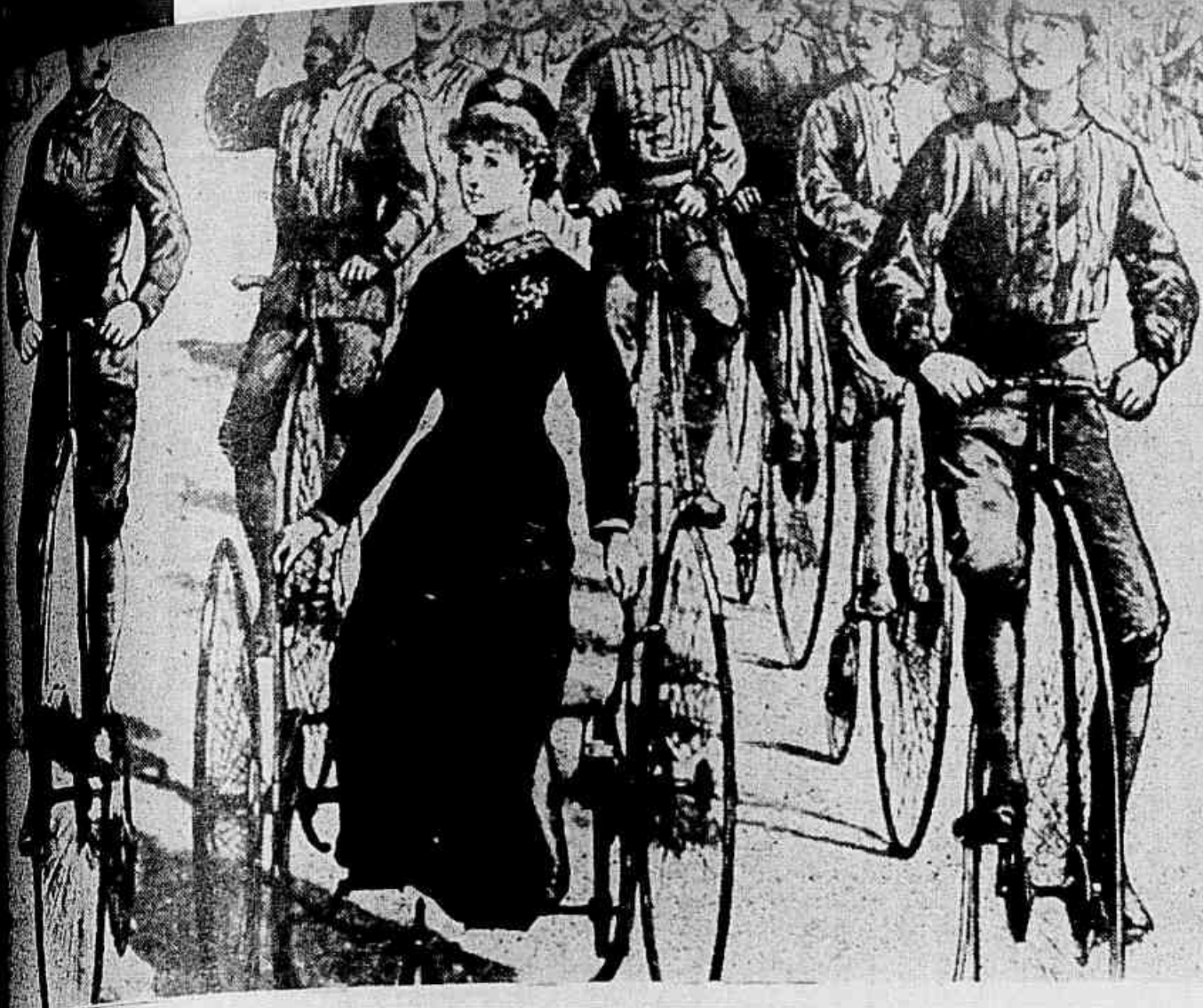
As moças de hoje que seguem as pegadas de Robin Hood e de Guilherme Tell bem merecem que se lhes admire o jeito de esticar o arco e mandar a seta ao alvo. O arco é um velho esporte mas as garotas de 43 acharam meios de torná-lo muito mais atraente do que era de fato para os antigos.



No primeiro Campeonato nacional de Tennis, realizado em setembro de 1880, nos E. Unidos, as jogadoras vestiam trajes esportivos destes moldes. A partida limitava-se a uma série de pancadinhas de amor, prá lá e prá cá, até que uma das misses perdesse o golpe.



Observem um quarteto de moças numa partida de tennis hoje e terão bastante com que se distrair. As pequenas põem tudo em jogo e muitas tenistas atuais dão bem trabalho aos competidores masculinos.



Acreditem ou não, a moça deste velocipedo era considerada muito "atrevida" por encabeçar esta coluna de ciclistas pelas ruas de Washington, em 1884. Ela não era nenhuma inválida, mas para uma moça guiar uma bicicleta naqueles tempos — meu Deus! — que horror!



Estas jovens não estão pedindo para reduzir as banhas. Foram reduzidas pelas bicicletas por causa do racionamento da gasolina. Os regimes **■**, estão **fô** de cogitação, mas a necessidade de andar a pé ou de bicicleta pôde fazer maravilhas para algumas pessoas que tinham quase esquecido como é que se anda.



As arqueiras dos bons tempos antigos entravam em linha de fogo em plena forma. Chegavam a impressionar de verdade os galãs que ocupavam as cadeiras laterais. Era possível que uma ou duas dessas atiradoras alcançasse o alvo mas, em geral era Cupido que dava os tiros mais certos.



E aqui está uma aula de florete no Fencers-Club, de New York, em 1888. As pequenas são tão bem protegidas como um moderno "tank" M-3 e usam as saias rodadas que serviam para acentuar a "cintura de vespas". Se você tivesse olhos de raios X, no entanto, veria muito pano, muita renda e muito aço, vulgarmente conhecida como "espartilho".



Ha uma viva atuação aqui e as duas lindas esgrimistas batem-se verdadeiramente em duelo — não uma contra a outra, mas contra o inimigo comum — as banhas. Ha graça neste lance sem ser contida por nenhuma costela de aço nem de aspas de balêia. Talvez as pequenas estejam usando cintas esportivas. Mas não sabemos nem queremos saber.

CENTENARIO DO ALMIRANTE BALTAZAR DA SILVEIRA



Comemora a nossa marinha de Guerra o centenario natalicio de um de seus elevados membros, o almirante D. Carlos Baltazar da Silveira, nascido a 6 de Junho de 1943.

Ao conhecimento publico uma veneração filial, a do Dr. Alfredo Baltazar da Silveira, tem com frequencia posto em luz a memoria paterna. E' licito pois esperar que, melhor do que ninguem, possa completar o fragmentado transformando-o em biografia completa abrangendo os servicos do almirante Baltazar da Silveira, já no Imperio, já na Republica, no decurso de mais de trinta anos de oficial sucessivamente subalterno, superior e general.

Primeiro posto, após estudos de sua carreira, recebeu-o Baltazar da Silveira em 1860, ele então guarda-marinha quando pouco depois se abria a quadra das guerras externas do Imperio, as campanhas do Uruguai e do Paraguai. Da primeira participaria Baltazar da Silveira 2.º tenente, entrando na segunda no posto imediato para receber o de capitão-tenente ao findar da guerra contra Solano Lopez. A prova de ter nela bem participado ficou nas venerated e medalhas que ornaram a farda de um capitão-tenente de vinte e cinco anos. Foram as venerated do Cruzeiro, da Rosa e de Cristo e a medalha da tomada de Paisandú. A tantas distincções se ajuntaria a medalha concedida ao exercito e armada em operações nos campos e nos do Paraguai. Nem faltou a Baltazar da Silveira o habito de S. Bento de Aviz, só concedido mediante prova provada de vinte anos de serviço sem nota de culpa.

Capitão de fragata em 1877, capitão de mar e guerra em 1883, Baltazar da Silveira fora distinguido com o titulo de conselho, invulgar na marinha e guerra.

Em 1869 no Paraguai, participara, a comandar o monitor "Piaui", de perseguição dos navios paraguaios de refugio nas aguas do Manduvirá-e seus afluentes após a passagem de Humaitá. Vinte anos depois, por ocasião da queda do Imperio, Baltazar da Silveira figurava no reduzido quadro dos capitães de mar e guerra na qual se incluíam entre outros Maurity, Coelho Netto, Custodio de Mello.

Contra-almirante em 1890, chefe do Estado Maior da Armada, Baltazar da Silveira passou um momento pela politica, chamado em 1891, transitoriamente, a governador do Estado do Rio.

Voltara a conhecer negocios politicos, em gestão profissional, a chamada por Campos Salles, presidente da Republica, ao assumir ele a sua direcção a 15 de Novembro de 1898.

Na mesma data Baltazar da Silveira assumio a pasta da Marinha na qual se conservou até Agosto de 1899.

Convidado com instancia para ministro da Marinha na presidencia Floriano declinára do convite como se recusaria a chefiar a revolta naval de 1893.

A presidencia Campos Salles não foi isenta de agitações no Rio de Janeiro, agitações de ordem politica e de ordem popular, aquela por motivo de sucessão presidencial, esta em razão do aumento de passagens de bondes, aumento não realizado á vista da reacção publica.

Como o mais alto representante oficial da marinha de guerra no governo do país, coube ao almirante Baltazar da Silveira participar da visita do general Rocca, presidente da Argentina. O Rio de Janeiro soube recebê-lo com memoraveis festas, entre elas notavel regata nas aguas de Botafogo.

O general Rocca ofertou ao almirante Baltazar uma espada de honra, espada que, após a morte do possuidor a 3 de Maio de 1913, foi entregue ao Estado pelo Dr. Alfredo Baltazar da Silveira, este acompanhando a entrega de breve discurso explicando como e porque a dadiva de Rocca só então era entregue ao Museu Naval.

Em rapidos tracos eis os principais sucessos de uma vida digna, norteada por sãos principios. Soube indefectivelmente demonstral-os, servindo patria, o distinto almirante D. Carlos Baltazar da Silveira. Honra nacional portanto á sua memoria.

E. D.

De São Paulo



Belmonte, o artista que o escritor norte-americano Roy Nash considera "o maior caricaturista politico do mundo", foi homenageado pela sociedade paulista num banquete de 150 talheres, a que compareceram as figuras mais representativas das letras, artes, industria e lavoura. Na foto vemos um aspecto do banquete, no momento em que Belmonte abraça "Juca Paio". Aos lados, o dr. Godofredo da Silva Teles, presidente do Departamento Administrativo do Estado, prof. Spencer Vampré, da Faculdade de Direito e dr. Roberto Simonsen, presidente da Federação das Indústrias.



Aspecto apanhado no Esplanada Hotel durante o jantar inaugural promovido pela Associação Cristã de Moços de S. Paulo em abertura da sua grande campanha financeira pró edificio, vendo-se o dr. Jorge Americano, presidente da Comissão Central, quando pronunciava o seu discurso.



Inauguração do retrato do presidente Getulio Vargas na séde do Sindicato dos Odontologistas de S. Paulo.

A Renascença Leoni e o "hall" do Metropolitan

Raul de Leoni, talvez a mais helênica sensibilidade de nossas letras, escreveu sobre Florença — lugar onde se fez sentir o mais alto esplendor da Renascença — esses versos imortais:

"Trago-te a minha gratidão latina
Porque foi no teu seio que se fez
Toda a ressurreição da vida luminosa.
Oh! Florença! Florença!
A mais humana das cidades vivas!
A mais divina das cidades mortas!"

Agora, inspirados ainda nos séculos XV e XVI, os desenhistas e fabricantes dos tecidos modernos apresentaram, em combinação com o Museu Metropolitano de Arte, modelos renascentistas.

Assim temos:

N.º 1 —

Um vestido florentino de jaqueta em setim azul-escuro e saia em jersey de seda. (Mary Mooring de Bergdorf Goodman).

N.º 2 —

O luxo persa refletindo-se nesse vestido de brocado de lamé combinado com mangas de veludo verde e botões trabalhados. (Jessie Franklin Turner); e

N.º 3 —

A magnificência da linda e martirizada rainha da Escócia, Maria Stuart, sintetizada num modelo todo em veludo cor de safira. (Sophie Soks).

S. R.



Senhora, escolha seu chapéu...

Não sei se você observou que, ao parar defronte de uma vitrine atraente onde ha chapéus para todos os gostos, pressurosamente vem a contra-mestra ou a «vendeuse» ao seu encontro tentando persuadi-la:

«Senhora, escolha seu chapéu».

E quantas vezes você que não pretendia comprar acaba levando mais de dois. Por isso e porque sei que você só aprecia o que é bom e bonito apresento algumas sugestões para o outono. Marcaram a «season» em New York. Reparem a elegancia dos modelos e depois vejam se não tenho razão de sugerir, como a «vendeuse»:

«Senhora, escolha seu chapéu...»



Charme....



Os desenhistas e costureiros americanos como Nettie Rosenstein para Bowi Teller's, Jay Thorpe, Bruno para Lord e Taylor's e Macy's Little Shops enviaram esses modelos — cartões de visita do charme — especialmente para você.



Secretárias em desfile

Para o trabalho nada mais prático que sãia e blusa. Daí oferecermos às gentis secretárias esses elegantes e econômicos modelos.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



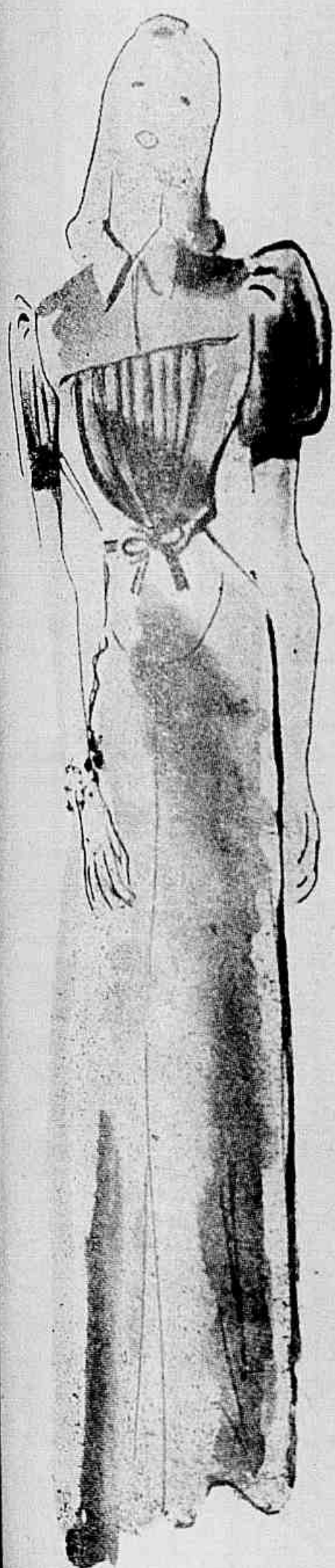
INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



Dorville, Koupy e a sinfonia inacabada...



Derville e Koupy apresentam seus modelos inacabados, entretanto tão harmoniosos como a célebre sinfonia de Schubert.

E pensam, provavelmente, os figurinistas: — Somente você, sempre jovem e encantadora poderá dar aos mesmos um acabamento perfeito.

E é verdade, não acham?

PONTOS E MEIO-PONTOS

CASA-QUINHO DE TRICOT

Materia: — 5 novelos de lã, 1 par de agulhas n. 3, 1 agulha de crochet n. 2, 1 meada de lã de bordar e 8 botões de 2 cms. de diâmetro.

Medidas do ponto de jersey: — 7 p.: 21½ cm.; P. de sanfona de 3 p. ao direito e 4 p. ao avesso; 8 p.: 21½ cm.; 19 fil. tanto de ponto de jersey como de sanfona: 5 cm.

Frente direita: — Fazer 56 p. — 1.ª fileira (aves. do tec.): 1.º Tec. 4. p. dir. 6. p. ao rev.º. Repetir estas 2 fil. até obter-se igual comp. que na costas até a linha do talhe terminado do direito. Fila de dim.: (aves. do tec.): X 2 p. ao direito, 2 p. juntos ao dir. 3. p. ao avesso X (48 p.) Seguir tec. esta fil. como nas costas até a fil. de aumento. Fil. de aum. (dir. do tec.): 3 p. ao dir. aum. 1 p. no p. seguinte, 2 p. ao avesso, 1 p. no p. seg., 2. p. no avesso; repetir desde o X 3 vezes m. p. sanfona sobre os restantes 18 p. (57 p.)

Desenho da frente direita: — 1.ª fil. (rev. do tec.): Tec. ao avesso, 18 p. de jersey no bordo do costura 4 p. no dir. X 4 p. aves. 4 p. no dir. e repetir desde o começo 3 vezes. Terminar com 3 p. ao avesso, em p. de jersey para a bordo dianteiro. 2.ª fil.: 3 p. no dir.; 4 p. no avesso, X 1 p. sem tecer, 1 p. no dir. e passar o p. sem ec sobre o p. tecido, aum. 1 p. no seg., 18 p. no dir. 4 p. no avesso e repetir desde o X 3 vezes, 18 p. no dir. — 3.ª fil.: como a 1.ª — 4.ª fil.: 1 p. no dir., aum. 1 p. no p. seg., (no bordo interior da secção dianteira do p. de jersey), 1 p. no dir e tec. os 38 p. restantes como na 2.ª fil., 1 p. no dir. Continuar 3 fil. mais, tecendo sempre 4 p. jersey ao chegar ao bordo dianteiro. 8.ª fil.: — 2 p. no dir, aum. 1 p. no no ponto seg., 1 p. no dir. e continuar a fil. Seguir deste modo tec. o desenho, repetindo 14 vezes cada 14 fil. os aum. no bordo interior da secção diant. do de jersey; ter-se-á, assim, depois de cada aum., 1 p. mais na parte diant. (73 p.) Ao obter *cenar Manga, colo e forma do ombro*: fantaziado: (a dianteira a mesma largura que as costas até a cava formar u manga) para a cava 7 p. Logo dim. 7 vezes 1 p. neste lado, cada 2 fil. aum. todavia 3 vezes 1 p. no bordo interior da frente, mas cada 6 fileiras. (62 p.). Continuar sem variações com 22 p. na parte diant. do p. de jersey até obter a mesma altura que tem as costas até chegar à pala.

Pala: — Fil. de dim. (dir. do tec.): Tec. no dir., 22 p. X 2 p. juntos, 1 p. sem tec. 1 p. no dir. X (52 p.) — Fil. seg.: Tec. 30 p. em p. de sanfona, 3 p. no avesso, 3 p. no direito; e 22 p. no avesso. — Fil. seg.: 22 p. no dir., 30 p. de p. de sanfona. Repetir estas 2 fileiras durante 14 cm., terminando do avesso no bordo dianteiro Cerrar para o decote 11 p. na fil. seg. Dim. 11 vezes 1 p. no referido bordo cada 2 fil., continuando em p. de jersey os p. restantes da parte diant. Formar o ombro como na espada quando a manga estiver medindo 17½ cm. de altura.

Frente esquerda: — Te. como a frente direita até chegar a fil. de aum. do talhe. — Fil. de aum. (dir. do tec): Tec. 18 p. de sanfona, X 2 p. no avesso, aum. 1 p. em cada um do 2 p. seg. 2 p.: no direito, repetir desde o X 3 vezes, 2 p. no avesso, aum. 1 p. no p. seg. 3 p. no direito (57 p.)

Desenho da frente esquerda: 1.ª fil.: (aves. do tec.) 3 p. no avesso; 4 p. no avesso, 4 p. no dir., X 4 p. no avesso, 4 p. no dir. repetir desde o X 3 vezes 18 p. no avesso. (p. de jersey do bordo da costura). — 2.ª fil.: 18 p. no dir. 4 p. no avesso, X aum. 1 p. no p. seg., 1 p. ao dir., 2 p. juntos dir.: — 3.ª fil.: como na 1.ª — 4.ª fil.: Tec. 54 p. aum. 1 p. no próximo p. (bordo interior da parte diant. de jersey) 2 p. ao dir. seguir sem variar, 3 fil. com 4 p. na secção diant. — 8.ª fil.: Tec. 54 p. aum. 1 p. no p. seg., 3 p. ao direito. Seguir tec. como na diant. dir. até a pala.

Pala: — Fil. de dim.: (dir. do tec.): X 2 p. ao dir., 2 p. juntos ao dir. 2 p. ao avesso, 2 p. juntos ao avesso, repetir 4 vezes desde o X, 22 p. ao dir. (52 p.). Terminar como na diant. dir.

Manga: — Fazer 45 p. para o punho, 19 fil. (dir. do tec.): 3 p. ao avesso, X 3 p. ao direito, 3 p. ao avesso, X Tec. estas 2 fil. durante 7½ cm. terminando do avesso. — Fil. de aumento.: 2 p. ao avesso, X aum. 1 p. em cada um dos 2 p. seg., 2 p. ao dir., aum. 1 p. no 0. seg. 2 p. ao avesso X X 1 p. ao dir., aum. 1 p. no p. seg., 1 p. ao dir., aum. 1 p. no p. seg., 2 p. ao avesso, X X e repetir em toda a fil. o encerrado entre X X (59 p.)

Desenho da manga: — 1.ª fil.: (rev. do tec.): 8 p. ao rev. para a parte tec. em jersey X 4 p. ao dir., 4 p. ao rev., 4 p. ao direito, 4 p. ao rev. 4 p. ao dir. X, 4 p. ao rev. (parte do jersey do meio), repetir uma vez o encerrado entre os X, 8 p. ao rev. — 2.ª fil.: 8 p. ao dir. X 4 p. ao rev., aum. 1 p. no p. seg., 1 ao

dir., 2 p. juntos ao dir., repetir uma vez desde o X, 4 p. ao rev., 3 p. ao dir. X X, 4 p. ao rev., 1 p. sem tec., 1 p. ao dir. passar o p. sem tecer sobre o p. tec., aum. 1 p. no p. seg. 1 p. ao dir. e repetir desde o X X 1 vez, 4 p. ao avesso, 8 p. ao dir. — 3.ª fil.: como a 1.ª — 4.ª fil.: — Aum. 1 p. no primeiro p., 7 p. ao dir. e trabalhar o desenho com 20 p. como a 2.ª fil. uamentar 1 p. em cada o dir. 2 p. seg. 1 p. ao direito, trabalhar 20 p., 7 p. ao direito e aumentar 1 p. no ultimo p. (63 p.) Seguir igual 13 fil. com 5 p. na parte central e 9 nas partes laterais. — Fil. se.: tec. 29 p. e seguir assim aum. 8 vezes 2 p. cada 14 fil., nos lados da parte central e na mesmas repetir 3 vezes os aum. nos extremos de cada 28 fil.; logo 3 vezes cada 14 fil. (93 pontos). Seguir sem variações com 23 p. na parte central e 15 em cada extremo nos 45 cms. de altura formar a cava fechando 6 pontos no começo das 2 fileiras seg., Dim. logo 7 vezes 1 p. em cada extremo cada 2 fil. (67 p.) nos 12 cms. da cava, dim. 1 p. em cada lado da fil. seg. e repetir as dim. duas vezes cada 2 fil. Fechar 4 p. ao começar as 2 fil. seguintes e 2 p. nas 2 fil. seg. Fechar os 49 p. restantes.

Acabamentos: — Coser as diferentes peças. Ao cozer as mangas levar a largura até o ombro.

Bordos dianteiros: — Começando pelo diant. esquerdo e tec. do dir. fazer 122 meios p. p. o crochet. 2.ª fil.: Tec. 1 meio p. em cada 1 dos da fil. do dir. fazer 122 meios p. p. o crochet. 2.ª fil.: Tec. 1 meio p. em cada 1 dos da fil. anterior. Repetir 2 vezes a 2.ª fil. Rematar. Tec. 3 fil. de meios p. no bordo diant. dir. Terminando no bordo do decote. — 4.ª fil.: Tec. 1 meio p. no 1.º p. da fil. anterior, X 4 p. de cada cadeiazinha, saltar 4 p. para a 1.ª casa; tec. 1 meio p. em cada 1 dos 12 seg. e repetir 7 vezes desde o X terminando a última repetição com 1 m. p. nos pontos restantes (total 8 casas). 5.ª fil.: tec. 1 m. p. em cada p. do bordo dianteiro dir., 3 no angulo, 3 no final do bordo diant., 26 no decote até o ombro e 31 na parte posterior do decote. Terminar na parte esquerda exatamente igual — 6.ª fil.: 1 m. p. em cada um dos da fil. anterior. — 7.ª fil.: Como a anterior mas fazendo 3 m. p. nos ângulos. Rematar na parte de p. de jersey do diant. esq. bordar as iniciais em p. de cruz. A primeira letra se bordará a 4 cms. do bordo da gola. Coser as diferentes peças. Colocar nas ombreiras pelo lado do avesso. Ombreiras não muito grandes. Cerrar 4 p. para a abertura no começo de cada uma das 2 fil. seg. (108 p.) Tec. 7½ cm. terminando pelo lado do avesso.

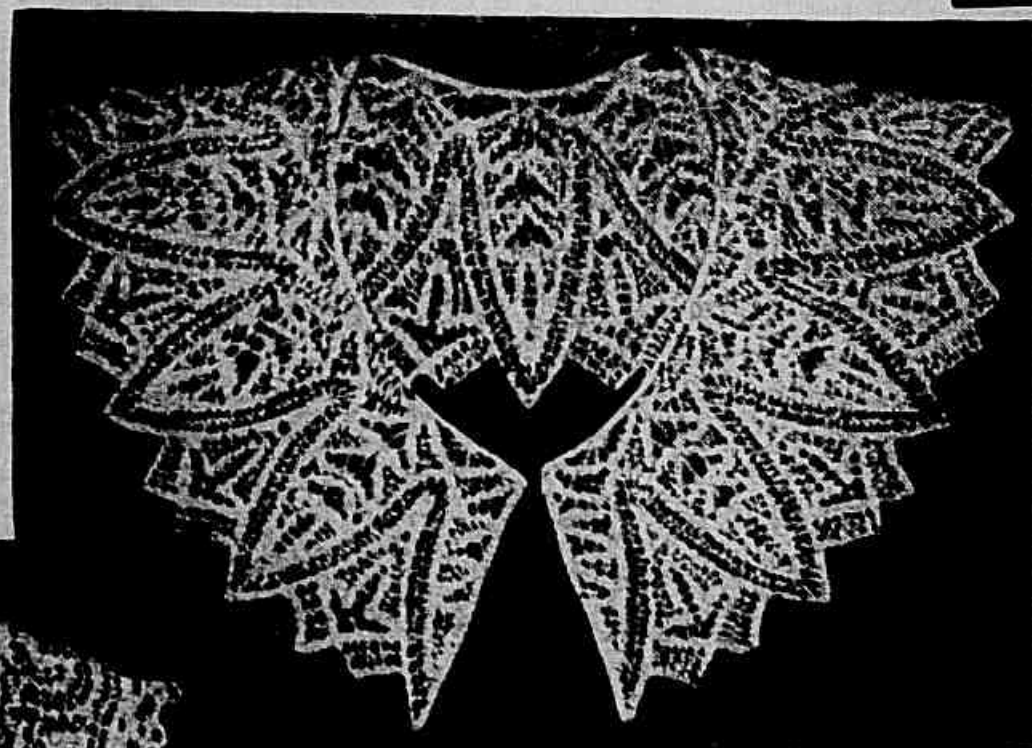
Pala: — Fil. de dim. (dir. do tec.): 3 p. ao dir. X 2 p. ao avesso, 2 p. juntos ao avesso, 3 p. ao dir. X (83 p.) Tec. em p. de sanfona como se fez no talhe, durante 17½ cms.

Ombros: — Cerrar 6 p. no começo de cada uma das 2 fileiras, seg. logo 4 p. ao começar as outras 12 fil. (30 p. para cada ombro). Cerrar os 33 p. restantes.

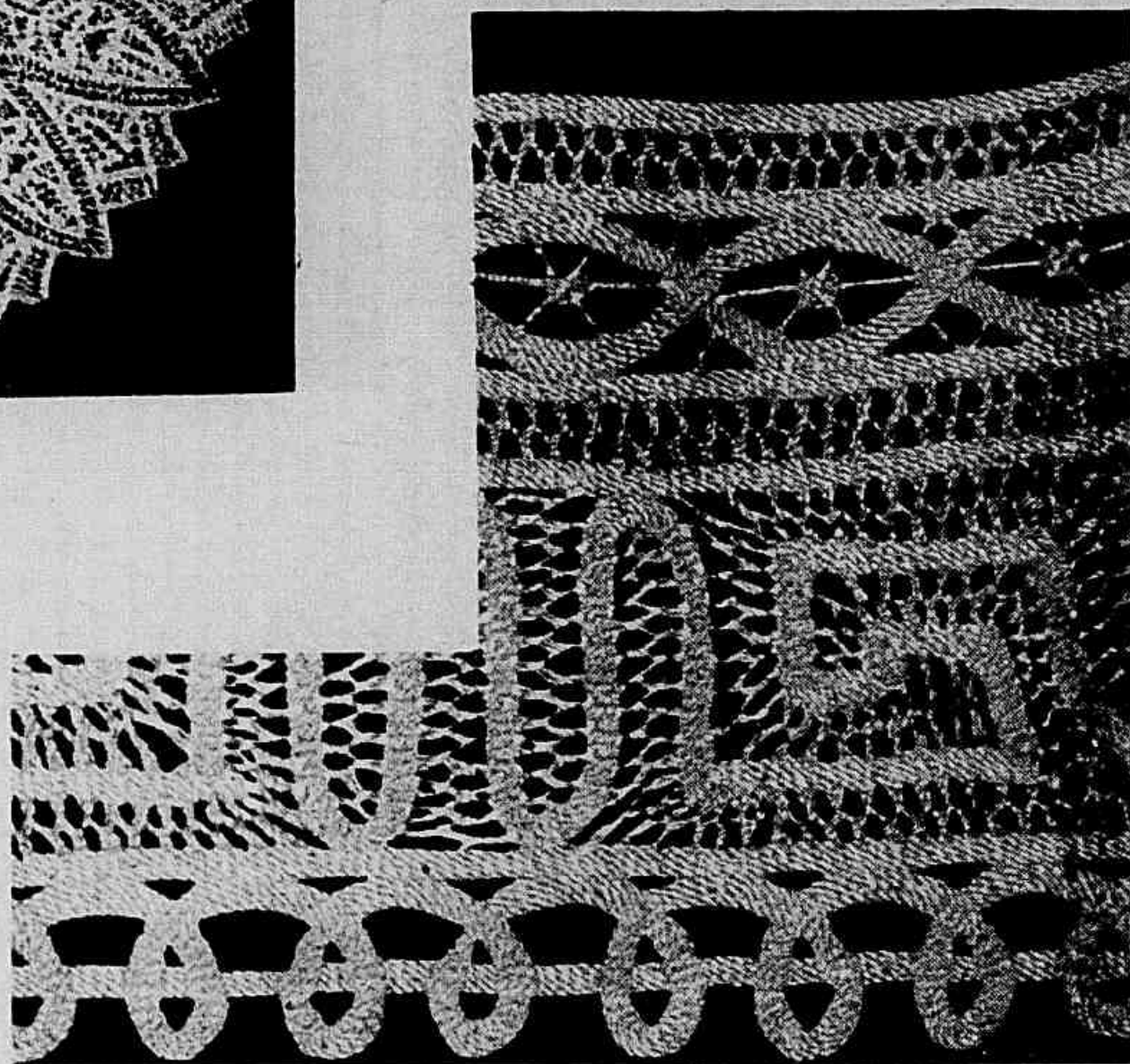
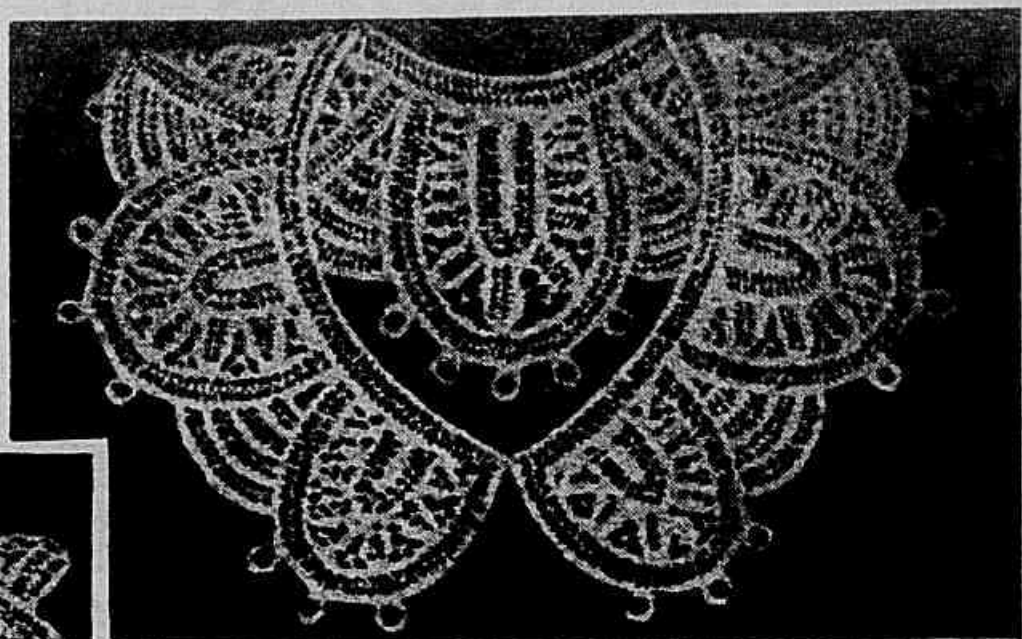
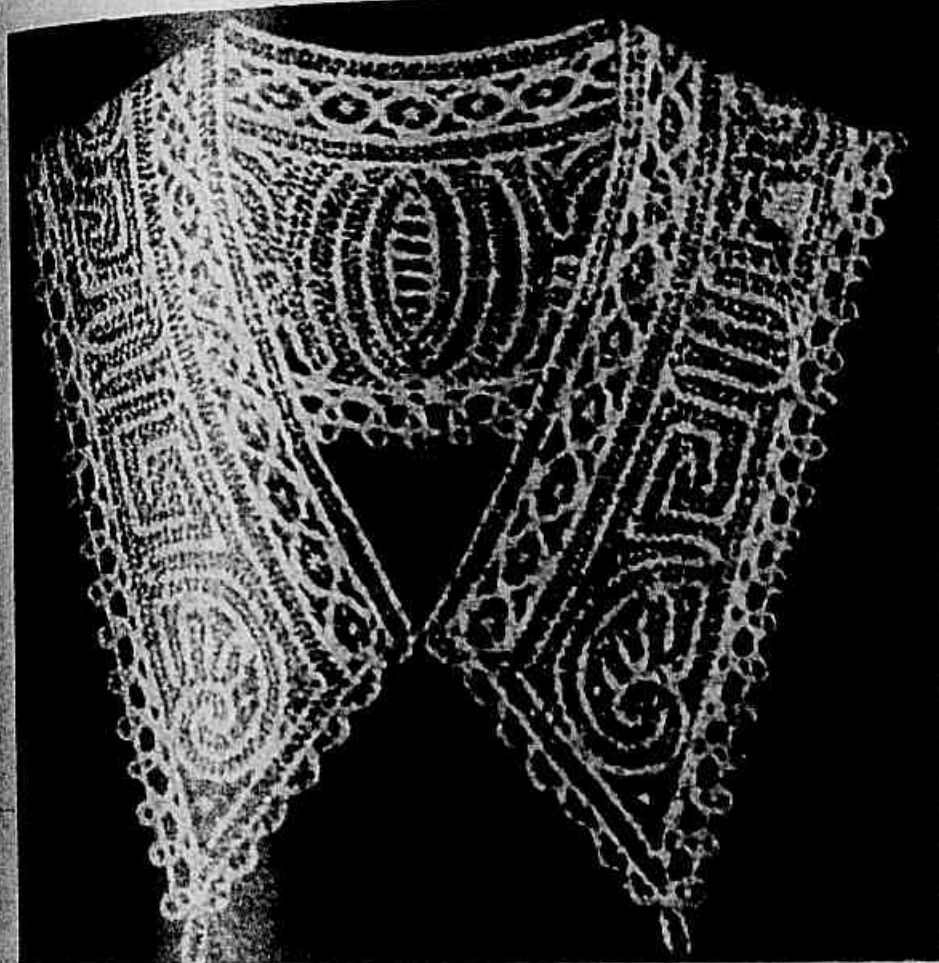


Golas em "lacet" de seda branca

Para guarnecer os vestidos, as golinhas ainda emprestam certo encanto. Essas golinhas são trabalhadas em "jours" e se fazem com um pequeno viés no qual é preciso preparar o comprimento necessário. Utilisamos um "lacet" de seda evitando assim a primeira preparação do viés. Aqui estão três mo-



delos de golas de forma diferente com a minucia do trabalho exposta na figura abaixo. Faz-se o desenho num papel impermeavel e, uma vez o "lacet" costurado sobre todos os contornos do desenho, executam-se os "jours" com "cordonnet" de seda.



Pura Lã

A GASALHE bem os seus filhinhos, comprando, para a próxima Estação de Inverno, os últimos modelos em artigos de pura lã que lhe oferece a maravilhosa "Seção de Crianças" da **NOTRE DAME**.

Casacos, roupinhas, vestidinhos e agasalhos feitos pelos mais hábeis especialistas da Moda Infantil.

Visite a "Seção de Crianças" da

NOTRE DAME de PARIS

Prata sobre o negro

Ai vão como legítima expressão do bom gosto moderno modelos e acessórios em cinza e negro, para a rua, numa tarde de outono e para a "feerie" dos salões, numa noite de baile.



Frescor DELICIOSO!



É possível sentir na boca uma deliciosa sensação de frescor, sempre que desejar — basta escovar os dentes com Creme Dental Squibb. É uma verdadeira delícia, por causa do seu esplêndido sabor — refresca a boca, purifica o hálito e os dentes não só PARECEM mais limpos — ESTÃO mais limpos. O Creme Dental Squibb foi preparado com a cooperação de odontólogos a-fim-de-lhe dar um dentífrico garantido e puro para uso diário — um eficiente colaborador doméstico dos cuidados profissionais do seu dentista. É submetido a não menos de 100 provas antes dos Laboratórios Squibb permitirem sua venda. Um elemento importante de sua fórmula é o eficaz *anti-ácido* que contém — Leite de Magnésia Squibb. Experimente Squibb — hoje mesmo.

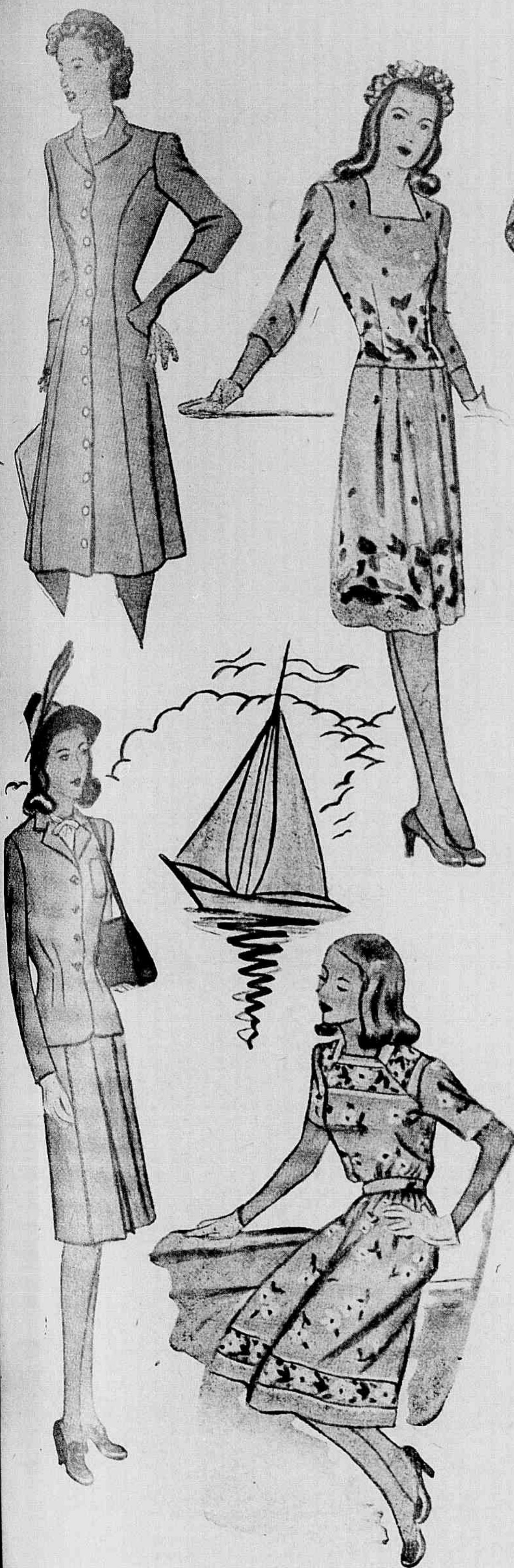
Creme Dental Squibb

252

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.





Uma vez, em São Michele...

Depois que o médico escandinavo escreveu sobre a ilha-fantasia, onde o sol transfigurava todas as coisas e o vento soprava incessante, mas leve como a carícia das espumas, enorme contingente de turistas foi visitar S. Michele. "Elas" também foram. O nosso desenhista ficou atento e, quando passaram sorridentes, uns traços rápidos fixaram para sempre as esbeltas silhuetas dessas americanas em turismo:

Elas:

Yo — Em estampado de fundo azul.

Lizzy — Costume simples de lã "beige".

Baby — Estampadinho em rosa.

Ann — Casaco quadriculado sobre saia crême.

Vicki — Em rosa escuro. Vestido esportivo.

A marca de PÉS DORIDOS está arruinando a sua face?



Dôres nos pés podem fazer-lhe parecer anos mais velha do que é.

Faces sulcadas pela dor; falta de disposição; nervos cansados; fadiga; mal-estar - estes são alguns dos resultados nocivos que pode causar um mal nos pés.

O Dr. Wm. M. Scholl, notável autoridade sobre males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. Estes contribuidores para a felicidade dos pés são vendidos nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é pequeno. Procure a marca Dr. Scholl.

CALOS - DÔRES NOS DEDOS

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL aliviam imediatamente as dores e extirpam suavemente os calos; eliminam a pressão do calçado; macios e acolchoados, impedem a formação de calos, dores nos dedos e bolhas d'água.



CALOSIDADES

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL, em tamanhos especiais para calosidades, aliviam a dor, amaciam e suavizam a pressão sobre o ponto dolorido; desprendem rapidamente e extirpam as calosidades.



JOANETES

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL, em tamanhos apropriados para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas; eliminam a pressão do calçado.



ARCOS DÉBEIS

O FOOT-EAZER DR. SCHOLL e exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doridos, as dores na perna e pé quando devido à debilidade ou caída dos arcos.



PÉS QUENTES E CANSADOS

O BALSAMO PÉDICO DR. SCHOLL dá alívio imediato, eliminando a ardência e cansaço dos pés muito doloridos.



PÉS SENSÍVEIS

O PÓ ANTISÉPTICO DR. SCHOLL normaliza a transpiração e refresca os pés sensíveis; torna cômodo o calçado apertado.



JOANETES

O REDUZIDOR DE JOANETES DR. SCHOLL, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do sapato, corrige a saliência e evita que se deforme o sapato.



Peritos do Dr. Scholl sempre à sua disposição para conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Peça exame sem compromisso de compra.

SUPORTES DE ARCO-REMÉDIOS

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFÔRTO DOS PÉS

RUA S. JOSÉ, 114 - RIO
RUA DO AROUCHE, 71 - S. PAULO

O leite, alimento numero 1

Mlle. SAVARIN

LEITE — (do latim lac, atis) — O leite é um liquido branco, opaco, de cheiro especial, de sabor levemente açucarado; a sua densidade varia de 1,028 a 1,034 á temperatura de 15°. Este liquido contem três albuminoides: a caseína, uma albumina simples (lactalbumina) e uma globulina (lactoglobulina). São estas ultimas que, coagulaveis pelo calor, formam sobre o leite fervido uma membrana fina, chamada vulgarmente a codea do leite. O leite tambem encerra manteiga, que resulta da aglomeração dos globulos, açucar no estado de lactose e diversos sais minerais: cloretos, fosfatos, carbonatos e mesmo sulfatos alcalinos e alcalinos-terrosos. Enfim encontram-se no leite fermentos figurados patogenicos.

O quadro seguinte dá a composição centesimal média do leite de diversas especies de animais que mais comumente se usam:

	VACA	EGUA	CABRA
Agua	86,13	82,8	79,1
Caseína e outros albuminoides	4,92	1,64	8,69
Corpos gordos	4,05	6,87	8,55
Lactose	5,30	5,50	2,70
Sais minerais	0,40	0,40	0,32

Exame do leite. Mede-se a densidade do leite com o "lactodensímetro". A dosagem rapida da manteiga faz-se a peso, depois da precipitação por meio do acido acetico e da lavagem por meio do alcool e do eter. A quantidade de açucar mede-se com o "sacarímetro"; enfim, os sais doseiam-se depois da incineração do extrato seco.

O leite aquoso ou azulado denuncia, o que é pessimo, a tuberculose na vaca ou, o que é grave, debilidade e magreza nas vacas; deve ser bem "refervido". O leite fetido indica que a vaca tem doença nos uberes. **NÃO DEVE SER CONSUMIDO ESTE LEITE.**

"Uso e conservação do leite": O leite deve ser consumido fresco, sinão altera-se rapidamente; a nata sobe á superficie, e finalmente, coalha. O melhor processo de conservação consiste em evaporá-lo até a quinta parte do seu volume e colocá-lo em recipientes hermeticamente fechados; quando tem de ser usado, adiciona-se-lhe a agua perdida durante a primeira manipulação.

O leite como alimento é excelente, facil de digerir, si não for ingerido em grande quantidade. Recomenda-se o leite para os dispepticos, e é indicado em todas as doenças febris, lesões renais, vesicais e intestinais.

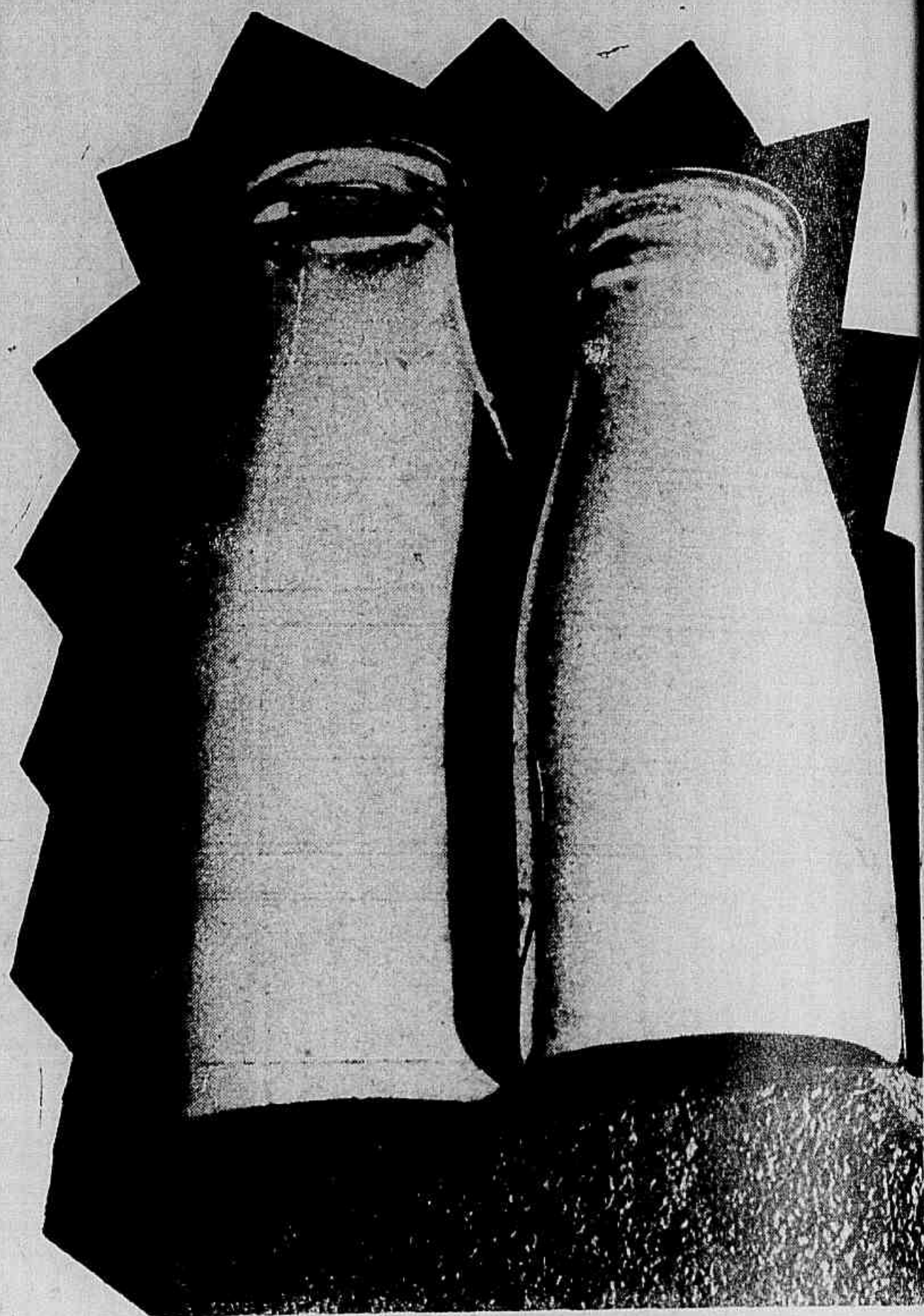
Antes de se tomar o leite, deve-se esterilizá-lo ou fazê-lo ferver bem, especialmente em se tratando de leite de vaca, visto que é frequente a tuberculose nesses animais.

Industrialmente os produtos obtidos com leite são em grande numero e têm alta procura. Fabricam-se com leite, a manteiga, queijo, requeijão, kékfir kumys e até mesmo tecido feito do leite, que está em grande uso na Europa. E agora umas receitas:

BOLO ALICE: Ingredientes: 300 grs. de farinha de trigo 100 grs. de manteiga, 300 grs. de açucar, 1 chicara de leite, 6 ovos — as claras em neve — e 2 colherzinhas de royal. Bata as gemas com o açucar, depois adicione as claras, a manteiga, a farinha com fermento e por ultimo o leite. Leve a assar em forma untada de manteiga.

COLCHÃO DE NOIVA — Ingredientes: 1 chicara de farinha peneirada com 1/2 de colhér de Royal, 1 chicara de leite, 2 chicanas de açucar, 4 gemas, 2 colhéres de manteiga, 1 pacote de fécula de batata.

Bata as gemas com o açucar e a manteiga e adicione, aos poucos, os outros ingredientes deixando o leite por ultimo. Depois leve a assar num taboaleiro untado de manteiga. Com as claras e 8 colhéres de açucar, bata um suspi-



ro. Corte o bolo em 3 pedaços iguais. Arrume em comprido, um sobre o outro, deitando um pouco de crême no meio e cubra o resto com suspiro. Após obter-se a fôrma de alcochoado coloque-se amendoas e confeitos.

Um "cock-tail" de receitas

BISCOITOS DE ARARUTA

Ingredientes: — 250 grs. açucar, 1 clara em neve, 3 gêmas, 250 grs. farinha de trigo, 250 grs. de manteiga. Depois de batidas as gêmas com o açucar, junte-se a clara e a manteiga. Depois de tudo bem batido, adicione-se a farinha peneirada. Se necessario, acrescente-se mais farinha até obter-se a consistência desejada. Dar aos biscoitos a fôrma preferida, levando-os, a seguir, ao forno.

BISCOITOS DELICIOSOS

Ingredientes: — 1 prato fundo de farinha, 2 colhéres de manteiga, 2 ovos, 1 colhér de fermento Royal, 3 colhéres de açucar. Após tudo muito bem amassado, faça-se os biscoitos em fôrma de palitos que, depois de dourados com gema e polvilhados com açucar, vão ao forno para assar.

GLACÉS PARA TORTAS

Junte-se ao caldo coado de 2 laranjas, 3 colhéres de açucar, levando-se ao fogo para engrossar um pouco. Despeja-se sobre o recheio da torta e deixa-se esfriar.

GLACÉ CRUA DE CAFÉ

Dissolve-se 250 grs. de açucar em 4 colhéres de café forte. Bate-se bem e espalha-se sobre a peça desejada. Alisa-se com uma faca, deixando-se secar á boca do forno.

LICORES DE ANISETTE

Ingredientes: — 450 grs. de agua, 450 grs. de açucar, 300 grs. de alcool retificado (40°), 20 gotas de essencia de aniz. Junte-se o açucar á água, levando-se ao fogo para dissolver. Retire-se do fogo e, ainda quente, junte-se as 300 grs. de alcool e a essencia. Filtre-se e engarrafe-se.

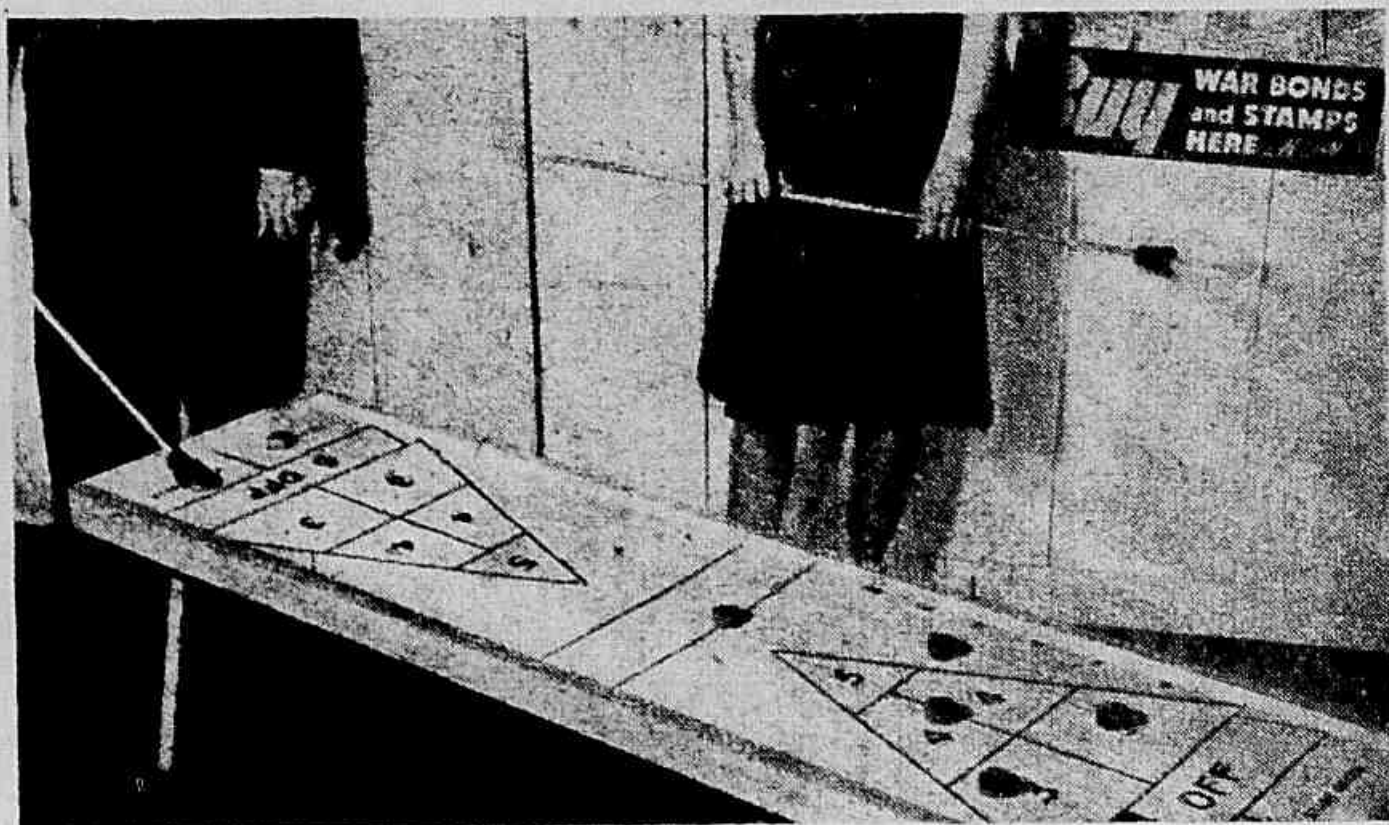
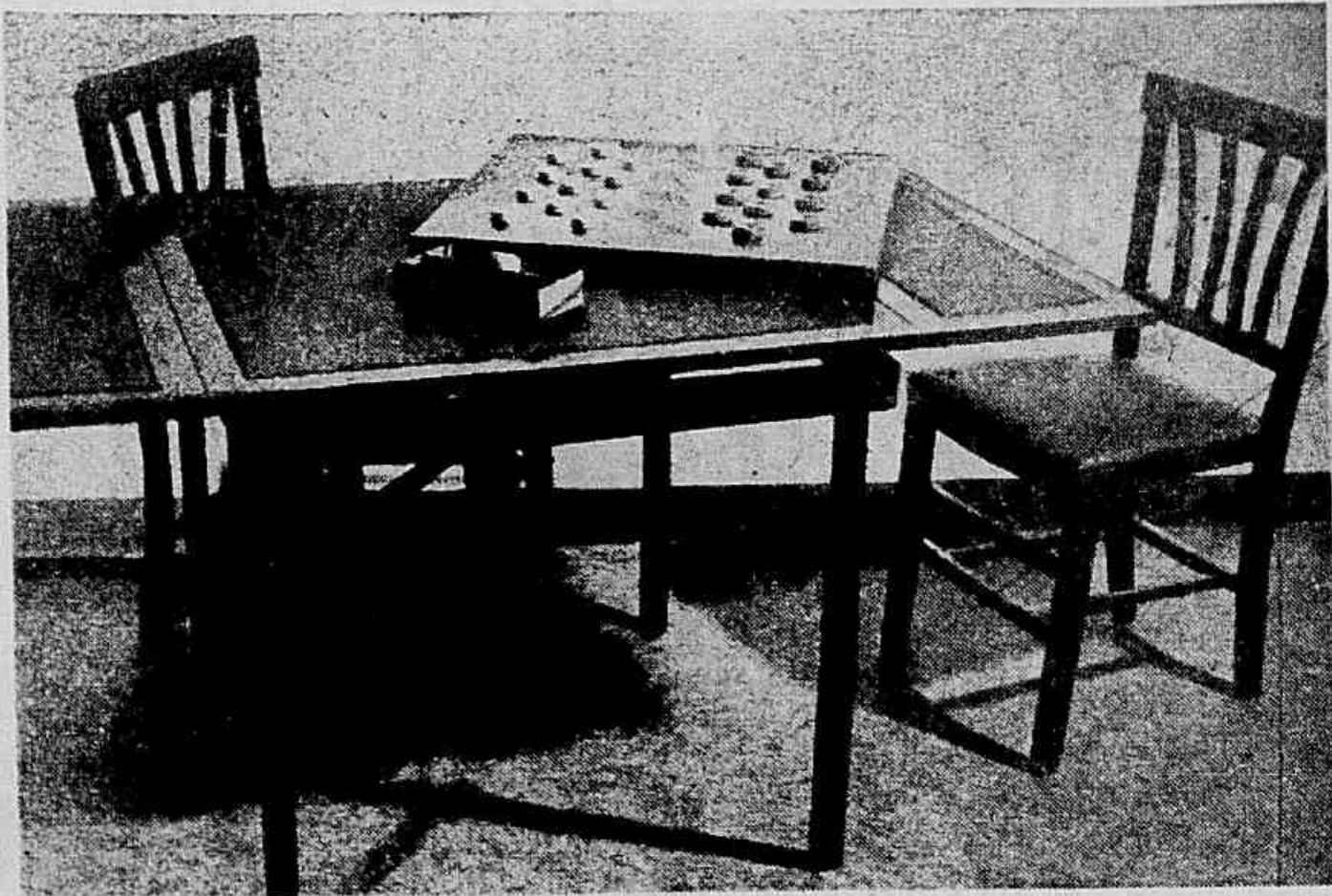
LICOR DE ABACAXI

Põe-se numa vasilha as cascas de um abacaxi e por cima, 3 chicanas de calda em ponto de pasta, levando-se ao fogo para ferver. Junte-se as cascas amareladas de duas laranjas e o suco de 1 laranja. Cobrindo-se com um pano, deixa-se repousar cerca de 6 horas. Cõa-se sem espremer, adicionando-se 1 1/2 litros de alcool retificado (40°). Filtre-se e engarrafe.

CALDA

Proporção: — Para cada 500 grs. de açucar, 2 chicanas de agua. Misturar bem o açucar com a agua e uma clara batida, levando-se ao fogo. Retira-se quando levantar a fervura, deixando-se repousar cerca de 10 minutos. Com uma espumadeira, retira-se a espuma grossa. Uma vez limpa, leva-se novamente á calda ao fogo, para que vá tomando os diferentes pontos, á medida que vai ferver. O uso do sacarometro é mais aconselhavel.





“Venha, olhe que é um “pockerzinho” familiar

Com o racionamento da gasolina e a dificuldade de condução voltam á moda os velhos jogos familiares: loto, damas, xadrez, “pocker”, etc...

Se o senhor gosta dessa especie de diversão e costuma telefonar para os amigos, insistindo: “Venham, olhem que um bom joguinho mata o tempo”, sugiro esses simples e elegantes tipos de jogos e interiores.

MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

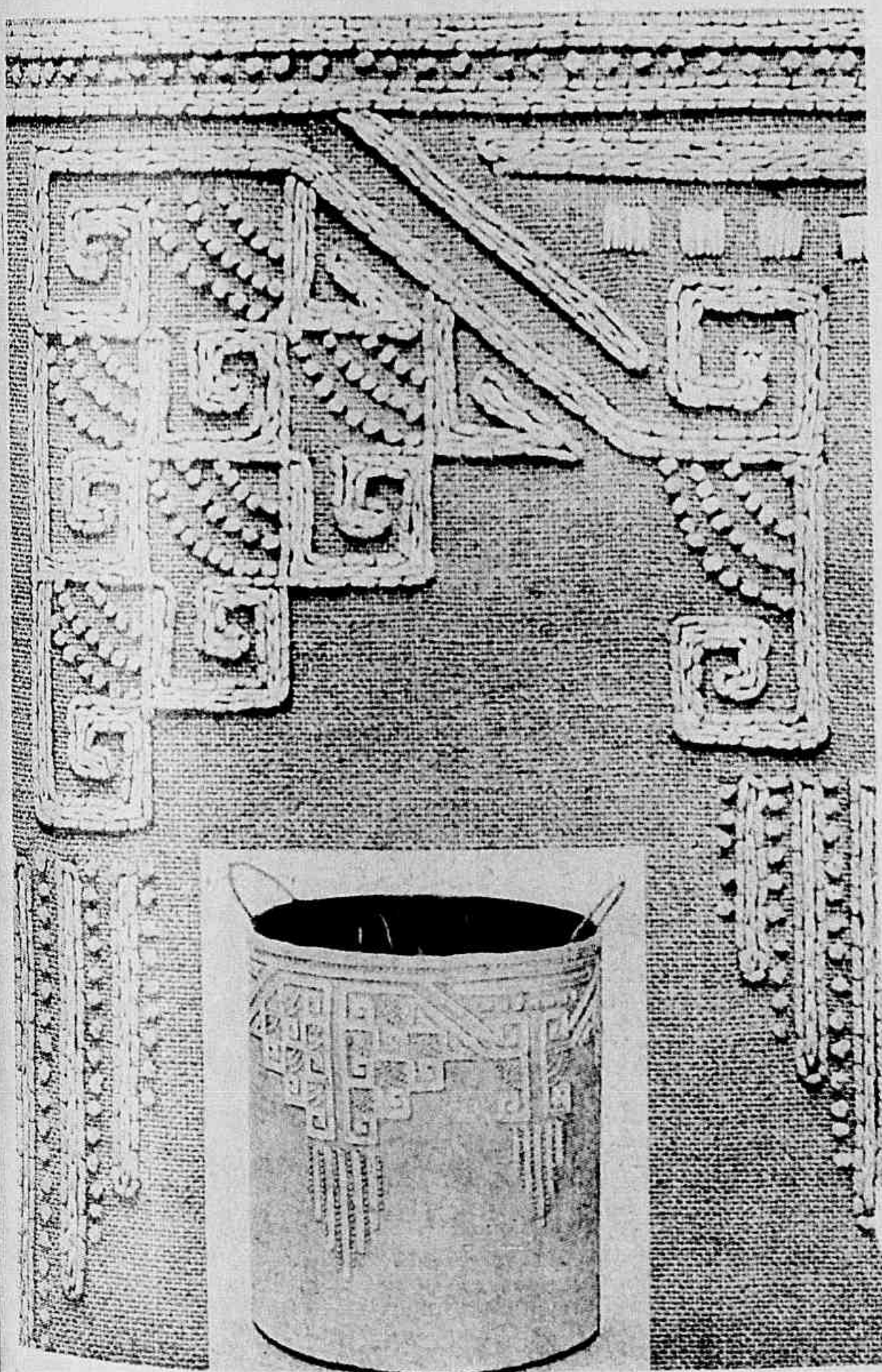
Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto á fábrica de Moveis “Lamas”, nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliarios nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretenda adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica “Lamas” mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis “Lamas” vendidos exclusivamente nos mostruários anexos á fábrica; com facilidade, em certos casos, de pagamento.

Cesta para papeis guardada de bordado moderno sobre etamine.

O PREÇO DA “REVISTA DA SEMANA”

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.



Sucuriçú

(Continuação da pag. 11)

po alegre de vaqueiros. Cercaram-nos, interrogaram-nos. O homem foi reconhecido; era um garimpeiro de "Berbice", célebre pela perversidade e pela força. Os vaqueiros laçaram-no, escoltaram-no até a fronteira da Guiana, onde o deixaram sob a vigilância da polícia inglesa. "Iaê" foi conduzida para a margem do "Mau" e entregue ao Delegado dos índios.

Decorre, ligeiro e fácil, todo um ano de paz. "Iaê" civilisara-se, adaptara-se a novo meio, compreendendo e falando a nossa língua. Despresara a tanga dos ancestrais, e movia-se, embora com dificuldade, dentro de uma larga saia de "riscado". Todavia, apesar de tão ingressada na civilização, mantinha ainda o mesmo caráter: — séria, tranquila, imperturbável, sem carinhos e sem maldades, numa quieta resignação de exilada e vencida.

O Delegado dos índios confiara-a aos desvelos e à probidade da família de um vaqueiro, o Antonio Moura. Era uma gente rude e honesta, que viera do Piauí numa leva de emigrantes. O vaqueiro, a mulher — a quem chamaram simplesmente Sinh'Ana — e três filhos pequeninos, viviam de uma incipiente agricultura e de algumas rezas de "meiação", numa fazendinha fértil — a "Esperança" — na margem brasileira do "Mau".

Ao princípio receberam a intromissão da selvagem nos seus hábitos familiares, e olhavam-na com uma desconfiança hostil. Mas a "Iaricuna" não se apercebia dessa aversão, e trabalhava, calada, insociável, insensível, sem demonstrar por essa gente nenhum sentimento de gratidão ou de simpatia. Não falava, não aludia à sua tribo, à sua Malóca, à sua vida anterior, como se toda a sua existência passada houvesse desaparecido para sempre. Apenas, em certas horas da tarde, das tardes claras de verão, viam-na imóvel, hirta, hipnotizada, no meio do campo onde o vento do nordeste se arremessava livre e largo. Nessa atitude de espreita e de ansiedade, fitava deslumbrada a imensa cordilheira, toda azul sob o esplendor do sol, para além dos "lavrados". O sol baixava, sumia-se por trás das serras longínquas, avermelhando as cristas altas dos montes, como se as adornasse uma fulgurante grinalda de fogo. A noite descia socegada e doce na tristeza dos "campos gerais". "Iaê" voltava, devagar, absorta, silenciosa, traspassada por uma aguda melancolia.

Trabalhava. Nos serviços caseiros, no campo, nas roças, começava e terminava a longa tarefa, indiferente ao sol e à chuva. Ninguém lhe via no rosto e nos modos uma satisfação ou um protesto, e desde a alvorada ao anoitecer, fosse leve ou rude a sua lida, conservava o mesmo traço de submissão e de impassibilidade, como se a sua alma fosse um reflexo do seu corpo — um corpo de bronze olímpico e húmido, e mais frio e mais inerte que o bronze.

Por esse tempo, justamente um ano depois da entrega da "Iaricuna" ao vaqueiro, houve na "Esperança" um caso horrível. Uma tarde em que o filhinho mais velho de Antonio Moura, uma criança de cinco anos, tomava o seu banho habitual, no rio, subitamente desapareceu. Nesse trecho o "Mau" era pedregoso e profundo, formando um grande poço onde as águas remansavam. Do lado oposto, nas terras da Guiana Inglesa, a margem escura e alta erguia-se num barranco a pique, e as ingaranas deitavam sobre as águas a sombra dos ramos inclinados. "Iaê" estava com a criança, distraída, lavando a roupa, e não a vira afastar-se, correndo, brincando sobre o pedregulho, ora a saltar sobre os lagêdos, ora a banhar-se no rio. E de repente um grito, uma horrível exclamação de pavor; uns bracinhos que se debatiam; a água revolta; uma comoção de catástrofe!

Aos brados da índia correram o vaqueiro e a mulher, alucinados. "Iaê" explicava depressa, gesticulando, o trágico desaparecimento. E todos viram, esgazeados: — no meio do rio, mesmo no largo remanso, havia ainda um convulso torvelinho, como se no fundo do abismo alguma coisa viva e bruta se contorcesse em desespero.

Antonio Moura arrojava para um lado, sobre as pedras, a blusa de mescla; apertava na mão a faca de ponta, e ia atirar-se à água, quando a mulher o deteve pelo braço, implorando:

— Não! Não! E' sucuriçú! Você vai morrer. Pelo amor de Deus!

O vaqueiro, desvairado, repeliu-a violentamente, bradando, urrando, num rancor que o desfigurava:

— Arreda, mulher! Seja o que for; seja o diabo! Eu vou buscar o meu filhinho!

Arremessou-se de um pulo, mergulhou. Veio à tona, ofegante, nadou até o remanso e mergulhou de novo sobre o torvelinho que ia a pouco e pouco serenando.

Durou um minuto, um minuto que parecia sem termo, o tétrico mergulho. A mulher aos brados corria pela margem, desganhada, louca, ajoelhando-se nos brancos lagêdos, pedindo, suplicando, levantando nos braços outro filho, num apelo delirante. Enfim, Antonio Moura surgiu no meio da remanso e nadou para a terra, desorientado, vencido, a arquejar:

— Foi se embora. Não vi mais nada...nada...Meu filho! Meu pobre filhinho!

E abraçou-se à mulher, tomado de soluços, gemendo, subjugado pela desventura que o aniquilava.

Sobre o triste acontecimento passaram os dias. O vaqueiro sondou o poço nefando; comprou a um garimpeiro do "Iramutã" cartuchos de dinamite e fê-los explodir no remanso; varou com arpão e haste as águas do rio; passou dias e noites à margem do "Mau", observando, os olhos cheios de lágrimas, o rifle ao lado, pronto, com a bala na agulha. Vagou por toda parte, indagando dos visinhos e dos viajantes. Ninguém vira a passagem do monstro. Apenas um caboclo do "Surumú", que andava "mariscando", afirmava, meio bêbedo, que uma noite avistara sobre as águas tranquilas, na muda escuridão, duas tochas que brilhavam sinistramente como um clarão gelado e branco.

E compadecido da negra dor que atravessava a alma do vaqueiro, convencido-o num doce consolo:

— Era a bicha! Já tenho visto cobra grande descendo o rio, de noite. Faz medo!

— Talvez fosse — murmurou Antonio Moura, incrédulo, sentindo o hábito agudizado do companheiro.

O caboclo remava ao seu lado, e garantia com entusiasmo:

— Era cobra grande! Descia pra o "Tacutú", a toda. Nem que vê uma lancha!

Antonio Moura voltou para a casa, suspirando. Ah! Se ele a visse, essa cobra infame e monstruosa, descendo o rio, com os olhos como dois facho rutilando na noite! Se pudesse despejar-lhe no corpo as doze balas do seu rifle!

Mas, apesar do seu demasiado amor ao primogênito e da saudade que o amolecia, a sua atenção desviava-se para outro caso. Sinh'Ana dava-lhe, entre sobresaltos e perigos, mais um rebento. Ela que fora sempre fecunda e forte, lançando os filhos ao mundo com uma naturalidade e uma simplicidade de fada moça, tinha dessa vez embarços e agonias que o assustavam. Atravessou, entretanto, todas as crises, reagindo, com uma serena confiança nos seus santos e no seu organismo. E numa quieta madrugada toda a casa acordou ao choro de uma pequenita roliça e vermelha.

A esses atormentados dias sobrevieram outros de paz e de ventura. Sinh'Ana continuou na sua labuta, alegre e robusta. Antonio Moura voltou ao trabalho, afogando na peleja das "campeadas" e das "ferras" a recordação e o pesar. A desmancha da roça, o gado, os "chirimbabos", o seu último descen-

jente, tomavam-lhe as horas todas e todos os cuidados, — e sobre a "Esperança" passou suavemente, nesse farto verão, numa larga, iluminada felicidade.

Durou, porém, apenas um curto verão essa fortuna. Seis meses depois do nascimento da menina, um fato doloroso e inverossímil abalou o casal. Outro filho, o segundo, desapareceu no fundo remanso do rio, numa nublada manhã em que "Iaê" lavava a roupa e a criança brincava ali perto, nua, a banhar-se.

Não é possível explicar o desespero, o transe, a angústia desse acontecimento. Torturado, abalado pelo desgosto, Antonio Moura entregou-se a uma fúnebre melancolia, abandonando os serviços, a mulher, a casa, postado dia e noite, à margem do "Mau", numa espreita cruel, perfurando com os olhos doloridos a água que remansava. A mulher vendo a sua atitude calçou a própria máguia, consolando-o, guiando-o, resando, a tremer daquela sombria obstinação.

Foi nessa época de aflições que a índia "Iaricuna", resolutamente, sem pedidos e sem conselhos, tomou conta da Fazenda. Antonio Moura, esmagado e ensandecido, perdia-se em cismas pelo rio e pelos campos, gemendo, numa transfiguração de sorâmbulo. Sinh'Ana seguia-o, confortava-o, apreensiva e triste. A propriedade ao desamparo apresentava um prematuro aspecto de ruína. A índia, então, ela só, num admirável heroísmo, absorveu todos os encargos, e dia e noite, pelos currais, pelo campo, pelas roças, por toda parte onde houvesse a necessidade da sua força e do seu raciocínio, dirigia tudo, providenciava, velava, sem sorrisos e sem queixas, — muda, sóbria, infatigável.

Encarregou-se dos mais áspetos trabalhos. Campeava o gado, mugia as vacas, torrava a farinha, macava a rez para o sustento, concertava as cercas. Muitas vezes ia terminar os serviços noite alta, exausta, esgotada, enrolando-se para um canto do alpendre, esperando a madrugada que a encontrava de pé, ágil e vigilante.

Enfim, guiado pela doçura e pela infinita paciência de Sinh'Ana, o vaqueiro ia voltando aos seus hábitos. E compreendendo a dedicação da pobre "Iaricuna", dizia continuamente, numa gratidão aberta e viva:

— Foi a nossa salvação! Foi a nossa felicidade, essa criatura!

Sinh'Ana, solícita, olhando a índia com ternura, confirmava:

— Ah! Se não fosse ela! Que seria de nós?!

E ele e a mulher passaram a admirar com atenção e carinho aquela índia modesta, que os livrara da miséria: Antonio Moura com a vaga idéia de procurar um casamento para a selvagem; Sinh'Ana prometendo um vestido novo pelo Natal.

Veio a tranqüilidade. Durante meses a "Esperança", prosperou, sob a atividade e o zelo do vaqueiro. Sinh'Ana de novo engrossava a cintura numa fecundidade risonha e fácil. Antonio Moura lidava nas campeadas, com outros vaqueiros, atravessando serras e "lavrados", numa liberdade de nômade galopando no seu deserto. Pela casa, pelos campos, pelas roças, passava novamente, nesse claro verão tropical, uma doce felicidade.

Mas a felicidade sempre foi curta e falaz! E certamente a "Esperança" fora — por uma atroz ironia dos fados — destinada à mais espantosa tragédia!

Antonio Moura estava nos campos do "Iê-Iê" quando recebeu a notícia que lhe trouxera um camarada: — outro filho suuira-se no remanso do rio, tragado pela sucuriçú! Correu para a casa, meio louco, e assaltado de assombro e de horror cuidou imediatamente de procurar outro abrigo para a família. Levou a mulher e o último filho para a casa de um amigo. A mudança sossegou-o. Durante um mês lá ficou, atordoado, irresoluto, sem coragem para voltar à Fazenda, que ficou entregue a "Iaê". Depois procurou vender a "Esperança", e passou-a a um sujeito do "Tacutú", às pressas por um preço insignificante.

Foi com o mais pungente sacrifício que, por uma serena manhã de Setembro, Antonio Moura resolveu ir buscar os seus pobres móveis, os seus "chirimbabos" e a índia.

Chegou, e ao contrário do que esperava, viu a casa em abandono, o terreiro sujo, os animais famintos, uma triste desordem que a confrangia. Dentro, na casa, era pior ainda. Chamou, então, a índia, surpreendido. Mas vendo que ela se demorava, quis pela última vez observar o execrável remanso que lhe devorara os filhos.

Para lá moveu os passos, como se partisse para o extremo suplicio. Seguiu pela trilha aberta no capim, até o rio, escondido por uma orla de "ingaranas". Deixou depois a trilha, e caminhava por entre essa orla de arbustos esgalhados, quando sentiu por ali passos leves de alguém que se aproximava. O vaqueiro admirado ocultou-se entre os ramos. De repente dois braços morenos afastam os galhos, e ele vê a índia, circunvagando os olhos que brilhavam, com um sorriso na boca — o único sorriso que lhe vira em dois anos de convivência!

"Iaê" caminhava, mais leve, mais lenta, o ouvido atento. Foi até junto a água onde estava o lagêdo em que costumava bater a roupa. Era uma lage fina, branca, de quase um metro quadrado. Olhou ainda em torno, numa suspeita, e depois, tranqüila, segura, curvou-se e começou a erguer devagar, num esforço de todos os músculos, a pedra enorme. Levantou-a e ficou a olhar para a terra que a lage cobrira, — fascinada, risonha, feliz.

O vaqueiro aproximou-se para vêr também essa coisa misteriosa que arrancava daqueles lábios tão enlevado sorriso. Talvez estivesse ali, sob aquela fina lage, um pouco de ouro, desse puro ouro de aluvião, que desde a "Roraima" ao "Cuano-Cuano" faiscava nos leitos dos rios e dos "igarapés". Era bem possível. Muitas vezes os garimpeiros da Guiana e da Venezuela percorriam essas terras escabrosas e desconhecidas do "Iramutã", do "Uailã" e do "Quinô", e de lá traziam nas sacolas o ouro que vendiam no Rio Branco. Antonio Moura pensou, sorrindo também, que só esse ouro, com a sua sedução e o seu brilho, poderia perturbar o coração da "Iaricuna"! Certamente "Iaê" vira quando ele chegara; certamente ouvira a sua voz, chamando-a; e sabendo que iria partir, deixar para sempre a "Esperança", aproveitava esses últimos momentos para, pela última vez, revêr o seu deslumbrante, encantado tesouro.

Aproximou-se ainda mais, colocou-se ao lado da índia, emocionado, abalado, o largo peito a estalar.

E viu! No sólo havia uma excavação, e dentro dela um mentículo de ossos e um cadáver pequenino que se decompunha, disforme, viscoso, nauseabundo.

Num relâmpago de raciocínio Antonio Moura compreendeu tudo — e segurando a índia pela garganta, bradava, alucinado:

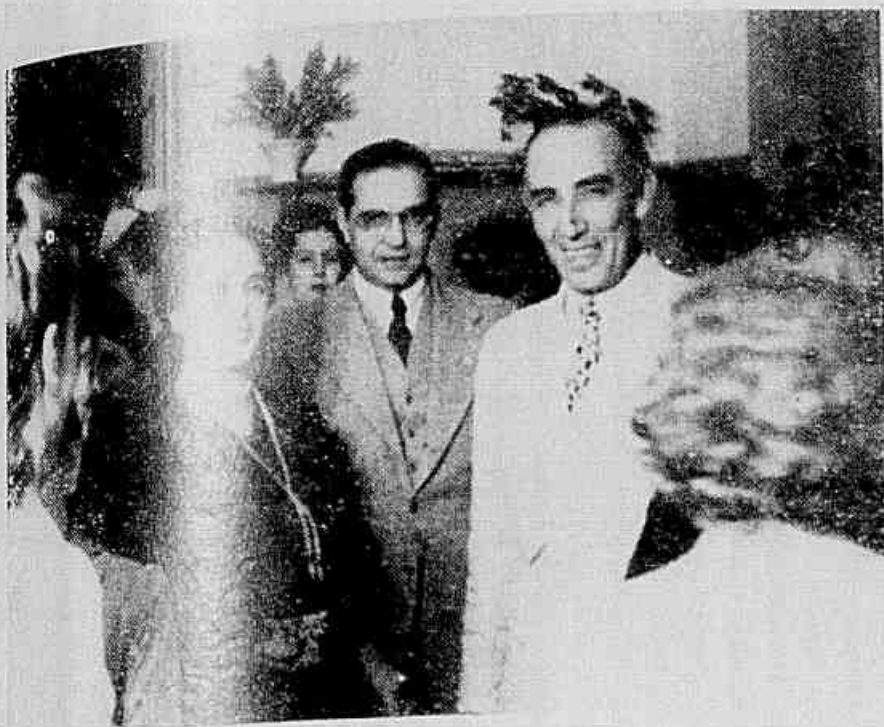
— Ah! Eras tu a infame serpente! Eras tu que devoravas os meus filhinhos! Eras tu! Pois vais morrer!

Os seus dedos apertavam a garganta da "Iaricuna", devagar, numa lentidão cruel, como se quisesse retardar a volúpia da sua vingança.

Um olhar de ódio, sinistro, voraz, inflexível, fulgia nas pupilas da índia, que derrubada, asfixiada, uivava num estertor:

— Não. A primeira foi a cobra grande. As outras, fui eu...fui eu...Brancos...malditos!...

FIGURAS E FATOS

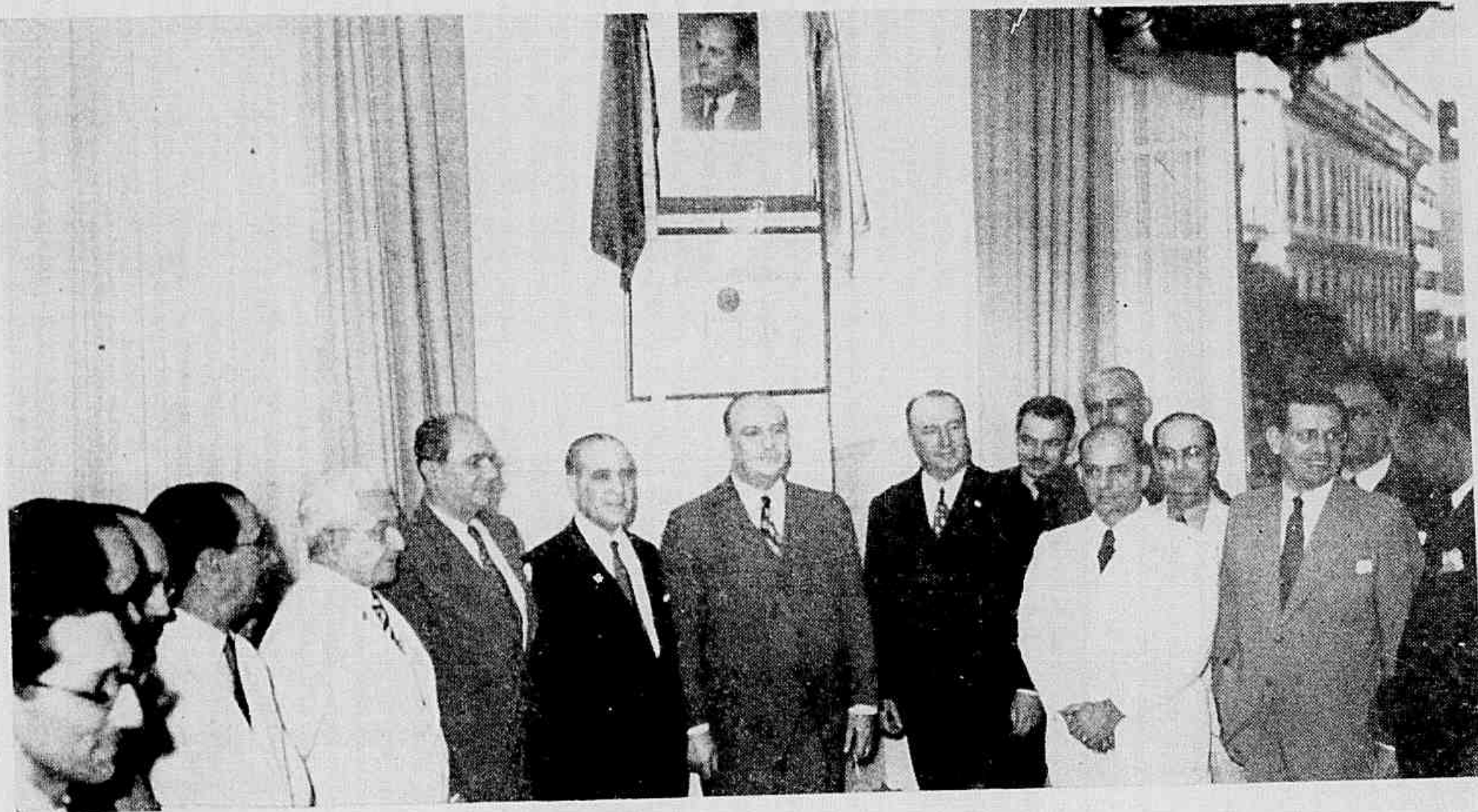


NA "INSTITUIÇÃO CARLOS CHAGAS" — Foi iniciada com entusiasmo e brilhantismo a "Campanha da Saude" da Instituição Carlos Chagas. Sob a presidência da senhora Alice Tibiriçá, reuniram-se na rede da mencionada Instituição elementos da alta sociedade carioca tendo discutido e assentado as bases em que se desenvolverá o movimento.



ALBERTO QUATTRINI BIANCHI

Assinalou-se, 29 de Maio a data da passagem do aniversário natalício do Sr. Alberto Quattrini Bianchi, nome bastante conhecido em todos os círculos sociais do país. Ainda, o Sr. Alberto Bianchi já é, entre nós, uma situação de inegável prestígio na so-



TOURINC CLUB — Flagrante obtido quando era inaugurado, no salão nobre desta instituição, o retrato do sr. Souza Costa, ministro da Fazenda. Saudado pelo sr. Murtinho Nobre, agradeceu o homenageado em brilhante improviso. Encerrando o ato, o escritor Berilo Neves fez o brinde ao presidente Getúlio Vargas.

cidade, situação que lhe adveio das próprias qualidades que lhe esornam o caráter. Tendo organizado várias indústrias, entre as quais as indústrias de natureza social, a que ele empresta o

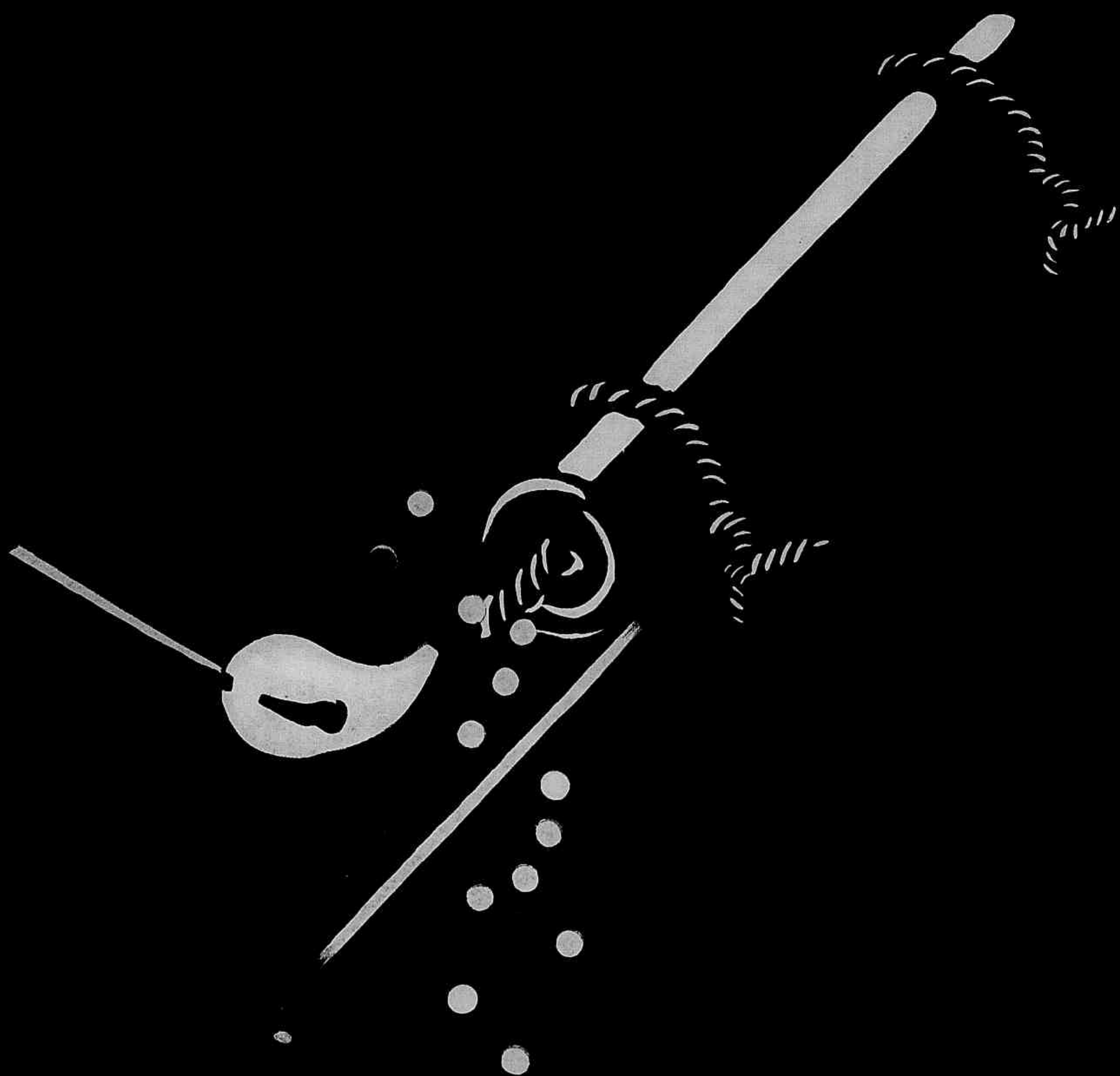
cuidado de verdadeiro conhecedor, ele vê com satisfação não só que as suas iniciativas prosperam, dia a dia, como satisfazem a um verdadeiro imperativo popular. Daí o conceito de que

goza, e o crédito de que é possuidor.

Os seus amigos numerosos testemunharam-lhe naquela data as mais efusivas demonstrações de consideração e estima.



Antes da reunião de domingo no Hipódromo da Gavea, em que a prova principal era o "Grande Premio Dr. Marciano de Aguiar Moreira", a Diretoria do Jockey Club Brasileiro, tendo à frente o ministro Salgado Filho, foi ao Cemitério de Catumbi, onde depositou uma coroa flores no túmulo do patrono da grande prova. No clichê vêem-se a família do Dr. Marciano de Aguiar Moreira, membros da Diretoria do Jockey, e a coroa que foi depositada na sepultura do homenageado.



2 MILHÕES